

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA**

ANNA CAROLINA PASQUALI

**LINGUAGEM E IDEOLOGIA: O CONCEITO DE *SIGNO IDEOLÓGICO* DO
CÍRCULO DE BAKHTIN EM DISCURSOS POPULISTAS NO BRASIL**

Caxias do Sul

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

P284L Pasquali, Anna Carolina

Linguagem e ideologia [recurso eletrônico] : o conceito de signo ideológico do Círculo de Bakhtin em discursos populistas no Brasil / Anna Carolina Pasquali. – 2024.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2024.

Orientação: Carina Maria Melchiors Niederauer.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Linguagem e línguas. 2. Ideologia. 3. Populismo. 4. Análise do discurso. I. Niederauer, Carina Maria Melchiors, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 81'1

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

LINGUAGEM E IDEOLOGIA: O CONCEITO DE *SIGNO IDEOLÓGICO* DO CÍRCULO DE BAKHTIN EM DISCURSOS POPULISTAS NO BRASIL

Anna Carolina Pasquali

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Linguagem e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 30 de agosto de
2024.

Banca Examinadora:

Dra. Carina Maria Melchiors Niederauer
Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Dr. João Ignácio Pires Lucas
Coorientador
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Cláudio Primo Delanoy
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Tânia Maris de Azevedo
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo à minha mãe, por sempre ter acreditado no meu potencial, e à minha irmã, por ter estado do meu lado desde sempre e por me encher de orgulho com cada coisa que ela faz.

Agradeço aos meus amigos, que vibraram a cada etapa concluída. Em especial, à Vanessa, que mesmo a milhares de quilômetros de distância, acompanhou cada momento da minha jornada como mestranda — assim como fez durante minha graduação.

Deixo o meu muito obrigada para a professora Carina, que topou me orientar mais uma vez e possibilitou a concretização deste trabalho; a parceria dela foi o que me incentivou a seguir me dedicando à minha vida acadêmica. Ao professor João Ignácio, que abraçou a ideia desta pesquisa e, com todo seu conhecimento e disponibilidade, foi uma ajuda fundamental para o processo.

Agradeço ao meu pai, que partiu. Sou imensamente grata por ele nunca ter deixado de expressar o quão orgulhoso ele foi de presenciar cada conquista minha. Espero que, de onde quer que ele esteja, o orgulho de me ver concluindo mais uma etapa ainda exista.

Por fim, agradeço à Carolina, minha companheira e maior incentivadora. Mesmo nos meus momentos de incerteza, ela sempre foi convicta de que eu conseguiria. Muito obrigada por ter sido a fortaleza que me deu impulso para ousar alçar esse voo.

RESUMO

Esta dissertação consiste em uma análise de discursos que apresentam elementos da retórica populista a partir do conceito de *signo ideológico* presente nos estudos do Círculo de Bakhtin. A presente pesquisa tem como objetivo geral demonstrar as diferenças de sentido de alguns termos similares utilizados em discursos que apresentam retórica populista, tanto de Luiz Inácio Lula da Silva quanto de Jair Messias Bolsonaro, resultantes de vieses ideológicos divergentes. Ao realizar uma análise de discursos populistas no Brasil, baseada nos estudos teóricos do Círculo de Bakhtin e de Ernesto Laclau, esta pesquisa observa os signos neles atualizados e, também, a ideologia que os constitui. O estudo está organizado em três partes. No primeiro capítulo, é apresentado o conceito de populismo a partir dos estudos de Ernesto Laclau (2008), que considera o populismo como uma lógica política que tem como base a construção do ‘povo’ e apresenta elementos linguísticos como os *significantes vazio e flutuante* em seus discursos. No segundo capítulo, são revisitados os estudos do Círculo de Bakhtin, em especial o conceito de *signo ideológico* e a noção de que a língua é constitutiva da ideologia, além de apresentar a ideia de que o horizonte social dos indivíduos impacta diretamente a compreensão de um discurso. Por fim, o último capítulo estabelece uma relação entre os estudos do Círculo de Bakhtin e de Ernesto Laclau, apresentando uma contextualização histórica e política de Lula e Bolsonaro. Posteriormente, são observados os discursos desses líderes políticos, utilizando como *corpus* discursos oficiais proferidos durante seus mandatos. A análise alia a teoria do Círculo de Bakhtin à perspectiva de Laclau sobre o populismo, considerando que os signos são ideológicos e que sempre carregam em si uma percepção da realidade, inevitavelmente construída sob a influência do contexto social em que o discurso é produzido.

Palavras-chave: Linguagem; Signo ideológico; Ideologia; Populismo.

ABSTRACT

This dissertation is an analysis of discourses that present elements of populist rhetoric based on the concept of *ideological sign* in the studies of the Bakhtin Circle. The objective of this research is to demonstrate the differences in meaning of some similar terms used in discourses featuring populist rhetoric, presented by Luiz Inácio Lula da Silva and Jair Messias Bolsonaro, resulting from divergent ideological biases, through the notion of *ideological sign*. By analyzing populist discourses in Brazil, based on the theoretical studies of the Bakhtin Circle and Ernesto Laclau, this research examines the signs utilized in these discourses and the ideology that constitutes them. The study is organized in three parts. The first section presents the concept of populism based on the studies of Ernesto Laclau (2008), who considers populism as a political logic grounded in the construction of the "people" and features linguistic elements such as the *empty* and *floating signifier* in its discourses. The second section revisits the studies of the Bakhtin Circle, especially the concept of *ideological sign* and the notion that language is constitutive of ideology, as well as presenting the idea that the social horizon of individuals directly impacts the comprehension of a discourse. Finally, the last section establishes a relationship between the studies of the Bakhtin Circle and Ernesto Laclau, offering a historical and political contextualization of Lula and Bolsonaro. Then, the discourses of these political leaders are analyzed, using as a corpus official speeches delivered during their terms in office. The analysis combines the theory of the Bakhtin Circle with Laclau's perspective on populism, considering that signs are ideological and always carry a perception of reality, inevitably constructed under the influence of the social context in which the discourse is produced.

Keywords: Language; Ideological sign; Ideology; Populism.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Ocorrência do signo ‘povo’ em excertos do discurso de posse da presidência da República de Jair Bolsonaro (2019)..... | 53 |
| Quadro 2 – Ocorrência do signo ‘povo’ em excertos do discurso de posse da presidência da República de Luís Inácio Lula da Silva (2023)..... | 54 |
| Quadro 3 – Ocorrência do assunto ‘segurança’ em excertos do discurso de posse da presidência da República de Jair Bolsonaro (2019)..... | 58 |
| Quadro 4 – Ocorrência do assunto ‘segurança’ em excertos de pronunciamentos do discurso de posse de Lula (2023) e sua fala na Assembleia Geral da ONU (2023)..... | 59 |
| Quadro 5 — Ocorrência do assunto ‘economia’ em excertos de pronunciamentos do discurso de posse de Bolsonaro (2019) e sua fala na Assembleia Geral da ONU (2022)... | 62 |
| Quadro 6 – Ocorrência do assunto ‘economia’ em excertos de pronunciamentos do discurso de posse de Lula (2023) e sua fala na Assembleia Geral da ONU (2023)..... | 64 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2 POPULISMO: CONCEITO E DEFINIÇÕES..... | 11 |
| 2.1 SIGNIFICANTES VAZIOS E FLUTUANTES..... | 12 |
| 2.2 CONSTRUÇÃO DO POVO E IDENTIDADE POPULAR..... | 15 |
| 2.3 SURGIMENTO DO POPULISMO..... | 21 |
| 2.4 POPULISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS..... | 25 |
| 3 CÍRCULO DE BAKHTIN: LINGUAGEM E IDEOLOGIA..... | 31 |
| 3.1 IDEOLOGIA..... | 31 |
| 3.2 PALAVRA E SIGNO IDEOLÓGICO..... | 34 |
| 3.2.1 Significação e tema..... | 36 |
| 3.3 ENUNCIADO..... | 38 |
| 3.4 CONSCIÊNCIA E COMPREENSÃO..... | 41 |
| 3.4.1 Processo de compreensão do discurso..... | 45 |
| 4 DISCURSOS POPULISTAS E A LINGUAGEM IDEOLÓGICA..... | 47 |
| 4.1 MÉTODO DE PESQUISA..... | 47 |
| 4.2 APROXIMAÇÃO DE CONCEITOS: CÍRCULO DE BAKHTIN E ERNESTO LACLAU..... | 48 |
| 4.3 LULA X BOLSONARO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO..... | 50 |
| 4.3.1 Luís Inácio Lula da Silva..... | 50 |
| 4.3.2 Jair Bolsonaro..... | 51 |
| 4.4 DISCURSOS POPULISTAS NO BRASIL: LULA X BOLSONARO..... | 52 |
| 4.4.1 Formas linguísticas em comum..... | 52 |
| 4.4.1.1 <i>Povo</i> | 52 |
| 4.4.1.2 <i>Segurança</i> | 57 |
| 4.4.1.3 <i>Economia</i> | 62 |
| 4.4.2 Influência de vozes sociais no discurso..... | 66 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 70 |
| REFERÊNCIAS..... | 73 |
| ANEXOS..... | 77 |

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste em uma análise de discursos que apresentam elementos da retórica populista de duas figuras do cenário político no Brasil, Luís Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro, a partir do conceito de *signo ideológico* presente nos estudos do Círculo de Bakhtin. Esta investigação surge a partir do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em minha graduação em Letras-Português, que consistiu em uma análise da obra *1984*, de George Orwell, focada na “Novafala”, intitulado *Novafala: a língua como instrumento de manipulação em 1984, de George Orwell* (2020), baseando-se principalmente no conceito de *signo ideológico* do Círculo de Bakhtin, que defende a ideia de que todos os signos e, portanto, a língua, são influenciados por diferentes ideologias, bem como pelo contexto enunciativo, tornando-se território social e, ao mesmo tempo, agindo sobre a consciência. Após a conclusão da graduação, a pesquisa no campo da linguística, com uma perspectiva voltada ao caráter ideológico da língua, seguiu sendo de meu interesse, e é a base deste estudo.

Num contexto em que, a todo momento, somos expostos a um grande volume de informações, algumas vezes duvidosas, e opiniões contrárias, surge um embate social em que parece ‘obrigatório’ escolher um lado, tornando-se essencial questionar a origem desses discursos e a ideologia que os permeia. Além disso, neste momento, a sociedade brasileira vive um período marcado pela intolerância e falta de escuta do outro.

Na tentativa de compreender as características dos discursos presentes no cenário político atual e o antagonismo cada vez mais exacerbado, em uma situação em que vivemos em uma “pandemia de populismo” (Barros; Lago, 2022, p. 8) — termo que por vezes foi utilizado para definir falas de Lula e de Bolsonaro —, realizou-se uma revisão teórica acerca do assunto. Para Ernesto Laclau (2008), teórico político argentino que discorre sobre o tema em seus estudos e que foram utilizados como aporte teórico desta dissertação, o populismo não consiste em uma ideologia utilizada pela esquerda ou pela direita, mas sim em ferramentas retóricas que são adaptáveis para servir aos interesses enunciativos e políticos de quaisquer vieses ideológicos.

Diante desse cenário, o problema de pesquisa que norteia este estudo é: *Como a noção de signo ideológico, presente nos estudos do Círculo de Bakhtin, permite identificar as diferenças de sentido de termos similares utilizados em discursos que apresentam elementos da retórica populista, tanto de Luiz Inácio Lula da Silva quanto de Jair Messias Bolsonaro, produto de vieses ideológicos divergentes?*

Tendo isso em vista, a presente pesquisa tem como objetivo geral demonstrar as diferenças de sentido de alguns termos similares utilizados em discursos que apresentam elementos da retórica populista, tanto de Luiz Inácio Lula da Silva quanto de Jair Messias Bolsonaro, resultantes de vieses ideológicos divergentes, por meio da noção de *signo ideológico*, do Círculo de Bakhtin¹.

Para isso, tem-se como objetivos específicos: (i) revisitar nos estudos do Círculo de Bakhtin os conceitos de *signo ideológico* e de *língua* e a influência do meio social sobre esses conceitos; (ii) contextualizar politicamente o conceito de populismo; (iii) identificar as principais características da linguagem de discursos populistas; (iv) pesquisar discursos oficiais do atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro; e (v) analisar esses discursos a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, em especial, dos conceitos de *signo ideológico* e de *língua*, bem como da perspectiva de Ernesto Laclau acerca da lógica populista.

Discursos políticos que apresentam viés populista são abordados em algumas pesquisas, como é o caso do artigo *Discurso e identidade: breve caracterização linguístico-discursiva do populismo*, de Silva (2012), no qual o autor realiza uma análise de elementos lexicais presentes em discursos de Getúlio Vargas a partir de características comuns aos discursos populistas – como elogiar o público-alvo, prestar contas acerca dos serviços realizados e exaltação nacionalista –, utilizando a teoria de gênero de discurso presente na obra *Estética da criação verbal*, de Bakhtin. Já Luis Eduardo Sandim Benites publicou *O Populismo nas eleições de 1989: a constituição do povo nos discursos de Collor e Lula* (2012), dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, na qual apresenta uma contextualização histórica do populismo, traz trechos de discursos de Fernando Collor e Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) e os analisa, buscando evidenciar o sentido de moralidade, sentido social, sentido econômico e administrativo em cada um dos enunciados. O populismo também é tema da dissertação de mestrado em Direito de Frederico Poles Borgonovi, *Democracia, populismo e constitucionalismo* (2020), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na qual o autor constrói uma análise da origem da democracia e da Constituição, apresenta o conceito de populismo, relacionando-o com a inclusão e exclusão na

¹ Existe uma discussão acerca da autoria de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, obra utilizada como base teórica para este trabalho. Algumas edições consideram o autor sendo Mikhail Bakhtin, enquanto outras, Valentin Volóchinov. Na edição brasileira mais recente — a que utilizamos como referência —, traduzida diretamente do russo, o autor é Volóchinov. Por conta dessa questão, por vezes, creditaremos a autoria de alguns conceitos apresentados ao Círculo de Bakhtin, já que Bakhtin e Volóchinov fizeram parte do mesmo grupo de estudos da linguagem e, portanto, compartilham percepções semelhantes.

política e, posteriormente, traça uma linha do tempo do populismo na política brasileira, indo de Getúlio Vargas aos governos de Lula e Bolsonaro.

A partir da análise do estado da arte, foi possível observar que, mesmo que os discursos populistas tenham sido investigados em diversos estudos, não foi identificada uma análise aliando a teoria do Círculo de Bakhtin à de Ernesto Laclau e considerando o aspecto ideológico da linguagem.

Volóchinov (2021) afirma que a língua, situada em um espaço e um tempo definidos, está indissociavelmente ligada à ideologia e ao contexto de produção. Assim, se um enunciado for desligado do seu contexto, ele perde o sentido e deixa de ser representativo, ou seja, quando a ideologia é desvinculada da relação com os signos utilizados pelo indivíduo, é extinta.

Faz-se necessário estar atento ao fato de que discursos populistas seguem ganhando espaço, gerando identificação ou conflito com uma parcela significativa da sociedade.

Essa atenção é fundamental no contexto atual, em que diferentes líderes políticos brasileiros têm adotado discursos populistas, visando o engajamento do maior número possível de adeptos. Lembrando que esse tipo de discurso tem sido reproduzido tanto por líderes de esquerda quanto de direita.

Além disso, é possível observar que algumas dessas falas são de natureza autoritária, uma tendência crescente, não só no Brasil como no mundo, o que vem ameaçando instituições essenciais para o funcionamento de uma sociedade democrática, bem como podem representar um risco à livre imprensa e expressão, recurso frequentemente utilizado por políticos que parecem querer privar cada vez mais a população de informações fidedignas.

Esses e outros aspectos encontrados nos discursos populistas de viés autoritário acendem um alerta, visto que a disseminação dessas ideologias adquire ainda mais impulso por meio das tecnologias direcionadas à comunicação de massa. Por apresentarem falta de compromisso com a verdade e, por vezes, um ataque à democracia, a identificação e a crítica a enunciados marcados por essas ideologias são imprescindíveis.

Esta pesquisa se justifica exatamente por, ao realizar uma análise de discursos populistas no Brasil, baseada nos estudos teóricos do Círculo de Bakhtin, observar os signos neles atualizados e, também, a ideologia que os constitui. Assim, evidencia-se como a língua é o meio pelo qual conteúdos ideológicos são disseminados em enunciados que precisam ser identificados e questionados, para que as manifestações que buscam difundir pensamentos autoritários não sejam responsáveis por destruir a liberdade de uma população desatenta aos perigos que o radicalismo e a ausência de informação podem trazer.

Este estudo está organizado em três capítulos. No primeiro, “Populismo: conceitos e definições”, é apresentado o conceito de populismo a partir dos estudos de Ernesto Laclau (2008), que considera o populismo como uma lógica política que pode ser vinculada a diferentes ideologias, tanto de esquerda quanto de direita, por exemplo. Para isso, será traçado o caminho que um grupo social precisa percorrer para que a lógica populista seja instaurada: desde a construção do ‘povo’ até o surgimento do populismo como resposta a demandas populares não atendidas, passando pelos conceitos de *significante vazio* e *flutuante*.

No segundo capítulo, intitulado “Círculo de Bakhtin: linguagem e ideologia”, são revisitados os estudos do Círculo de Bakhtin, em especial o conceito de *signo ideológico* e a noção de que a língua é constitutiva da ideologia. Além disso, apresenta-se o que o Círculo de Bakhtin pontua em relação ao horizonte social dos indivíduos, ou seja, sua situação socioeconômica, e como a compreensão de um discurso pressupõe uma ligação com esse horizonte, já que um discurso adquire sentido somente quando passa a possuir um valor social para o sujeito.

O terceiro capítulo, intitulado “Discursos populistas e a linguagem ideológica”, inicialmente estabelece uma relação entre os estudos do Círculo de Bakhtin e de Ernesto Laclau, apresentando uma contextualização histórica e política das figuras políticas que terão seus discursos analisados, Lula e Bolsonaro. Posteriormente, são observados os discursos desses líderes políticos, utilizando como *corpus* discursos oficiais proferidos durante seus mandatos. Esses discursos são comparados para identificar estruturas linguísticas similares entre eles, ou seja, termos que se repetem e aparecem nas falas de Lula e Bolsonaro, figuras que apresentam diferentes vieses ideológicos, observando como o mesmo termo pode apresentar um sentido divergente, como o que termo ‘povo’ representa em cada um, por exemplo. A análise alia a teoria do Círculo de Bakhtin à perspectiva de Laclau sobre o populismo, considerando que os signos são ideológicos e que sempre carregam em si uma percepção da realidade, inevitavelmente construída sob a influência de outras vozes e do contexto social em que o discurso é produzido.

2 POPULISMO: CONCEITO E DEFINIÇÕES

O contexto político atual tem sido marcado pela ascensão do assunto populismo. Isso não tem ocorrido somente no Brasil, mas no mundo; anualmente, “o tradicional Dicionário Cambridge, uma das principais referências da língua inglesa, seleciona uma palavra do ano. Para o ano de 2017, a selecionada foi *populismo*” (Barros; Lago, 2022, p. 9). Além de ser um tema da política mundial, Barros e Lago (2022) apontam que o termo ‘populista’ já foi utilizado para caracterizar as estratégias políticas de Bolsonaro e de Lula. A partir disso, para que seja possível realizar uma análise dos discursos dessas figuras políticas, faz-se necessário compreender o que tornaria um discurso populista.

O populismo é um tema abordado sob diversas perspectivas. Alguns autores, como Francisco Weffort (1980), percebem-no como a expressão do processo de formação e mobilização das classes populares, estando ligado ao contexto de crise e de relações de manipulação. Segundo Weffort (1980, p. 123), as classes populares “servem à legitimação do Estado na medida em que, paradoxalmente, são também ‘massas de manobra’ para os grupos que controlam o poder”, ou seja, a expressão dos interesses dessas classes está limitada aos interesses da classe dominante. Enquanto isso, Octavio Ianni (1968) trata o populismo como um movimento político com características esquerdistas, relacionado à urbanização e desenvolvimento econômico e sendo responsável pela “entrada das massas no quadro das estruturas de poder” (Ianni, 1968, p. 218).

Por outro lado, há outra perspectiva de populismo — a que adotaremos no desenvolvimento deste estudo —, que o define levando em consideração aspectos subjetivos, relacionados à ideologia e à linguagem, conforme propõe Ernesto Laclau (2008).

Teórico político e estudioso do tema, Laclau considera que o conceito de *populismo* é utilizado como uma tentativa de denominar elementos significativos da realidade política e ideológica, já que o termo ‘populismo’ é utilizado para definir uma ampla variedade de movimentos do cenário político. Contudo, por ser aplicado a diversos tipos de movimentos, o termo se tornou vago e cada vez mais difícil de definir.

Tendo isso em vista, Laclau sugere, na obra *La razón populista* (2008), uma estratégia para a análise do populismo que é: ao invés de analisar o que é o populismo, um caminho para encontrar a definição é pensar a qual realidade sociopolítica o populismo se refere. O primeiro passo para isso é entender como uma hegemonia se estabelece, como o povo se constitui e o que leva à emergência do populismo, que, como afirma, vai além de uma ideologia; é uma lógica política.

Fundamentamo-nos nessa lógica política do populismo, proposta por Laclau (2008), para referir os discursos de Lula e de Bolsonaro como populistas. Significa dizer que, diferentemente do que outros teóricos propõem, o populismo não fica restrito a posições de esquerda, mas aparece também nas de direita. Assumir o entendimento de Laclau (2008) sobre o que é populismo é essencial para que possamos proceder a análise a que nos propomos.

Neste capítulo, é apresentada a teoria de Ernesto Laclau no que tange ao populismo e às suas características. Para isso, serão apresentados conceitos como *significantes vazios* e *flutuantes*, *hegemonia* e *construção do povo*, elementos essenciais para compreendermos o surgimento e estabelecimento da lógica populista no cenário político brasileiro.

2.1 SIGNIFICANTES VAZIOS E FLUTUANTES

Esta seção apresenta alguns conceitos importantes relacionados ao populismo e baseia-se, principalmente, na obra de Ernesto Laclau (2008). Segundo ele, os objetos — sejam eles um grupo social ou um signo atualizado em um discurso — encontram-se em um conjunto diferencial de representação, ou seja, cada objeto está inserido em um contexto repleto de diferenças. Na sociedade, estabelece-se uma totalidade, que se manifesta nos atos individuais. Dito de outro modo, para que uma sociedade funcione com certa organização, é necessário que seja estabelecido um código comum, que conte com signos que contenham significado semelhante para determinado grupo.

Contudo, Laclau (2008) afirma que não existe uma totalidade que abarque todas as possibilidades de representação, isto é, sempre existirá um objeto excluído. Assim, na totalidade, elementos diferentes, quando estão em relação a um elemento excluído, acabam aceitando as outras diferenças como equivalentes entre si, já que são semelhantes no ponto em que diferem do que foi excluído. Para que se atinja um nível de totalização discursiva, é necessário que uma dessas diferenças equivalentes assuma a representação da totalidade, na tentativa de englobar os possíveis significados dos signos em um só.

Portanto, conforme Laclau (2008), toda totalização pressupõe exclusão. Para teórico político argentino, a identidade da totalidade é um recorte daquilo que a aproxima e a distancia de outras identidades, e o que une essas identidades em relação ao elemento que está excluído da totalização: “a totalização parcial que o vínculo hegemônico consegue criar não elimina a cisão, mas, ao contrário, deve operar a partir das possibilidades estruturais que dela derivam.

Dessa forma, diferença e equivalência devem refletir uma à outra” (Laclau, 2008, p. 104, *tradução nossa*)².

É na representação da totalidade que, para Laclau (2008), estabelece-se a hegemonia e, considerando-se que a representação universal é impossível, “a identidade hegemônica se torna algo da ordem do significante vazio, transformando sua particularidade em um corpo que encarna uma totalidade inalcançável” (Laclau, 2008, p. 95, *tradução nossa*)³.

A existência desses significantes vazios é determinante para a definição de um grupo social. Existem, para Laclau (2008), dois aspectos da constituição das identidades populares que são fundamentais:

Em primeiro lugar, a demanda que cristaliza a identidade popular está dividida internamente: por um lado, é uma demanda particular; por outro, sua própria identidade começa a significar algo muito diferente de si mesma: a cadeia total de demandas equivalentes. Ainda que continue sendo uma demanda particular, passa a ser também o significante de uma universalidade mais ampla que aquela (Laclau, 2008, p. 124, *tradução nossa*).⁴

O outro aspecto fundamental da constituição da identidade popular é a produção dos significantes vazios. Laclau (2008) pontua que uma identidade popular precisa, necessariamente, ser condensada e representada em torno de signos que façam referência à cadeia à qual o grupo faz parte. No entanto, quanto mais essa cadeia se desenvolve e se amplia, mais os signos vão se distanciando, gradativamente, das demandas que lhes deram sua origem inicial, ou seja, os signos passam a estar relacionados ao contexto atual em que são empregados, que não necessariamente é o mesmo daquele em que determinado signo foi empregado pela primeira vez. Segundo Laclau (2008), quanto mais extensa é a identidade popular, mais os seus signos de representação devem abandonar os conteúdos particulares para conseguir abarcar demandas sociais que são heterogêneas entre si, isto é, a identidade popular passa a desempenhar um papel de significante tendencialmente vazio.

É possível conjecturar que o *significante vazio* se aproxime dos estudos do Círculo de Bakhtin (2021), em especial da noção de *signo ideológico*, que afirma que todo signo, quando

² **Do original:** “La totalización parcial que el vínculo hegemónico logra crear no elimina la escisión sino que, por el contrario, debe operar a partir de las posibilidades estructurales que se derivan de ella. De esta manera, la diferencia y la equivalencia deben reflejarse entre sí”. (Laclau, 2008, p. 104).

³ **Do original:** “la identidad hegemónica pasa a ser algo del orden del significante vacío, transformando a su propia particularidad en el cuerpo que encarna una totalidad inalcanzable.” (Laclau, 2008, p. 95).

⁴ **Do original:** “En primer lugar, la demanda que cristaliza la identidad popular está internamente dividida: por un lado, es una demanda particular; por el otro, su propia particularidad comienza a significar algo muy diferente de sí misma: la cadena total de demandas equivalentes. Aunque continúa siendo una demanda particular, pasa a ser también el significante de una universalidad más amplia que aquélla.” (Laclau, 2008, p. 124).

atualizado no discurso, é ideológico, por se referir a uma realidade situada fora dele mesmo; a partir disso, um signo tem a possibilidade de modificar ou de afirmar uma realidade de acordo com o ponto de vista do indivíduo que o está utilizando. Dessa forma, o conceito de significante vazio se assemelharia ao de signo ideológico no que tange à possibilidade de utilização do mesmo signo para diferentes fins, a depender do contexto de produção e a que grupo social pertence aquele que enuncia o discurso. Em nossa análise, apresentada no último capítulo deste estudo, comparamos termos semelhantes utilizados por Lula e Bolsonaro, evidenciando que o contexto de produção pode causar uma variação de sentido do signo utilizado.

Laclau (2008) afirma que os significantes vazios dão coerência e unidade aos grupos sociais e que esses termos possuem esse caráter devido à unificação acontecer em um terreno social que é inequivocamente heterogêneo. Para o autor, essa heterogeneidade irá convergir em uma inscrição, que tem em sua superfície os símbolos populares, que são “a expressão das reivindicações democráticas que reúnem; mas o meio expressivo não pode ser reduzido ao que expressa: não é um meio transparente” (Laclau, 2008, p. 128, *tradução nossa*)⁵. O símbolo popular não é transparente porque, conforme Laclau (2008), a posição que o sujeito assume no contexto social não é determinada pela expressão da unidade de demandas que estão fora dele ou que são anteriores a ele, mas sim é determinada no momento que esse sujeito estabelece a unidade: os símbolos não expressam demandas passivamente; são constituídos pelo que expressam no processo em que são postos em uso pelos sujeitos.

Para Volóchinov (2021), o signo e a situação social estão sempre ligados, já que o contexto é determinante tanto na produção do discurso quanto na compreensão dele, que pressupõe que os indivíduos estejam organizados em um mesmo horizonte social, ou seja, apresentem condições socioeconômicas similares. Discorreremos mais sobre esse assunto no próximo capítulo.

No contexto social, as demandas populares acabam sendo alvo de projetos hegemônicos rivais, ou seja, os signos são atualizados em discursos de diferentes vieses ideológicos, o que confere certa autonomia ao seu emprego:

A questão não é mais que o particularismo da demanda se torne autossuficiente e independente de qualquer articulação equivalente, mas que seu significado permaneça indeciso entre fronteiras equivalentes alternativas. Chamaremos os significantes cujo

⁵ **Do original:** “la expresión de las demandas democráticas que ellos reúnen; pero el medio expresivo no puede ser reducido a lo que él expresa: no es un medio transparente.” (Laclau, 2008, p. 128).

significado está “suspenso” dessa forma de significantes flutuantes (Laclau, 2008, p. 165, *tradução nossa*).⁶

Tendo isso em vista, os significantes vazios e os significantes flutuantes tornam-se parte do processo de construção hegemônica do ‘povo’, já que é a partir deles que as demandas e a ideologia de um grupo são expressas, permitindo que haja uma organização no campo social.

Na subseção a seguir, falaremos sobre como o povo é construído e como as identidades populares são estabelecidas de acordo com os estudos de Laclau (2008).

2.2 CONSTRUÇÃO DO POVO E IDENTIDADE POPULAR

A identidade popular, segundo Laclau (2008), é cristalizada por uma demanda que é, ao mesmo tempo, particular e equivalente: ela começa de maneira particular, mas, quando passa a ser a representação de outras vontades de um grupo social, torna-se uma cadeia de demandas equivalentes. Dito de outro modo, o signo que representa a demanda, quando esta se torna uma demanda equivalente, pode ser utilizado tanto para expressar a demanda inicial — a particular — quanto outras, mais amplas. Laclau (2008) destaca que outro ponto essencial da constituição da identidade popular é a produção dos significantes vazios. Para ele, a identidade precisa ser condensada em torno de palavras ou imagens que representem a cadeia equivalente do grupo social.

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin (2021), é a partir da interação social que a atividade mental dos indivíduos se estrutura e, por conta disso, é na interação que o sujeito toma consciência de si mesmo e define sua personalidade e identidade. Dessa forma, como a língua é social, e a consciência se adapta às capacidades que um indivíduo tem de se expressar, a identidade popular é diretamente influenciada pela língua e pelas escolhas dos signos que representam os grupos sociais.

Consoante o teórico político,

Por um lado, temos que toda identidade social (isto é, discursiva) se constitui no ponto de encontro da diferença e da equivalência, da mesma forma que as identidades linguísticas constituem o assento das relações sintagmáticas de combinação e das relações paradigmáticas de substituição. Mas, por outro lado, há uma desigualdade essencial no social, pois, como vimos, a totalização exige que um elemento diferencial assuma a representação de uma totalidade impossível. Assim, uma certa identidade

⁶ **Do original:** “La cuestión ya no radica en que el particularismo de la demanda se vuelve autosuficiente e independiente de cualquier articulación equivalencial, sino en que su sentido permanece indeciso entre fronteras equivalenciales alternativas. A los significantes cuyo sentido está “suspendido” de este modo los denominaremos significantes flotantes.” (Laclau, 2008, p. 165).

advinda do campo total das diferenças dá corpo a essa função totalizadora. Isso [...] é exatamente o que significa privilégio. Resgatando uma velha categoria fenomenológica, poderíamos afirmar que essa função consiste em estabelecer o horizonte do social, o limite do que nele é representável (Laclau, 2008, p. 107, *tradução nossa*).⁷

Assim, podemos inferir que o horizonte social, que tem influência direta na língua e, portanto, na forma como os indivíduos compreendem os discursos e o meio social, como declara Volóchinov (2021), é fundamental para a construção da identidade popular e definição do que é excluído ou não da cadeia equivalente. Laclau (2008) considera que a rejeição de um poder vigente em determinada sociedade requer que as relações da cadeia equivalente estejam identificadas por um signo em comum. Quando essa rejeição e consequente equivalência de demandas acontece, ocorre o que o teórico político (2008) chama de transição de demandas democráticas para demandas populares: “as primeiras podem ser incorporadas em uma formação hegemônica em expansão; as segundas representam um desafio à formação hegemônica como tal” (Laclau, 2008, p. 108, *tradução nossa*)⁸.

A constituição de um ‘povo’ necessita da existência de uma cadeia equivalente que é composta por diversas demandas diferentes. Laclau (2008) define que as demandas heterogêneas que compõem a cadeia são radicais, pois não existe nada que antecipe que elas irão se tornar uma unidade: isso só acontece após o que o autor chama de “momento homogeneizante” (Laclau, 2008, p. 205, *tradução nossa*)⁹ do significante vazio. Sem a produção do significante vazio para homogeneizar as demandas, a cadeia equivalente não pode ser formada e, além disso, é por meio do próprio significante vazio que a cadeia é representada após a homogeneização. Levando em consideração que o significante vazio é essencial na estruturação da cadeia equivalente e que ela, por sua vez, é essencial para a constituição do povo, a construção de uma identidade popular demanda uma estrutura interna de representação, ao mesmo tempo em que o significante vazio, para ter sentido, precisa estar relacionado à cadeia equivalente. Ao observar os discursos de Lula e Bolsonaro, por exemplo, é possível perceber que as demandas dos grupos sociais com os quais os políticos mantêm maior afinidade têm

⁷ **Do original:** “Por un lado, tenemos que toda identidad social (es decir, discursiva) es constituida en el punto de encuentro de la diferencia y la equivalencia, del mismo modo que las identidades lingüísticas constituyen la sede de relaciones sintagmáticas de combinación y de relaciones paradigmáticas de sustitución. Sin embargo, por otro lado, existe un desnivel esencial en lo social ya que, como hemos visto, la totalización requiere que un elemento diferencial asuma la representación de una totalidad imposible. Así, una determinada identidad procedente del campo total de las diferencias encarna esta función totalizadora. Esto [...] es exactamente lo que significa privilegiar. Resucitando una antigua categoría fenomenológica, podríamos afirmar que esta función consiste en establecer el horizonte de lo social, el límite de lo que es representable dentro de él.” (Laclau, 2008, p. 107).

⁸ **Do original:** “Las primeras pueden ser incorporadas a una formación hegemónica en expansión; las segundas representan un desafío a la formación hegemónica como tal.” (Laclau, 2008, p. 108).

⁹ **Do original:** “momento homogeneizante” (Laclau, 2008, p. 205).

influência não somente nas pautas que eles defendem, mas também no sentido de seus discursos.

Laclau (2008) classifica o ‘povo’ não como um dado social, mas como uma categoria política. Para ele, o povo é um ator social que se constitui a partir de diversos elementos e demandas heterogêneos relacionados entre si — e, segundo ele, o objeto de estudo deve ser a demanda que emerge, e não o grupo em si. A heterogeneidade, assim, tem um papel constitutivo, já que ela não pode ser controlada; a heterogeneidade “é, por um lado, irreduzível em última instância a qualquer homogeneidade mais profunda, por outro lado ela não é simplesmente ausente, mas presente como o ausente. A unidade se mostra através de sua própria ausência” (Laclau, 2008, p. 277, *tradução nossa*)¹⁰. Ou seja, embora a cadeia equivalente e o significante vazio desempenhem um papel homogeneizador das demandas de um grupo, em sua essência, as demandas continuarão sendo heterogêneas: apenas passarão a ser representadas por signos comuns a uma parcela da população.

Laclau (2008) pontua que as relações equivalentes, para irem além do sentimento de identificação com a demanda do outro, precisam estar representadas em uma identidade discursiva; é somente nesse momento, em que as demandas se cristalizam em um discurso unificado, que o ‘povo’, no populismo, é constituído. Antes disso, o laço equivalente somente unia as demandas; agora, ele apresenta uma substância própria, que se torna o próprio fundamento das demandas da cadeia. No caso das identidades populares, Laclau (2008) afirma que, sem o ponto nodal, que é responsável pela identificação equivalente entre as demandas, nada de concreto poderia ser percebido. O ponto nodal, neste caso, consiste no significante vazio: “existe um ponto, dentro do sistema de significação que é constitutivamente irrepresentável; que, nesse sentido, permanece vazio, mas é um vazio que pode ser significado porque é um vazio *dentro da significação*” (Laclau, 2008, p. 136, *tradução nossa*)¹¹.

Em termos mais práticos, isso acontece da seguinte forma: uma demanda qualquer, em dado momento, adquire centralidade e acaba se tornando o nome de algo que vai além dela mesma; ao fazer essa transição, uma demanda passa de democrática para popular, como explica Laclau (2008). Considerando-se que essa demanda não retornará a ser somente o que era inicialmente, ela se transforma em um ponto nodal e adquire um “valor de peito” (Laclau, 2008,

¹⁰ **Do original:** “es, por un lado, irreductible en última instancia a toda homogeneidad más profunda, por otro lado no está simplemente ausente, sino presente como aquello que está ausente. La unidad se muestra a sí misma a través de su propia ausencia.” (Laclau, 2008, p. 277).

¹¹ **Do original:** “existe un punto, dentro del sistema de significación que es constitutivamente irrepresentable; que, en ese sentido, permanece vacío, pero es un vacío que puede ser significado porque es un vacío dentro de la significación.” (Laclau, 2008, p. 136).

p. 153, *tradução nossa*)¹² para aquele grupo social. Nesse momento, o signo sofre uma separação, e passa a designar coisas diferentes da demanda original, a depender do conceito de utilização; essa mobilidade de sentido dos signos — o *significante flutuante*, para o autor — que representam a demanda popular é, para Laclau (2008), essencial para que exista o populismo.

Nesse sentido, um mesmo termo pode significar coisas diferentes. Volóchinov (2021) cita o exemplo de ‘fome’: para uma pessoa de classe média, a palavra significa uma coisa, enquanto para alguém em situação de extrema pobreza, que está sem alimento há muitos dias, o mesmo signo representa algo bastante diferente.

Para tornar mais claro o que diz, Laclau (2008) traz exemplos da mobilidade de sentido de signos bastante utilizados em discursos políticos: ‘trabalhador’ pode ter um significado particular, relacionado ao setor de atuação, ou pode representar o ‘povo’. O autor apresenta a ambiguidade dos termos e divisão da sociedade como um elemento marcante do populismo, definindo quem são os inimigos e quem são os oprimidos por meio de signos como ‘regime’ e ‘nação’:

(o “regime”, a “oligarquia”, os “grupos dominantes”, etc., para o inimigo; o “povo”, a “nação”, a “maioria silenciosa”, etc., para os oprimidos – quais desses significantes irão adquirir esse papel articulador obviamente dependerá de uma história contextual –). Nesse processo de condensação, devemos diferenciar, porém, dois aspectos: o papel ontológico da construção discursiva da divisão social e o conteúdo ôntico que, em determinadas circunstâncias, desempenha esse papel. O importante é que, a certa altura, o conteúdo ôntico pode esgotar sua capacidade de desempenhar tal papel, embora permaneça a necessidade do papel como tal, e que, dada a indeterminação da relação entre conteúdo ôntico e função ontológica – a função pode ser desempenhada por significantes de um signo político completamente oposto. É por isso que existe uma nebulosa terra de ninguém entre o populismo de esquerda e o de direita que pode ser cruzado – foi cruzado – em muitas direções (Laclau, 2008, p.114-115, *tradução nossa*).¹³

Assim, podemos inferir que é por conta da possibilidade de variação de sentido de um determinado termo que ele pode, ao mesmo tempo, ser utilizado em discursos de diferentes

¹² **Do original:** “valor de pecho”. (Laclau, 2008, p. 153).

¹³ **Do original:** “(el “régimen”, la “oligarquía”, los “grupos dominantes”, etcétera, para el enemigo; el “pueblo”, la “nación”, la “mayoría silenciosa”, etcétera, para los oprimidos – cuáles de estos significantes van a adquirir ese rol articulador va a depender, obviamente, de una historia contextual –). En este proceso de condensación debemos diferenciar, sin embargo, dos aspectos: el rol ontológico de la construcción discursiva de la división social, y el contenido óntico que, en ciertas circunstancias, juega ese rol. El punto importante es que, a cierta altura, el contenido óntico puede agotar su capacidad para jugar tal rol, en tanto que permanece, sin embargo, la necesidad de del rol como tal, y que, dada la indeterminación de la relación entre contenido óntico e función ontológica – la función puede ser desempeñada por significantes de signo político completamente opuesto. Ésta es la razón por la cual entre el populismo de izquierda y el de derecha existe una nebulosa tierra de nadie que puede ser cruzada – ha sido cruzada – en muchas direcciones.” (Laclau, 2008, p. 114-115).

vieses ideológicos e referir significados diferentes. É a essa mobilidade de sentido que Laclau (2008) se refere quando explica como um objeto parcial — a demanda particular de um indivíduo — torna-se a representação da totalidade. É por isso que “sua função ontológica nunca pode ser reduzida ao seu conteúdo ôntico” (Laclau, 2008, p. 280, *tradução nossa*)¹⁴; o signo não pode ser reduzido apenas ao seu significado fora do contexto, ele precisa estar em uso no discurso para que seja compreendido. Retornamos, aqui, aos conceitos de *significante vazio* e *significante flutuante*, elementos essenciais para a unificação de demandas em representações comuns a um grupo como um todo.

Tendo isso em vista, Laclau (2008) afirma que o momento em que as demandas particulares são condensadas e passam a ser nominadas por uma demanda popular é central e determinante na constituição do agente social, ou seja, do povo. É a partir dessa definição que são estabelecidos os componentes do agente social e quais são os limites e possibilidades de representação daquela unidade recém instituída. A emergência do povo, portanto, acontece por meio da unificação de demandas que estão em oposição às instituições vigentes; essa emergência é, dessa forma, “sempre uma transgressão em relação à situação precedente” (Laclau, 2008, p. 284, *tradução nossa*)¹⁵.

Para explicar como as demandas populares se estabelecem e influenciam a vida e as percepções dos sujeitos, Laclau, na obra *Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo, fascismo e populismo* (1978), introduz o conceito de *interpelação*¹⁶. Para o autor, as interpelações consistem nas ideologias do campo social que formam o sujeito. Conforme esclarece, as ideologias, para que sejam unificadas em um discurso, requerem, necessariamente, que o sujeito esteja interpelado por elas, ou seja, para que o discurso seja compreendido e aceito por um grupo, os sujeitos precisam estar situados em um contexto similar.

Existem diferentes tipos de interpelações (políticas, religiosas, familiares etc.) que coexistem articuladas em um discurso ideológico de unidade relativa. [...] a unidade ideológica de um discurso é perfeitamente compatível com uma ampla margem de inconsistência lógica – mas a capacidade de cada elemento interpelativo desempenhar plenamente um papel de condensação com relação aos demais. Quando uma interpelação familiar, por exemplo, evoca uma interpelação política, uma interpelação religiosa, ou uma interpelação estética; quando cada uma dessas interpelações,

¹⁴ **Do original:** “su función ontológica nunca puede ser reducida a su contenido óntico.” (Laclau, 2008, p. 280).

¹⁵ **Do original:** “siempre una transgresión respecto de la situación precedente.” (Laclau, 2008, p. 284).

¹⁶ O conceito de interpelação relacionado à ideologia de constituição dos indivíduos é apresentado inicialmente por Althusser (1980, p. 98-99), que afirma que “toda a ideologia interpela os indivíduos concretos como sujeitos concretos, pelo funcionamento da categoria de sujeito. [...] a ideologia age ou funciona de tal forma que recruta sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos) ou transforma os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos a interpelação”. Para explicar o funcionamento desse mecanismo, o autor exemplifica: um indivíduo escuta um policial dizendo “ei, você”, e sabe que aquela convocação se dirige a ele. É nesse momento que o indivíduo se constitui sujeito, porque reconhece que a interpelação se dirige a ele.

isoladas, atua como símbolo das outras, encontramos-nos diante de um discurso ideológico relativamente unificado (Laclau, 1978, p. 108).

Assim como afirma Volóchinov (2021), a ideologia só consegue se estabelecer quando está diretamente relacionada ao horizonte apreciativo da sociedade, isto é, quando os sujeitos, inseridos em um contexto socioeconômico específico, conseguem compreender os signos ideológicos utilizados nos discursos.

Laclau (2008) destaca que a relação entre o signo e as demandas sociais que ele representa é determinante para a unidade do grupo. Segundo ele, um grupo composto por pessoas que residem em localidades próximas, possui rendas similares e tem acesso às mesmas atividades de lazer e produções culturais, ainda que perceba que suas demandas são heterogêneas, pode, ao mesmo tempo, compreender que as suas demandas particulares são as demandas do grupo. Nesse ponto, a constituição do povo adquire mais autonomia e é no momento em que “o nome, como ponto nodal altamente investido afetivamente, não expressa somente a unidade do grupo, mas também se converte em seu fundamento” (Laclau, 2008, p. 286, *tradução nossa*)¹⁷, ou seja, os indivíduos de um grupo percebem, a partir da unificação das demandas em signos comuns, o “valor de peito”, sentindo-se pertencentes àquela unidade popular.

Já, para que uma ideologia dominante seja substituída por outra, é necessária uma ruptura radical, defende Laclau (2008). No entanto, a substituição de uma formação hegemônica por outra não requer que todos os elementos da formação social sejam novos, o que deve ser diferente é o ponto de articulação, o objeto parcial. Assim, o que garante uma mudança na ideologia hegemônica é a mudança no objeto parcial que adquire o caráter de demanda popular, de forma que a lógica das demandas e do grupo social seja modificada.

Isso ocorre, segundo Laclau (2008), quando uma organização social reconhece a instituição ou o grupo com o qual não concordam, estabelecendo um antagonismo. O teórico político ressalta que em contextos menores é mais fácil identificar o inimigo, enquanto nos casos em que a demanda equivalente é composta por múltiplas demandas heterogêneas, é muito mais difícil determinar quem é o adversário político — “é nesse ponto que a razão populista passa a operar plenamente” (Laclau, 2008, p. 287, *tradução nossa*)¹⁸, ou seja, o antagonismo é um ponto essencial para a emergência do populismo, conforme veremos na próxima subseção. A presença do antagonismo é presente, também, nos discursos políticos de figuras como Lula

¹⁷ **Do original:** “el nombre, como punto nodal altamente investido afectivamente, no expresa tan sólo la unidad del grupo sino que se convierte en su fundamento.” (Laclau, 2008, p. 286).

¹⁸ **Do original:** “En este punto, la ‘razón populista’ pasa a operar plenamente.” (Laclau, 2008, p. 287).

e Bolsonaro, que fazem referência aos seus oponentes em seus pronunciamentos, conforme veremos adiante.

É por isso que, como explica Laclau (2008), no contexto da globalização, existe uma multiplicidade de antagonismos e de demandas e, por conta dessa diversidade, torna-se cada vez mais complexo unificar discursos políticos com uma linguagem comum. Conforme apresentamos até aqui, o estabelecimento de signos ideológicos nos quais as organizações sociais centralizem as suas demandas é fundamental para que uma ideologia consiga se estabelecer como dominante. No próximo tópico, vamos analisar como o populismo, a partir de discursos que utilizam termos que Laclau (2008) define como *significantes flutuantes*, surge e se manifesta na sociedade.

2.3 SURGIMENTO DO POPULISMO

As condições para o surgimento do populismo são, como afirma Laclau (2008), o antagonismo no campo político e crises internas, sejam elas econômicas ou até mesmo de significação. Nesta subseção, vamos explorar como a lógica populista emerge e estabelece-se em sociedade.

Inicialmente, é preciso considerar, conforme apresenta Laclau (1978), que os processos de desenvolvimento econômico aconteceram devido à industrialização, ou seja, a sociedade, que antes era tradicional e rural, transformou-se em uma sociedade voltada para a produção. Essa mudança acarreta modificações tanto na vida em sociedade como nas instituições:

Estas três mudanças básicas são acompanhadas por modificações profundas no tipo de relações sociais e no tipo de personalidade. [...] Neste modelo, as etapas de transição são consideradas como uma forma de *assincronia* – ou seja, de uma coexistência, em uma mesma etapa, de elementos presentes pertencentes aos dois pólos da sociedade tradicional e da sociedade industrial. Essa assincronia pode ser geográfica (sociedade dual; países, ou regiões, centrais ou periféricos); institucional (coexistência de instituições correspondentes a diferentes fases); de certos grupos sociais [...]. O ajustamento ou correspondência entre esses elementos heterogêneos, entretanto, não se reduz a uma mera coexistência. A modernização de um deles provocará mudanças nos demais, embora não necessariamente em um sentido moderno (Laclau, 1978, p. 154).

A partir disso, podemos inferir que toda mudança em um setor da sociedade leva a uma resposta, gerando outras alterações como consequência da modificação inicial. Laclau (1978) afirma que é na assincronia entre a transição de uma sociedade a outra que o populismo tem seu princípio, já que as transformações acontecem de forma gradual e, muitas vezes, encontra resistências em certos grupos sociais. Assim, quando um grupo não encontra no novo contexto

sociopolítico ressonância com suas demandas, ele busca uma outra forma de organização e de representação, encontrando esses elementos, em geral, no populismo. Laclau (1978) explica que, quanto mais desenvolvida e mais autônoma a ideologia do grupo, mais ela se aproxima de uma ideologia classista e mais se distancia da lógica populista.

Para Laclau (1978), toda ideologia está ligada a uma classe. Essa classe, por sua vez, vai utilizar termos em sua expressão que estão permeados por essa ideologia — noção essa que se aproxima do conceito de signo ideológico, em Volóchinov (2021). Sendo assim, a existência de uma classe vai ser manifestada por meio dos elementos que representam a sua essência. Laclau (1978, p. 165) afirma que “o caráter de classe de uma ideologia é dado por sua forma, [...] está no princípio articulatório de suas interpelações constitutivas”, isto é, está diretamente relacionado à demanda, inicialmente particular, que unificou outras demandas e tornou-se a representação da totalidade do grupo, conforme vimos anteriormente. Dessa forma, discursos políticos são marcados pelas ideologias do grupo, condensadas em signos que a representam e, quando um discurso é posto em oposição ao discurso de outra classe, percebe-se o antagonismo entre uma classe e outra, ainda que ambas se considerem a representação da vontade do ‘povo’. A partir disso, Laclau (1978) considera que as classes existem política e ideologicamente baseadas na articulação dos discursos.

Segundo Laclau (1978), essa articulação faz uso das interpelações — elementos socioculturais e políticos a partir dos quais os indivíduos e, conseqüentemente, suas demandas são formadas — que são a base da ideologia de uma classe. Já essa ideologia é estabelecida pela visão e compreensão do mundo que determinada classe possui, que está ligada à forma como ela está inserida na sociedade e nos meios de produção, além de como ela se percebe em oposição a outros grupos sociais. Para Laclau (1978, p. 167), “a ideologia da classe dominante interpela não só os membros desta classe, mas, também, os membros das classes dominadas”, isto é, a ideologia dominante acaba interferindo e determinando a forma como as outras classes percebem o contexto social. Para que essa classe dominante garanta a sua hegemonia, Laclau (1978) elucida que é necessário que elimine os antagonismos e neutralize as oposições a partir da articulação de diferentes visões de mundo em seu discurso:

O importante para nosso tema é que a classe dominante exerce sua hegemonia de duas maneiras: (1) através da articulação, ao seu discurso de classe, das contradições e interpelações não classistas; (2) através da absorção de conteúdos que ainda fazem parte do discurso político e ideológico das classes dominadas. A presença de reivindicações operárias em um discurso – a jornada de oito horas, por exemplo – não é suficiente para determinar a natureza de classe deste discurso. O discurso político da burguesia passa também pela aceitação da jornada de oito horas como uma reivindicação “justa”, e por uma legislação social avançada. Isto é uma prova clara de

que não é na presença de determinados conteúdos de um discurso e sim no princípio articulatório que os unifica que devemos procurar o caráter de classe de uma política e de uma ideologia (Laclau, 1978, p. 168-169).

Dito de outro modo, Laclau (1978) afirma que para que o discurso da classe dominante seja unificado e hegemônico, ele precisa impor a sua ideologia¹⁹ ao restante da sociedade ao mesmo tempo em que incorpora elementos da ideologia dos outros grupos em seu campo ideológico, de forma a minimizar as diferenças nas percepções da realidade.

O Círculo de Bakhtin (2021) também considera que a ideologia da classe dominante tem como objetivo abafar a luta dos índices sociais de valor²⁰ que acontecem no discurso. Isso acontece, segundo Volóchinov (2021), porque é por meio do signo que a luta de classes acontece, e diferentes classes sociais, por utilizarem a mesma língua, acabam imprimindo em seu uso diferentes índices de valor. O objetivo da classe dominante é, dessa forma, tornar o signo ideológico dominante inatingível no que se refere à luta de classes, para que sua hegemonia não seja ameaçada.

É justamente pela crise do discurso dominante que, para Laclau (1978), o populismo emerge, sendo que essa crise do discurso pode ser o reflexo de crises no campo social. A partir dessa fraqueza da classe dominante, outra classe invoca a população para lutar contra a ideologia vigente. Considerando esse cenário, Laclau (1978, p. 182) destaca que “a crise após a Primeira Guerra Mundial provocou o triunfo do fascismo, que a crise econômica mundial que conduziu à ascensão do nazismo, e que a recessão mundial de hoje” recorre a ideologias para sua representação que são baseadas, essencialmente, no populismo.

Até o momento, tendo como base os pressupostos apresentados por Laclau (1978), podemos considerar que o populismo

requer a divisão dicotômica da sociedade em dois campos – um que se apresenta como parte que se considera como o todo –, que essa dicotomia implica a divisão antagônica do campo social, e que o campo popular pressupõe, como condição de sua

¹⁹ Laclau (1978) faz referência a Gramsci (2017), que entende a ideologia como uma ferramenta para a manutenção da hegemonia. Gramsci (2017) considera que existem dois tipos de “partido” em uma sociedade: aquele composto pela elite que controla a cultura e a ideologia geral e aquele que corresponde às massas. É a partir da ideologia que a classe dominante determina “além da unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade intelectual e moral, pondo todas as questões em torno das quais ferve a luta não no plano corporativo, mas num plano ‘universal’, criando assim a hegemonia de um grupo social fundamental sobre uma série de grupos subordinados” (Gramsci, 2017, p. 42).

²⁰ Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2021) classifica o índice de valor social do signo como interindividual e, para o autor, ele se estabelece como tal quando é absorvido pela consciência dos indivíduos de um grupo e, assim, torna-se parte da identidade dos sujeitos.

constituição, a construção de uma identidade global a partir da equivalência de uma pluralidade de demandas sociais (Laclau, 2008, p. 110, *tradução nossa*)²¹.

É devido à frustração de diversas demandas sociais que, para Laclau (2008), as demandas democráticas particulares acabam por se unificar em demandas populares equivalentes. O princípio dessa unificação é a falta de algo na sociedade que leva o povo a tentar nomear, de maneira unificada, o que é essa ausência. O autor explica que, sem essa percepção de algo faltante, não existiria o antagonismo entre as classes e, portanto, não existiria uma fronteira social que exigisse a articulação do povo como um agente social. Essa falta, que é a representação de uma demanda popular que não foi atendida pela classe dominante, é o que estabelece a dicotomia do campo social: o povo — que se percebe como a unificação de todas as demandas sociais — *versus* o grupo que detém o poder e que não percebe as demandas sociais como relevantes. Contudo, a luta popular, justamente por necessitar que as demandas particulares sejam unificadas, tem dificuldade para identificar qual é o inimigo global contra o qual é necessário se impor. Essa complexidade na definição do inimigo é o que torna “a fronteira política interna muito menos determinada, e as equivalências que intervêm nessa determinação podem operar em muitas direções diferentes” (Laclau, 2008, p. 114, *tradução nossa*)²². Assim, nos deparamos com uma crise que está tanto no Estado, que falha na manutenção da sua hegemonia ao frustrar demandas que ao invés de diferenças passam a ser antagonismos, quanto no povo, que não consegue unificar as demandas e determinar o inimigo na luta de classes, ou seja, nos deparamos com uma crise de representação. Laclau (2008, p. 172-173, *tradução nossa*)²³ considera que “a crise de representação que está na raiz de qualquer rompante populista anti-institucional [...]. Devia surgir algum tipo de discurso radical capaz de inscrever essas demandas”.

Laclau (1978) destaca que as modificações nas possibilidades de articulação das classes são determinadas pela própria luta de classes, o que vai ao encontro do que afirma Volóchinov sobre os signos serem o campo no qual a luta de classes acontece e, portanto, a luta teria influência na língua. Laclau (1978) afirma que, se uma classe dominante, na tentativa de neutralizar as demandas, acaba por absorver as ideologias das classes dominadas, isso pode

²¹ **Do original:** “requiere la división dicotómica de la sociedad en dos campos – uno que se presenta a sí mismo como parte que reclama ser el todo –, que esta dicotomía implica la división antagónica del campo social, y que el campo popular presupone, como condición de su constitución, la construcción de de una identidad global a partir de la equivalencia de una pluralidad de demandas sociales.” (Laclau, 2008, p. 110).

²² **Do original:** “la frontera política interna se volverá mucho menos determinada, y que las equivalencias que intervienen en esa determinación pueden operar en muchas direcciones diferentes.” (Laclau, 2008, p. 114).

²³ **Do original:** “La crisis de representación que está en la raíz de cualquier estallido populista antiinstitucional [...]. Debía surgir algún tipo de discurso radical capaz de inscribir esas demandas.” (Laclau, 2008, p. 172-173).

gerar uma crise que diminui as suas possibilidades de neutralização, já que as ideologias das classes dominadas passam a constituir, também, a ideologia dominante.

Para que uma classe consiga impor sua hegemonia, ela precisa estar em oposição ao bloco de poder²⁴, conforme Laclau (1978). Esse confronto precisa estar pautado no antagonismo que está presente nas demandas das classes populares e, para que a classe se torne hegemônica, o apelo ao populismo se faz, muitas vezes, necessário. Nesse contexto, Laclau (1978, p. 201) define o populismo não como a “expressão do atraso ideológico de uma classe dominada, mas, ao contrário, uma expressão do momento em que o poder articulatório desta classe se impõe hegemonicamente sobre o resto da sociedade”. Para o autor, o estabelecimento da hegemonia de uma classe — que está em confronto com o bloco dominante — requer que ela articule, de alguma forma, o povo ao seu discurso, e o caminho para tal é o populismo. Laclau considera que

o populismo nunca emerge de uma exterioridade total e avança de tal forma que a situação anterior se dissolve em torno dele, mas opera por meio da rearticulação de demandas fragmentadas e deslocadas em torno de um novo núcleo. Portanto, algum grau de crise da velha estrutura é necessário como pré-condição do populismo, pois, como vimos, as identidades populares requerem cadeias equivalentes com demandas não satisfeitas (Laclau, 2008, p. 221-222, *tradução nossa*)²⁵.

Portanto, a emergência do populismo está diretamente relacionada a um contexto de crise e, também, relaciona-se diretamente com os discursos ideológicos. Na sequência, trataremos de algumas características da lógica populista e como ela se manifesta em contextos políticos.

2.4 POPULISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O populismo é, para Laclau (2008), uma lógica política, e toda sociedade tem sua lógica política, ou seja, regras que regem a vida comum. Essas regras são maneiras de estabelecer o horizonte social e, inevitavelmente, englobam alguns elementos enquanto excluem outros —

²⁴ Laclau (1978) novamente utiliza um conceito incorporado dos estudos de Gramsci (2017), que associa as relações de poder de uma sociedade à concepção de bloco histórico, a representação da unidade entre as estruturas de poder. Para Gramsci (2017), para que seja estabelecido um novo bloco histórico, ou seja, para que a organização política que ocupa o lugar de poder seja modificada, é necessário unir “duas forças ‘semelhantes’” (Gramsci, 2017, p. 73) através do compromisso comum de vencer a força do bloco histórico vigente.

²⁵ **Do original:** “el populismo nunca surge de una exterioridad total y avanza de tal modo que la situación anterior se disuelve en torno a él, sino que opera mediante la rearticulación de demandas fragmentadas y dislocadas en torno a un nuevo núcleo. Por lo tanto, cierto grado de crisis de la antigua estructura es necesaria como precondition del populismo, ya que, como hemos visto, las identidades populares requieren cadenas equivalentes con demandas insatisfechas.” (Laclau, 2008, p. 221-2122).

exclusão inevitável quando pensamos em universalização de demandas. Diferentemente da lógica social, que se manifesta em normas, a lógica política está ligada à instituição da sociedade, que se estabelece a partir de demandas intrínsecas aos processos de mudança social.

Essa mudança tem lugar mediante a articulação variável da equivalência e da diferença, e o momento equivalente pressupõe a constituição de um sujeito político global que reúne uma pluralidade de demandas sociais. Isso, por sua vez, implica como vimos, à construção de fronteiras internas e à identificação de um “outro” institucionalizado. Sempre que temos essa combinação de elementos estruturais, quaisquer que sejam os conteúdos ideológicos ou sociais do movimento político em questão, temos o populismo de uma classe ou outra (Laclau, 2008, p. 150-151, *tradução nossa*)²⁶.

Com essa unificação de demandas, como analisado anteriormente, os signos e seus conceitos estão direcionados para a compreensão dos sujeitos de um grupo social, mas, nesse processo, existem limitações às possibilidades de expressão de demandas que os termos podem representar. Tendo isso em vista, Laclau (2008) considera que o discurso populista é sempre impreciso e tem significado flutuante, ou seja, variável de acordo com o contexto de utilização, pois as demandas particulares dentro de um grupo são muito plurais e, para unificá-las, é necessário que o discurso seja adaptável e os signos utilizados possam reunir a representação das vontades de diferentes sujeitos. O sentido vago do discurso passa a ser, então, característica fundamental para o estabelecimento da lógica populista.

Além da imprecisão do discurso, para Laclau (1978) existem outras condições para mobilizar o povo em um sentido populista: uma delas é a existência de uma elite engajada no processo de mobilização²⁷, ou seja, uma elite que, representada na figura do líder populista, apresenta um discurso de oposição ao bloco de poder atual. Outra característica do populismo, para o autor, é a população que é mobilizada devido às suas demandas frustradas e que encontra, na ideologia “dotada de amplo apelo emocional” (Laclau, 1978, p. 159) a ressonância de suas vontades. Afinal, essa ideologia está diretamente relacionada ao horizonte social e às aspirações

²⁶ **Do original:** “Este cambio tiene lugar mediante la articulación variable de la equivalencia y la diferencia, y el momento equivalencial presupone la constitución de un sujeto político global que reúne una pluralidad de demandas sociales. Esto, a su vez, implica, como hemos visto, la construcción de fronteras internas y la identificación de un “otro” institucionalizado. Siempre que tenemos esta combinación de momentos estructurales, cualesquiera que sean los contenidos ideológicos o sociales del movimiento político en cuestión, tenemos populismo de una clase u otra.” (Laclau, 2008, p. 150-151).

²⁷ A *mobilização* é definida por Laclau (1978, p. 155) como o “processo pelo qual grupos anteriormente passivos adquirem um comportamento *deliberativo* (isto é, intervenção na vida nacional que pode oscilar desde os movimentos inorgânicos de protesto até a atividade legalizada e canalizada através dos partidos políticos)”. O processo de mobilização é diferente do que Laclau (1978, p. 155) chama de *integração*, processo que é desenvolvido de acordo com as leis vigentes, em que “o marco de legitimidade do regime é implícita ou explicitamente aceito pelos grupos mobilizados, que desse modo, acatam as regras do jogo da legalidade vigente”.

dos indivíduos. Podemos estabelecer um vínculo da ideologia dotada de amplo apelo emocional com o que Volóchinov (2021) afirma sobre a fixação de uma ideologia no campo social: para que ela se estabeleça, ela necessariamente precisa estar ligada ao contexto socioeconômico e cultural do sujeito; somente assim a ideologia adquire sentido e, conseqüentemente, valor social.

O discurso populista tem como uma de suas premissas o antagonismo, ou seja, “opõe o ‘povo’ às ‘elites’, os ‘de baixo’ contra os ‘de cima’” (Barros; Lago, 2022, p. 21):

identidades políticas também são sempre relacionais. Só sabemos o que somos “nós” porque existe algo exterior a esse “nós” – no caso, os “outros”. Só existe “povo”, portanto, porque existe “elite”. Mas essa relação pode adotar várias formas. A palavra “povo”, por exemplo, pode se referir a muitas coisas diferentes, assim como a palavra “elite”. A rigor, o populismo sequer precisa se basear nesses dois termos – basta que haja a construção de uma identidade coletiva que opõe os “de baixo” contra os “de cima” (Barros; Lago, 2022, p. 88).

Portanto, nesse cenário, o *povo* é um agente social, e não corresponde a uma classe social específica, assim como a *elite*. A determinação a que parte da sociedade corresponde cada termo é determinada pelo contexto do discurso, por quem o profere e a quem a fala se destina.

Para Laclau (1978), o discurso populista faz referência ao povo como um dos polos de uma sociedade em contradição e, para ele, a determinação de quem é o *povo* e quem é a *elite* está associada a fatores que vão além dos aspectos econômicos. A oposição entre “*povo* e bloco de poder é um antagonismo cuja inteligibilidade não depende das relações de produção, e sim, do conjunto de relações políticas e ideológicas de dominação constitutivas de uma formação social determinada” (Laclau, 1978, p. 172).

É importante destacar que, para um discurso se caracterizar como populista, ele precisa ir além da simples menção das demandas do povo. O que torna um discurso populista é, conforme Laclau (1978), a forma como essas demandas são articuladas. O autor considera que

o populismo consiste na apresentação de interpelações popular-democráticas como um conjunto sintético-antagônico com relação à ideologia dominante. [...] Como já vimos, a ideologia das classes dominantes consiste não somente em interpelar os sujeitos dominantes como, também, as classes dominadas, com o efeito de neutralizar seu antagonismo potencial. Já dissemos também que o método fundamental deste processo de neutralização consiste em transformar todo antagonismo em diferença. Articular as ideologias popular-democráticas ao discurso dominante consiste em absorver tudo o que nelas é simples particularidade diferencial e reprimir os elementos que tendem a transformar a particularidade em símbolo do antagonismo. [...] O populismo começa no ponto em que os elementos popular-democráticos se apresentam como opção antagônica face à ideologia do bloco dominante. Observe-se que isto não significa que o populismo seja sempre revolucionário. Basta que, para

assegurar sua hegemonia, uma classe ou fração de classe requeira uma transformação substancial no bloco de poder para que uma experiência populista se torne possível (Laclau, 1978, p. 179).

Dessa forma, o populismo se manifesta quando as demandas democráticas são marcadas nos discursos pelo antagonismo, sendo que a ideologia do povo passa a ser articulada em torno dessa oposição. Isso faz com que o populismo, elucida Laclau (1978), possa ser uma lógica de diferentes classes sociais.

O populismo pode ser considerado como “uma forma de performar a política” (Barros; Lago, 2022, p. 53), e corresponde a recursos que podem ser utilizados nos discursos e que podem ser aplicados de diferentes formas por diferentes figuras. Assim, a lógica populista se constitui como um “arsenal de ferramentas retóricas (significantes flutuantes) que pode ter os usos ideológicos mais diversos” (Laclau, 2008, p. 237, *tradução nossa*)²⁸, isto é, os recursos podem ser aplicados para diferentes finalidades, afinal, são significantes flutuantes, signos que podem ser utilizados para fins distintos a depender do contexto de realização do discurso.

Para esclarecer como essa transitoriedade de sentido do significante flutuante acontece, Laclau (1978) traz a questão das tradições populares, que representam o conjunto de demandas que são a base do antagonismo entre o povo e o bloco de poder. Essas tradições são marcadas por uma ideologia que tem em sua base a luta contra a opressão e, por não estarem atreladas a apenas uma classe, são estáveis e estão nas bases do sistema ideológico de uma sociedade. Entretanto, as tradições populares não são o discurso em si, elas apenas fornecem elementos que podem ser utilizados nesses discursos; é por isso que “políticas as mais divergentes apelam para os mesmos símbolos ideológicos” (Laclau, 1978, p. 173).

Considerando que o populismo seja um conjunto de recursos discursivos, podemos inferir que ele pode ser a lógica adotada por diferentes grupos e, portanto, existem diferentes populismos — de cunho nacionalista ou regionalista, por exemplo. Isso se dá porque, conforme explica Laclau (2008), os significantes que unificam as demandas e determinam os signos equivalentes são diferentes e variam a depender da coletividade que está articulando o discurso. Portanto, o populismo não pode ser colocado no mesmo patamar das ideologias que são classificadas como “‘conservadora’, ‘liberal’ ou ‘socialista’” (Laclau, 1978, p. 183), pois, enquanto essas se referem aos ideais que esses vieses ideológicos defendem, o populismo diz respeito ao antagonismo que acontece somente no discurso. Isto é, as ferramentas retóricas

²⁸ **Do original:** “arsenal de herramientas retóricas (significantes flotantes) que pueden tener los usos ideológicos más diversos.” (Laclau, 2008, p. 237).

podem ser aplicadas por qualquer grupo, o que vai determinar o sentido do discurso é o contexto de produção e a finalidade dele.

Ainda referente às diferentes possibilidades de manifestação do populismo, Laclau (1978) afirma que a lógica populista emerge em um campo ideológico que é formado a partir da duplicidade do discurso político:

A tensão dialética entre o povo e as classes determina a forma da ideologia, tanto dos setores dominantes como dos setores dominados. As metamorfoses do povo consistem em suas diversas formas de articulação com as classes. Na medida em que o povo e as classes constituem pólos de contradições diferentes, mas igualmente constitutivas do discurso político, ambos estão presentes nele. Porém, enquanto a contradição de classe determina o princípio articulatório deste discurso, o que lhe confere sua singularidade específica em um campo ideológico determinado, a segunda representa um momento abstrato que pode existir articulado aos mais diversos discursos de classe. O “populismo”, como inflexão particular das interpelações populares, nunca pode existir articulatório de um discurso político – mesmo que se constitua em um traço do mesmo. É precisamente este caráter abstrato do “populismo” o que permite sua presença na ideologia das classes mais diversas (Laclau, 1978, p. 200).

O populismo é, então, um conjunto de elementos articuladores de um discurso, marcado pela oposição entre o povo, que, no contexto de crise de representação, não encontra a expressão de suas demandas no discurso e nas ações do bloco de poder, e a elite, que falhou em neutralizar as diferenças entre as demandas para garantir a hegemonia de sua ideologia.

Barros e Lago (2022) destacam que o populismo não é um problema por conta da existência do antagonismo povo *versus* elite, mas torna-se um quando o objetivo dessa oposição é destruir o oponente para anular o confronto, o que vai contra a “democracia liberal. Nesses casos, o antagonista é apresentado como um inimigo a ser abatido, com a promessa de que sua eliminação vai permitir o surgimento de uma sociedade pacificada” (Barros; Lago, 2022, p. 89). Se a existência de uma elite engajada com a mobilização do povo é uma condição para o populismo, conforme afirma Laclau (1978), a figura de um líder que assume o papel de representante desse grupo é outro fator importante da lógica populista. Quando o povo se encontra em um cenário de crise, ele busca alguém para assumir o controle e organizar a sociedade. No caso do populismo, essa figura que exerce o poder é o líder, que aceita o seu lugar de poder e passa a ser o porta-voz das vontades da população, a representação de suas demandas. O populismo, assim, está “estritamente ligado ao destino da fronteira política: se essa última desaparece, o ‘povo’ como ator histórico se desintegra” (Laclau, 2008, p. 117,

tradução nossa)²⁹, isto é, sem a elite organizadora do campo social, o povo não conseguiria articular as suas demandas e unificá-las para uma reivindicação efetiva.

Uma sociedade, quanto menos unida por mecanismos diferenciais imanentes, mais depende, para sua coerência, de um momento transcendente, singular. Dessa maneira quase imperceptível, a lógica da equivalência conduz à singularidade, e essa à identificação da unidade do grupo com o nome do líder. Estamos, até certo ponto, em uma situação comparável ao soberano de Hobbes: a princípio, não há nenhuma razão pela qual um corpo coletivo não pode desempenhar as funções do Leviatã; mas sua pluralidade própria mostra que está em desacordo com a natureza indivisível da soberania. Por isso que o único soberano natural, segundo Hobbes, somente poderia ser um indivíduo (Laclau, 2008, p. 130, *tradução nossa*)³⁰.

A figura do líder populista é, portanto, importante para a sua lógica, no que tange à necessidade de organização em torno de um indivíduo que, supostamente, é a unificação e centralização das demandas democráticas do povo. A partir dele, o discurso é articulado de acordo com os signos comuns correspondentes a essas demandas e, como vimos, a base para o populismo são as ferramentas retóricas aplicadas ao discurso a fim de mobilizar o povo como agente político com um mesmo fim.

No próximo capítulo, abordaremos os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin (2021), apresentando o conceito de *signo ideológico* e a noção de que a língua é constitutiva da ideologia, além da relação entre o horizonte social dos indivíduos e a compreensão do discurso.

²⁹ **Do original:** “está ligado estrictamente al destino de la frontera política: si esta última desaparece, el “pueblo” como actor histórico se desintegra.” (Laclau, 2008, p. 117).

³⁰ **Do original:** “Una sociedad, cuánto menos se mantiene unida por mecanismos diferenciales inmanentes, más depende, para su coherencia, de este momento trascendente, singular. De esta manera casi imperceptible, la lógica de la equivalencia conduce a la singularidad, y ésta a la identificación de la unidad del grupo con el nombre del líder. Estamos, hasta cierto punto, en una situación comparable a la del soberano de Hobbes: en principio no hay ninguna razón por la cual un cuerpo colectivo no pueda desempeñar las funciones del Leviatán; pero su misma pluralidad muestra que está reñido con la naturaleza indivisible de la soberanía. Por lo que el único soberano natural, según Hobbes, sólo podría ser un individuo.” (Laclau, 2008, p. 130).

3 CÍRCULO DE BAKHTIN: LINGUAGEM E IDEOLOGIA

O pensamento e os conceitos bakhtinianos constituem-se tanto pela obra de Bakhtin quanto pelo trabalho de outros teóricos que compunham círculos de discussão acerca dos estudos da linguagem. Após a Revolução Russa em 1917, a situação da povo “russo-soviético” foi marcada por questões relacionadas à “institucionalização de uma política internacionalista, voltada às condições de desalienação e emancipação dos trabalhadores do Leste e do Oeste e a criação de uma classe de Comissariado do Povo” (Zandwais, 2009, p. 99). Nesse contexto, foram formados diversos grupos intelectuais voltados para os estudos de diferentes áreas. Um deles foi o que ficou conhecido como Círculo de Bakhtin, composto por diferentes autores, dentre eles, Mikhail Bakhtin; Valentin Volóchinov e Pável Medvéved. O Círculo foi responsável por desenvolver estudos relacionados à linguagem e à ideologia, e, em vista disso, são utilizados como base teórica neste estudo.

O enfoque deste capítulo será apresentar conceitos que serão fundamentais para a análise dos discursos populistas de Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro, a ser realizada no próximo capítulo. Serão abordados os pressupostos bakhtinianos relacionados à ideologia e como a linguagem desempenha um papel fundamental na disseminação e recepção da obra ideológica, além dos conceitos de significação e tema do signo. Por fim, discorrer-se-á sobre a produção do enunciado e influência do contexto social no discurso e como é necessário que o indivíduo esteja organizado socialmente para que o enunciado seja compreendido em sua totalidade.

3.1 IDEOLOGIA

Na obra *Bakhtin: conceitos-chave*, Beth Brait (2012) reúne artigos de diversos autores que tratam de temas relevantes para o Círculo de Bakhtin. Um desses autores é Vladimir Miotello, que, em seu artigo “Ideologia”, elucida qual a visão bakhtiniana de ideologia. Segundo ele, o Círculo parte da noção marxista, que considera a ideologia como um “ocultamento da realidade social, escurecimento e não percepção da existência das contradições e da existência de classes sociais, promovida pelas forças dominantes” (Miotello, 2012, p. 168), a fim de garantir a manutenção da hegemonia política. No entanto, os autores do Círculo vão além, discordando de certas partes desse conceito. Tendo isso em vista, definem dois tipos de ideologia: a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano. Enquanto a ideologia oficial é considerada como a dominante, a ideologia do cotidiano é aquela que emerge nas interações

sociais que ocorrem diariamente, em diferentes espaços e atividades. Assim, para o Círculo, a ideologia oficial apresenta um caráter mais estável, ao passo que, por se realizar em diversas situações, a ideologia do cotidiano é variável. As duas formas de ideologia formam um “contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social” (Miotello, 2012, p. 169).

A ideologia estrutura-se a partir da linguagem e, por isso, “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sígnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas” (Volóchinov, 2021, p. 98). Portanto, todo material ideológico está necessariamente vinculado a um signo específico e, como afirma Volóchinov (2021), a especificidade desse material é definida pela existência do signo em um grupo socialmente organizado, servindo como meio de comunicação desse grupo.

A partir da noção de que todo signo é ideológico, Volóchinov (2021) considera que tanto o discurso externo (realizado na interação social) quanto o interno (a consciência) são permeados pela ideologia do cotidiano. Essa camada da ideologia é um universo “não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado consciente” (Volóchinov, 2021, p. 213). Segundo o autor, a ideologia do cotidiano está ligada à psicologia social, que corresponde à relação entre os aspectos sociopolíticos de uma sociedade e sua produção ideológica ligada à ciência, artes etc. Essa psicologia social se torna real a partir da interação, e não existe na consciência dos indivíduos que se comunicam, mas sim na palavra e na ação.

A ideologia do cotidiano sofre uma forte influência por sistemas ideológicos estabelecidos (presentes nas normas sociais, nas produções culturais e nas religiões), e, muitas vezes, acaba sendo definida por esses sistemas. No entanto, para Volóchinov (2021), assim como a ideologia do cotidiano é afetada pelas obras ideológicas, estas se alimentam e se preservam por meio daquela. O autor reitera que

uma obra ideológica existe apenas para essa percepção que se realiza na linguagem da ideologia do cotidiano. A ideologia do cotidiano insere a obra em uma dada situação social. A obra passa a ser ligada a todo conteúdo da consciência e é percebida apenas no contexto dessa consciência atual. A obra é interpretada no espírito desse conteúdo da consciência (da consciência daquele que percebe) e é elucidada por ele de modo novo. É essa vida de uma obra ideológica. Em cada época de sua existência histórica, a obra deve interagir estreitamente com a ideologia do cotidiano em transformação, preencher-se por ela e nutrir-se de sua seiva nova. Apenas à medida que a obra é capaz de interligar-se ininterrupta e organicamente com a ideologia do cotidiano de uma época, ela é capaz de ser viva dentro dela (é claro, em um dado grupo social) (Volóchinov, 2021, p. 213-214).

Dessa forma, a obra ideológica só se sustenta enquanto estiver ligada à ideologia do cotidiano, ou seja, enquanto está figurando no contexto de interação social naquele período e, portanto, faz sentido para os indivíduos de determinado grupo. Ao definir a ideologia do cotidiano, Volóchinov (2021) a divide em duas camadas: a inferior e a superior. A camada inferior compreende a vivência³¹ que surge a partir de uma determinada situação social e que não adquire força suficiente para influenciar outras interações futuras. Essa camada, como explica o autor, é fluida e variável, já que trata dos pensamentos que emergem no momento da interação. Em contrapartida, na camada superior da ideologia do cotidiano, encontramos as ideias mais estruturadas, que têm relação com os sistemas ideológicos estabelecidos e possuem traços de maior criatividade. Devido a esses aspectos, Volóchinov (2021) considera essas ideias mais sensíveis e passíveis de transmitir as mudanças socioeconômicas de forma mais clara. É nessa camada da ideologia do cotidiano que as forças criativas se unem e se organizam para uma mudança no sistema ideológico, pois é nas camadas superiores que “as novas forças sociais emergentes primeiramente encontram expressão e acabamento ideológicos” (Volóchinov, 2021, p. 215). Dito de outro modo, é a partir das ideias que surgem na ideologia do cotidiano que a ideologia oficial é formada e transformada, e no processo de luta de classes uma ideologia inevitavelmente influencia a outra, incorporando aspectos das novas formas ideológicas ao sistema ideológico estabelecido e vice-versa.

Enquanto no nível superior da ideologia do cotidiano as energias criativas ganham certa estabilidade, no nível da ideologia oficial, encontramos os sistemas ideológicos estabelecidos, formados por materiais ideológicos que já foram formalizados na “arte, da moral, da religião, do direito, da ciência etc., e, portanto, já se encontram mais estabilizados, mais aceitos pelo conjunto social, mais testados pelos acontecimentos e mais amparados pelos jogos de poder” (Miotello, 2012, p. 174). Devido a essa aceitabilidade pelo grupo social, a ideologia oficial possui uma forte influência sobre todas as outras produções ideológicas, já que ela é o sistema de referência definido pela classe dominante, que impõe sua hegemonia nas relações sociais.

Toda formação e criação ideológica é realizada por intermédio dos signos, já que é através da linguagem que a ideologia se estabelece e se faz presente nas relações sociais. Como o signo ideológico é mutável, ele figura em diferentes interações sociais e é influenciado pela ideologia do cotidiano. No entanto, conforme Volóchinov (2021), a classe dominante apresenta a tendência de atribuir certa estabilidade ao signo ideológico, a fim de minimizar as oposições

³¹ Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2021) relaciona a vivência ao signo interior, que é o material signico que compõe a consciência individual do sujeito.

sociais, com a finalidade de garantir sua hegemonia. Assim como destaca Laclau (1978), a classe dominante busca neutralizar a oposição a partir da utilização, em seus discursos, de signos que possam abarcar diferentes percepções da realidade, buscando, assim, reduzir o embate social e fazer a manutenção de seu poder.

Volóchinov (2021) afirma que o signo ideológico possui várias faces, ou seja, ele pode representar diferentes sentidos dependendo de seu contexto de utilização. Essa possibilidade de variação de sentido é mais forte em momentos de crise social:

Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, o seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante. (Volóchinov, 2021, p. 113-4)

Assim, conforme o Círculo de Bakhtin (2021), para que ocorra a manutenção da hegemonia da classe dominante, é necessária a neutralização dos sentidos contraditórios no signo ideológico. Ao apagar a luta de classes do signo ideológico, a classe dominante evita que a ideologia do cotidiano adquira mais força e penetre nas bases de seu sistema ideológico, provocando uma revisão ou substituição da ideologia oficial vigente. Por conseguinte, a palavra acaba se tornando um indicador das mudanças sociais, pois ela é parte fundamental da comunicação social e é composta por “fios ideológicos” (Volóchinov, 2021, p. 106) que tecem os contextos de interação, sendo sensível a quaisquer transformações que possam surgir na esfera comunitária. Na próxima subseção, falaremos mais sobre as propriedades da palavra e como ela, sendo um signo neutro, é o instrumento por meio do qual uma ideologia é disseminada.

3.2 PALAVRA E SIGNO IDEOLÓGICO

A língua, segundo Volóchinov (2021), é um produto da coletividade, ou seja, ela é social. Por conta disso, a língua sofre mudanças ao longo do tempo, acompanhando os processos de transformação social de uma comunidade. Essa característica é o que o autor chama de sistema sincrônico da língua, já que a identidade linguística muda assim como a história coletiva. Esse sistema “existe somente do ponto de vista da consciência subjetiva de um indivíduo falante pertencente a um grupo linguístico em um determinado momento do tempo histórico” (Volóchinov, 2021, p. 174). Justamente por estar ligada à realidade do grupo

social, a língua, na sua realização, é ideológica. Além disso, o processo de mudança da língua se dá por meio da interação social dos indivíduos, e as leis de sua formação “são leis *sociológicas* em sua essência” (Volóchinov, 2021, p. 224). É justamente devido ao caráter social da língua que Volóchinov (2021) afirma que ela não pode existir isoladamente, ela precisa estar relacionada ao enunciado, meio através do qual é usada na comunicação.

Em relação à língua como fato social, Fiorin (2016) explica que o Círculo de Bakhtin a relaciona à realidade, pois o único meio de percepção dessa realidade é a linguagem. Ele afirma que a percepção e avaliação de um objeto só é possível linguisticamente, e esse processo é inevitavelmente permeado pela presença de diferentes discursos presentes no meio social:

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós descreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não pareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que o circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (Fiorin, 2016, p. 22).

Assim, tanto a vida em sociedade quanto a forma de percebê-la precisa da língua, ou seja, dos signos. Para Volóchinov (2021, p. 96), o signo surge em um “*território interindividual*”: ele requer uma organização social dos indivíduos, para que ambos, inseridos em um mesmo contexto e vivendo realidades similares, consigam se comunicar. O signo está sempre ligado a elementos sociais que se encontram fora de seus limites e, como um produto ideológico, “reflete e refrata outra realidade” (Volóchinov, 2021, p. 91), adquirindo uma significação e apresentando a possibilidade de distorcer ou ser fiel à realidade a partir do ponto de vista do indivíduo que o atualiza. Segundo Volóchinov (2021), a avaliação ideológica de um enunciado como verdadeiro ou falso pode ser aplicada a qualquer signo, pois o signo está sempre ligado a um campo ideológico. O que determina a forma como o signo ideológico reflete ou se desvia da realidade é o “cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sîgnica, isto é, a *luta de classes*” (Volóchinov, 2021, p. 112). Isso se dá porque diferentes classes sociais utilizam um mesmo sistema linguístico, tendo acesso aos mesmos signos e, dessa forma, o signo é utilizado de diversas formas, fazendo com que nele se cruzem múltiplos direcionamentos ideológicos, a depender do contexto e percepção que o sujeito que o utiliza no discurso apresenta.

A realidade do fenômeno ideológico é absorvida pelo signo, ou seja, pela palavra. Conforme Volóchinov (2021, p. 99), a “palavra é o *medium* mais apurado e sensível da

comunicação social”. Para o autor, quando estamos inseridos em um contexto de interação, o que percebemos não são as palavras em si, mas o que elas expressam. Isso ocorre porque a palavra está sempre carregada de conteúdo histórico e ideológico, e é palavra que possibilita a compreensão, a avaliação e a resposta ao que é posto no enunciado.

Existem quatro propriedades que fazem com que a palavra seja o meio para a realização do fenômeno ideológico: “pureza semiótica, possibilidade de interiorização, participação em todo ato consciente, neutralidade” (Stella, 2012, p. 179). A primeira propriedade, a pureza semiótica, diz respeito à possibilidade de a palavra figurar como signo ideológico em diferentes contextos. Já a possibilidade de interiorização refere-se à palavra ser o meio de contato entre a consciência e o mundo exterior. Conforme Stella (2012), o Círculo de Bakhtin vê na palavra o instrumento para que o indivíduo compreenda sua realidade. Por conta disso, temos a terceira propriedade da palavra, a participação no ato consciente: a palavra é usada tanto para o sujeito perceber o mundo quanto para fazer circular a ideologia. Por fim, a palavra apresenta outra propriedade fundamental: a neutralidade. Essa propriedade permite que a palavra seja usada em diferentes contextos por sujeitos de diferentes vieses ideológicos, adaptando-se à necessidade discursiva de cada um. Assim, a palavra como signo neutro “pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral, religiosa” (Volóchinov, 2021, p. 99), o que podemos aproximar ao que Laclau (2008) afirma sobre significantes vazios, que são utilizados com o intuito de homogeneização das diferentes demandas da população, ou seja, são signos que, devido a sua neutralidade, podem ser adaptados para representar diferentes significados, a depender do objetivo do indivíduo que está produzindo o discurso.

É importante destacar que a palavra, como unidade linguística, apresenta apenas o potencial de significação como um signo ideológico, ou seja, ela precisa estar inserida em um enunciado, único e irrepetível, para que receba “um acento uma apreciação, uma entonação” (Fiorin, 2016, p. 23) própria.

A seguir abordaremos o conceito de *significação* e *tema* na perspectiva do Círculo, a fim de deixar mais clara a diferença entre o potencial de significação da palavra e sua realização como fenômeno ideológico no discurso.

3.2.1 Significação e tema

Volóchinov (2021, p. 229) define *tema* como um “complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição à formação da existência”. O tema está diretamente ligado à enunciação, porque

ambos estão sempre relacionados a um contexto socio-histórico, portanto, único. Assim, conforme afirma Volóchinov (2021), existem dois aspectos que definem o tema: as formas linguísticas utilizadas na enunciação e, principalmente, a situação social em que essa enunciação está inserida. Isso faz com que o tema do enunciado seja irrepitível. Para que ocorra a compreensão de um enunciado, é necessário também conhecer os aspectos contextuais que o definem: “o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence” (Volóchinov, 2021, p. 228).

Enquanto isso, as palavras possuem outro componente relacionado ao sentido: a *significação*. Volóchinov (2021, p. 229) a define como um “artefato técnico” por meio do qual o tema pode se realizar. A significação compreende o que é repetível, pois ela diz respeito ao potencial sentido que o signo pode ter quando é atualizado em um enunciado. Esse potencial é definido de acordo com o “sentido que esses elementos historicamente assumem” (Cereja, 2012, p. 202), ou seja, diz respeito ao sentido que foi comumente atribuído ao signo ao longo do tempo.

Para deixar clara a diferença entre *significação* e *tema*, Volóchinov (2021) os divide como limites do significar linguístico:

O tema é o limite superior, real, do significar linguístico; em essência, apenas o tema designa algo determinado. A significação é o limite inferior do significar linguístico. Na realidade, a significação nada significa, mas possui apenas uma potência, uma possibilidade de significação dentro de um tema concreto. O estudo da significação de um elemento linguístico, de acordo com a definição dada por nós, pode se desenvolver em duas direções: em direção ao limite superior, ao tema — porém, nesse caso teremos o estudo da significação contextual da palavra nas condições de um enunciado concreto; ou ele pode tender ao limite inferior, ao limite da significação. Neste caso, será o estudo da significação da palavra no sistema da língua, ou, em outros termos, da palavra dicionarizada (Volóchinov, 2021, p. 231).

Assim, podemos concluir que a significação está relacionada à possibilidade de significado que uma palavra possui usualmente, fora de um contexto de utilização, enquanto o tema, para ser compreendido em sua totalidade, requer a compreensão do contexto do enunciado, que é determinante para a constituição do sentido. Volóchinov (2021) destaca, no entanto, que não é possível precisar qual o limite entre a significação e o tema: um precisa do outro para compor o sentido do enunciado.

Agora que já diferenciamos os conceitos de *tema* e de *significação* e evidenciamos como a construção e a compreensão do sentido no discurso está diretamente relacionada ao contexto no qual o enunciado é produzido, na próxima subseção, vamos aprofundar como o enunciado é

produzido e como os aspectos extraverbais — a situação histórica e o cenário socioeconômico — têm influência no discurso.

3.3 ENUNCIADO

A realidade pode ser representada de diferentes formas dentro de uma perspectiva ideológica, pois “cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade” (Volóchinov, 2021, p. 94). Segundo o autor, isso ocorre porque o signo, que obrigatoriamente é parte fundamental da criação ideológica, permite essa variação de sentido de acordo com o grupo que o está utilizando no discurso. Esse grupo possui um conjunto específico de signos usados para se comunicar, signos estes que são marcados pela ideologia do cotidiano e apresentam uma ligação entre a forma linguística usada e o tema do enunciado. As formas escolhidas pelo grupo, por sua vez, são definidas por aspectos sociopolíticos e de trabalho, sendo “condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação” (Volóchinov, 2021, p. 109).

Inseridos em um contexto social determinado, os indivíduos incorporam determinadas normas sociais — que podem se tratar de “normas morais, jurídicas, do gosto estético (pois também existem normas desse tipo) etc. É claro, essas normas são diversas: possuem diferentes graus de obrigatoriedade [...] e de importância social” (Volóchinov, 2021, p. 175) — à sua consciência, e essas normas existem justamente por estarem ligadas à subjetividade dos falantes que compõem o coletivo. Logo, a escolha das formas linguísticas acaba sendo determinada, entre outros aspectos, pelas normas que regem a organização social.

Volóchinov (2021) explica que, na comunicação, os signos ideológicos são influenciados diretamente pelo horizonte social dos sujeitos e, por conta disso, não se pode separar o signo do contexto de comunicação. O horizonte social envolve as condições socioeconômicas de um grupo e é determinante para a compreensão ideológica de um discurso específico. Ou seja, segundo o autor, se um enunciado não se relaciona de forma alguma ao horizonte social do grupo a quem esse enunciado se destina, ele não provocará uma reação ideológica.

Os enunciados ocorrem inseridos em um contexto de comunicação discursiva, e a situação de produção, para Volóchinov (2021), é o que delimita as características do enunciado. Segundo Beth Brait (2012, p. 67), o enunciado na perspectiva bakhtiniana é definido por três fatores: “(a) o horizonte espacial comum dos interlocutores [...], (b) o conhecimento e a

compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) sua avaliação comum dessa situação”.

A partir disso, podemos inferir que é a situação discursiva que orienta a produção de um enunciado: é a partir dela que são definidas quais formas e qual estilo que ele apresentará. Ou seja, as palavras e entonações serão escolhidas pelo autor do enunciado considerando o que é mais adequado para o contexto e o para o interlocutor. Portanto, o que organiza o enunciado é o meio social: o enunciado é “produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação de fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante” (Volóchinov, 2021, p. 216).

Por conseguinte, não se pode compreender o enunciado em sua totalidade sem que se conheça a situação concreta na qual ele foi produzido. Isso porque, na ligação entre contexto e enunciado, existem aspectos não verbais que são impressos: a ideologia do cotidiano. Sem o conhecimento do contexto, o enunciado perde o sentido. Na obra *Discurso na vida e discurso na arte*, Volóchinov ([s.d.], p. 8) divide o enunciado em duas partes: a parte realizada em palavras e a parte presumida. A parte presumida é aquela relacionada à compreensão, necessariamente baseada no contexto. O autor afirma que, por se originar a partir de uma situação concreta, o enunciado mantém com ela uma estreita ligação, e sem ela perde a significação.

Para explicar a formação do enunciado na visão do Círculo de Bakhtin, Fiorin (2016, p. 21) esclarece que o enunciado sempre “leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu”, ou seja, o enunciado é dialógico³². O autor afirma que o que difere uma unidade da língua de um enunciado é justamente o contexto de interação: nele, o discurso dialoga com outros, tanto os que o precederam quanto os presentes na situação social:

Numa formação social determinada, operam o presente, ou seja, os múltiplos enunciados em circulação sobre todos os temas; o passado, isto é, os enunciados legados pela tradição de que a atualidade é depositária, e o futuro, os enunciados que falando dos objetivos e das utopias dessa contemporaneidade. Nela, atuam forças centrípetas e centrífugas: aquelas atuam no sentido de uma centralização enunciativa do plurilinguismo da realidade; estas buscam erodir, principalmente pela derrisão e pelo riso, essa tendência centralizadora (Fiorin, 2016, p. 34).

³² *Dialogismo* é um conceito usado por Bakhtin (1988), que afirma que o discurso sempre está dialogando com outros discursos que o antecederam. Isso porque, como compreendemos a realidade a partir da língua e esta, por sua vez, é social e marcada pela ideologia, nós moldamos nosso discurso a partir das ideologias que compõem nossa consciência. Assim, o discurso, inserido em um contexto social, é marcado tanto pelos discursos já apreendidos pelo sujeito quanto pelo meio em que se encontra, no qual o discurso produzido dialoga com outros. O enunciado precisa das relações dialógicas: “Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com o que ele, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante” (Fiorin, 2016, p. 24).

Fiorin (2016) destaca que o enunciado é determinado não só pela situação social imediata, mas também pelas relações de poder, que se encontram tanto na esfera política quanto no trabalho, por exemplo. Todo enunciado está situado em um contexto que possui normas, de forma que existem certos padrões linguísticos estabelecidos que devem ser considerados, já que “não podemos dirigir-nos, com determinadas fórmulas empregadas na intimidade, a uma autoridade, a uma pessoa mais velha, a alguém que não conhecemos” (Fiorin, 2016, p. 36). O estilo do enunciado depende de a quem ele se dirige.

Volóchinov (2021) afirma que o enunciado é realizado numa situação de interação e pressupõe que os interlocutores estejam organizados socialmente. Mesmo nos casos em que não há um locutor imediato, o autor direciona o enunciado para a imagem de um interlocutor que represente o grupo social. A partir disso, “a palavra é orientada para o interlocutor” (Volóchinov, 2021, p. 204), considerando o grupo e a classe social ao qual o interlocutor pertence e se ele possui alguma ligação social próxima do falante (familiar, por exemplo). Essa orientação para o interlocutor é importante porque a palavra funciona como uma ponte entre dois indivíduos. É por meio da palavra que “eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade” (Volóchinov, 2021, p. 206). Sobre a orientação para o interlocutor, Brait (2012) explica que compreender o enunciado implica não somente entender a situação social de produção, mas também a quem esse enunciado se dirige. Isso porque as marcas discursivas e sociais no enunciado também sofrem influência, dependendo do destinatário.

Dessa forma, a produção do discurso acontece sob objetivos definidos de acordo com o contexto e com o destinatário. Volóchinov (2021) destaca a importância da orientação para o interlocutor; segundo ele, essa orientação dá ênfase às influências sociais que podem ser percebidas no discurso.

Considerando a adequação à situação comunicativa e o destinatário, Volóchinov (2021) traz a entonação como um elemento importante para a atribuição de sentido, pois ela é “especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante” (Volóchinov, [s.d.], p. 10). Segundo ele, é por meio da entonação que o enunciado se torna real e permite a comunicação com os interlocutores.

A entonação é significativa porque uma palavra pode ser dita de diferentes maneiras, dependendo do contexto e, portanto, ela também desempenha um papel na construção de sentido. Volóchinov ([s.d.]) afirma que

a entoação e o gesto são ativos e objetivos por tendência. Eles não apenas expressam o estado mental e passivo do falante, mas também sempre se impregnam de uma relação forte e viva com o mundo externo e com o meio social - inimigos, amigos, aliados. Quando uma pessoa entoa e gesticula, ela assume uma posição social ativa com respeito a certos valores específicos e esta posição é condicionada pelas próprias bases de sua existência social (Volóchinov, [s.d.], p. 12).

Dito de outro modo, assim como o enunciado em si, a entoação também é social. Além de desempenhar um papel no sentido do discurso, a entoação também busca o que Volóchinov ([s.d.], p. 11) chama de “apoio coral”: quando um indivíduo atribui uma entoação específica, ele espera que o auditório que recebe o enunciado o aceite como verdadeiro, concorde com o que está sendo dito. Aproximando de nosso objeto de pesquisa, podemos perceber isso em discursos populistas que, ao utilizar signos capazes de unificar as reivindicações de diversos grupos sociais — os *significantes vazios*, em Laclau (2008) —, buscam encontrar uma aceitação maior por parte da população geral.

Volóchinov (2021) destaca que, para o falante, o que importa não é a forma linguística empregada no discurso; a relevância está na adequação do signo ao contexto enunciativo. Assim, o principal objetivo do sujeito enunciativo está na propagação adequada de sua ideia por meio de signos que permitam a sua recepção e entendimento por parte do interlocutor. Todos os aspectos do enunciado — as palavras, a entoação, os gestos corporais — são selecionados pelo falante a fim de garantir a compreensão e aceitação por parte do destinatário.

No entanto, cada autor apresenta um estilo determinado, que é possível chamar de marca da individualidade, sendo que essa individualidade, conforme Fiorin (2016), pode ser singular (específica do autor) ou coletiva (relacionada a um grupo ao qual o autor do enunciado pertence). Os enunciados, diferentemente de uma forma linguística fora de contexto, possuem um autor e, portanto, revelam um posicionamento, uma opinião; os enunciados são sempre carregados de juízo de valor. Essa marca ideológica deixada pelo autor no enunciado, mesmo que se origine da individualidade, é social, já que todos os fenômenos ideológicos relacionados à língua são construídos socialmente. A seguir, trataremos mais detalhadamente a formação da consciência individual a partir da linguagem e, também, como o processo de compreensão do enunciado se relaciona com a consciência e com a coletividade.

3.4 CONSCIÊNCIA E COMPREENSÃO

A consciência se organiza a partir dos signos utilizados na comunicação de uma coletividade e, por surgir no contexto de interação social, é preenchida por conteúdo ideológico.

Volóchinov (2021) afirma que a consciência individual se forma a partir de signos e, portanto, segue a sua lógica: a lógica da comunicação ideológica. Como vimos anteriormente, na perspectiva do Círculo de Bakhtin todo signo é ideológico e, por isso, a consciência absorve a ideologia presente na comunicação sónica e cresce a partir dela. Não existe consciência sem o conteúdo sónico ideológico, pois ela “pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos” (Volóchinov, 2021, p. 98).

Portanto, a consciência individual pôde se desenvolver graças à palavra, um signo flexível que se adapta e organiza o discurso interior. Para o estudioso da linguagem, toda vivência precisa dos signos, pois toda vivência é expressiva (seja ela uma emoção, um pensamento ou a articulação de um enunciado). A partir disso, é possível concluir que a consciência é social, já que ela é organizada por signos e o signo ideológico é usado tanto para a comunicação social quanto como um signo interior.

Consequentemente, o psiquismo interior é orientado por um sistema ideológico específico: o que rege o grupo social do qual o indivíduo faz parte. O pensamento é regido pelo sistema ideológico e pelo sistema do psiquismo; ambos formam uma unidade, “determinada não apenas pela unidade do meu organismo biológico, mas por todo o conjunto das condições cotidianas e sociais nas quais esse organismo está inserido” (Volóchinov, 2021, p. 130). A partir disso, a consciência individual é formada a partir da linguagem, mas não lida com as palavras apenas como elementos linguísticos. Na consciência, a palavra organiza os pensamentos a partir da situação social (ou discurso interior) e das diferentes formas que o signo pode ser utilizado em cada uma delas.

Assim, o signo funciona como uma ponte não só entre os indivíduos num contexto de interação, mas também como ponte entre o sujeito e a realidade. É a partir do signo que o psiquismo tem contato com o mundo exterior e constitui-se ideologicamente. Por outro lado, toda criação ideológica passa pelo psiquismo, pois ele é “uma instância necessária. Reiteramos: qualquer signo ideológico exterior, independentemente do seu gênero, banha-se por todos os lados nos signos interiores, ou seja, na consciência” (Volóchinov, 2021, p. 128). Dessa forma, a obra ideológica se mantém viva justamente por estar presente na consciência dos sujeitos, sendo mantida dentro do contexto social a partir da compreensão e assimilação deles. Conforme Volóchinov (2021), as ideias são geradas a partir dos signos ideológicos que compõem o psiquismo. A tomada de consciência precisa do signo para se estruturar, pois, caso contrário, não pode ser expressada. Esse processo necessita do discurso interior, formado por signos ideológicos, e também da entonação interior, que pode ser “bastante sutil e complexa. Na

maioria dos casos, a expressão exterior apenas continua e esclarece a orientação do discurso interior e as entonações contidas nela” (Volóchinov, 2021, p. 207), sendo que essa entonação adquire diferentes sentidos dependendo do contexto social.

O psiquismo é estruturado a partir das relações sociais, pois, conforme explica Fiorin (2016), a existência do sujeito e suas ações estão sempre ligadas a outros sujeitos. É a partir do contexto social que a consciência toma forma e, nesse contexto, o indivíduo tem contato com múltiplas vozes sociais que acabam sendo incorporadas ao seu discurso interior. Como a coletividade é heterogênea, as vozes sociais também são. Na construção da consciência, existem vozes percebidas como autoridade, ou seja, são resistentes e não são relativizadas a partir de outras vozes. Para exemplificar as vozes de autoridade, Fiorin (2016) cita a igreja e os partidos políticos. Além delas, existe outro tipo de voz: a persuasiva. Nesse caso, tratam-se de vozes que sofrem modificações no decorrer do tempo, tornando-se híbridas e permeadas por outras vozes. É nesse processo de construção da consciência que emerge a individualidade, pois “cada indivíduo tem uma história particular de constituição do seu mundo interior, pois ele é resultante do embate e das inter-relações desses dois tipos de vozes” (Fiorin, 2016, p. 61), que podem ser percebidas de diferentes formas pelos componentes da sociedade.

Logo,

O mundo interior é formado a partir da heterogeneidade dialógica das vozes sociais. Os enunciados, construídos pelo sujeito, são constitutivamente ideológicos, pois são uma resposta ativa às vozes interiorizadas. Por isso, eles nunca são expressão de uma consciência individual, descolada da realidade social, uma vez que ela é formada pela incorporação das vozes sociais em circulação na sociedade. Mas, ao mesmo tempo, o sujeito não é completamente assujeitado, pois ele participa do diálogo de vozes de uma forma particular, porque a história da constituição de sua consciência é singular. O sujeito é integralmente social e integralmente singular. Ele é um evento único, porque responde às condições objetivas do diálogo social de uma maneira específica, interage concretamente com as vozes sociais de um modo único. A realidade é centrífuga, o que significa que ela permite a constituição de sujeitos distintos, porque não são organizados em torno de um centro único (Fiorin, 2016, p. 64).

Na perspectiva bakhtiniana, o sujeito é social, pois é a partir do mundo exterior que o sujeito entende sua individualidade e seu valor. Por conseguinte, Volóchinov (2021) reitera que a personalidade acaba sendo um produto formado no território social, e essa personalidade é percebida tanto no discurso interior quanto no enunciado produzido. Ao mesmo tempo que a vivência (o discurso interior) influencia o enunciado, a expressão é o que organiza a vivência; o interior se adapta às possibilidades de expressão, e não o contrário.

Em relação à concepção ideológica da vivência, Volóchinov (2021, p.208) a divide em dois opostos: a “vivência do eu” e a “vivência do nós”. A “vivência do eu” aproxima-se de uma

reação fisiológica, e tem a tendência de ser eliminada por apresentar um nível inferior de acabamento ideológico. Já a “vivência do nós” apresenta um acabamento ideológico mais estruturado e um aumento da consciência, que são “diretamente proporcionais à firmeza e à convicção da orientação social. Quanto mais unida, organizada e diferenciada for a coletividade na qual se orienta um indivíduo, tanto mais diversificado e complexo será seu mundo interior” (Volóchinov, 2021, p. 208-209).

A fim de exemplificar a diferença de percepções entre indivíduos situados em uma coletividade organizada ou não, Volóchinov (2021) traz o exemplo da fome. Segundo ele, se um indivíduo que não está inserido em um grupo social toma consciência de sua fome, sua vivência será individual e solitária. Já no caso do indivíduo que faz parte de um grupo que convive com a fome, mas não se organiza socialmente frente à questão, a vivência não organizará uma ação unificada em busca de uma resolução. Por fim, a vivência do faminto que é membro de um grupo organizado, com os mesmos objetivos e condições materiais similares, é diferente. Nesse contexto, “prevalecerão na vivência os tons de protesto ativo e confiante, e não haverá espaço para entonações de resignação e de submissão. Além disso, o terreno será mais fértil para a clareza ideológica e o acabamento da vivência” (Volóchinov, 2021, p. 209-210). Tendo isso em vista, pode-se inferir que a organização e a psicologia social de uma coletividade são determinantes para a tomada de consciência e influem diretamente na percepção da realidade dos indivíduos.

Diante disso, para que o signo ideológico faça sentido e, assim, mantenha-se vivo em uma sociedade, ele precisa estar relacionado à vivência subjetiva dos indivíduos, como afirma Volóchinov (2021):

O signo ideológico vive por meio da sua realização psíquica, assim como a realização psíquica vive por meio do seu conteúdo ideológico. A vivência psíquica é o interior que se torna exterior; o signo ideológico é o exterior que se torna interior. [...] Desse modo, entre o psiquismo e a ideologia existe uma interação dialética indissolúvel: o psiquismo desaparece, anula-se, ao tornar-se ideologia, assim como a ideologia se exclui ao tornar-se psiquismo. O signo interior, para se tornar um signo ideológico, deve se livrar de sua obsessão pelo contexto psíquico (biográfico), deixar de ser uma vivência subjetiva. O signo ideológico, para permanecer vivo, precisa imergir no universo dos signos subjetivos interiores, obter tonalidades subjetivas, para não se transformar em uma relíquia de museu que é respeitada, mas incompreendida (Volóchinov, 2021, p. 138).

Portanto, a obra ideológica está diretamente relacionada ao indivíduo e a seu contexto social. Na próxima subseção, será abordada a ligação entre a compreensão do enunciado e do signo ideológico com a consciência do indivíduo e psicologia do grupo social.

3.4.1 Processo de compreensão do discurso

O processo de compreensão de um discurso, segundo a obra de Volóchinov (2021), dá-se por meio da relação de um signo a outros signos já conhecidos. Nessa aproximação de um signo a outros, cria-se o que o autor chama de “cadeia de criação e da compreensão ideológica” (Volóchinov, 2021, p. 95), que nunca se rompe e é responsável por unir as consciências individuais dos sujeitos em uma formação social. A compreensão ativa “busca uma *contrapalavra* à palavra do falante” (Volóchinov, 2021, p. 232), ocorrendo como uma espécie de diálogo que envolve a participação do discurso interior, relacionando a palavra aos signos já conhecidos. Além disso, esse processo também envolve a percepção do contexto ideológico do qual a palavra faz parte.

Partindo desse pressuposto, a compreensão da totalidade de um discurso não poderia ser restringida apenas ao reconhecimento da forma linguística, pois está muito mais ligada ao conhecimento do contexto de produção; somente na inter-relação entre a forma linguística e o contexto de produção seria possível compreender o sentido do enunciado. Volóchinov (2021) afirma que é devido à mutabilidade do signo que o contexto se faz tão importante: como o signo pode ser orientado de diferentes formas em diferentes situações sociais, a compreensão requer a identificação e compreensão da situação que o gerou. É a partir do reconhecimento da situação enunciativa que se torna possível compreender o tema do enunciado. Esse contexto extraverbal pode ser dividido em três fatores, segundo Volóchinov ([s.d.], p. 7): “1) o horizonte espacial comum dos interlocutores [...], 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua avaliação comum dessa situação”.

Após a compreensão do discurso, ocorre também a avaliação deste. Conforme Volóchinov (2021), o enunciado é percebido pelo ser humano por meio de vivências, ou seja, a partir de um discurso interior já formado, e é no discurso interior que o enunciado é percebido e avaliado. Quando ocorre essa percepção, existem dois momentos importantes: a compreensão do contexto real por meio da situação de fala e entonação e, em seguida, é preparada uma resposta ao enunciado. Essa réplica consiste na aceitação do sistema ideológico presente no discurso e na avaliação do que está sendo posto por apenas dois parâmetros, definidos por Volóchinov (2021): se o que está posto é correto ou incorreto.

A avaliação de um enunciado é fundada nos aspectos socioeconômicos de um grupo, pois essas características são responsáveis por organizar a percepção e comportamento da coletividade. Isso porque, segundo Volóchinov ([s.d.]), essas características se fundem aos seus objetos e fenômenos ideológicos correspondentes. O autor afirma que os fenômenos

ideológicos que cercam um determinado grupo são marcados por juízos de valor, e “se um julgamento de valor é de fato condicionado pela existência de uma dada comunidade, ele se torna uma matéria de crença dogmática, alguma coisa tida como certa e não submetida a discussão” (Volóchinov, [s.d.], p. 9). Dito de outro modo, quando um juízo de valor rege uma comunidade hegemonicamente, um enunciado que segue esse ponto de vista não sofrerá uma avaliação como correto ou incorreto. No entanto, no momento em que o sistema ideológico vigente perde a força, seu valor passa a ser questionado e ele não só deixa de ter um papel organizador como perde seu lugar em relação à situação social de um grupo.

Volóchinov ([s.d.]) destaca que qualquer avaliação leva em conta aspectos que vão além dos elementos verbalizados:

“isto é mentira”, “isto é verdade”, “isto é arriscado dizer”, “você não pode dizer isto”, etc. Todas essas avaliações e outras similares, qualquer que seja o critério que as rege (ético, cognitivo, político, ou outro) levam em consideração muito mais do que aquilo que está incluído dentro dos fatores estritamente verbais (linguísticos) do enunciado. Juntamente com os fatores verbais, elas também abrangem a situação extraverbal do enunciado. Esses julgamentos e avaliações referem-se a um certo todo dentro do qual o discurso verbal envolve diretamente um evento na vida, e funde-se com este evento, formando uma unidade indissolúvel (Volóchinov, [s.d.], p. 6).

Tendo isso em vista, é necessário deixar claro que, de acordo com Volóchinov (2021), a constituição do sentido do discurso está intrinsecamente ligada ao horizonte social do grupo social. Somente quando o horizonte social é modificado — por meio da ampliação das condições econômicas — é que a percepção do sentido passa por uma reavaliação, já que ocorre uma expansão das possibilidades do grupo social. Assim, os sujeitos adquirem um novo repertório e passam a observar a realidade por outros ângulos.

Considerando os efeitos do horizonte social no discurso e os outros aspectos relacionados à linguagem e ideologia abordados neste capítulo, na próxima seção realizaremos a análise dos discursos de Luís Inácio Lula da Silva e de Jair Messias Bolsonaro, relacionando a teoria do Círculo de Bakhtin aos pressupostos trazidos por Laclau (2008) a respeito da retórica populista, para identificar de que forma, mesmo que sejam utilizados signos semelhantes, o sentido do enunciado dos oponentes políticos pode variar.

4 DISCURSOS POPULISTAS E A LINGUAGEM IDEOLÓGICA

Neste capítulo é realizada a análise de discursos que apresentam retórica populista dos políticos Luís Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro, realizados durante seus mandatos como Presidentes da República. Para isso, inicialmente será apresentada uma retomada dos conceitos de Laclau (2008) e do Círculo de Bakhtin (2021), relacionando-os e identificando como esses preceitos servirão de apoio para a observação dos discursos. Essa retomada trará as ideias de Volóchinov (2021) — como a orientação do discurso para o interlocutor, a neutralidade da palavra como um signo ideológico, a psicologia e horizonte sociais como determinantes para a construção de sentido do enunciado e a noção de que tanto os discursos quanto a subjetividade de um indivíduo são influenciadas por diferentes vozes do contexto social — associadas à teoria de Laclau (2008), que traz a definição de *significante vazio* e *significante flutuante*, a formação da identidade popular a partir da unificação de demandas no discurso e os aspectos discursivos característicos do populismo, como antagonismo e ambiguidade.

Em seguida, apresentar-se-á uma breve contextualização das figuras políticas que terão seus discursos analisados para, posteriormente, explorar excertos de falas realizadas por Lula e Bolsonaro durante seus mandatos, comparando-os a fim de identificar estruturas linguísticas similares entre eles, ou seja, elementos linguísticos que se repetem, como os termos ‘povo’ e ‘prosperidade’, por exemplo, numa tentativa de comprovar que o signo linguístico é ideológico e, por conta disso, pode ser utilizado em diferentes vieses políticos e representar diferentes significados a depender de quem o profere.

4.1 MÉTODO DE PESQUISA

Esta pesquisa tem como objeto discursos de presidentes da República do Brasil. A seleção dos discursos teve como critério que estes fossem falas feitas por presidentes da República, em especial um pronunciamento internacional e um pronunciamento nacional.

Considerando a temática desta pesquisa, que é o discurso populista, bem como a forte polaridade entre direita e esquerda nas eleições realizadas no ano de 2022, optou-se por analisar os discursos do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva — focando em pronunciamentos de seu mandato iniciado em 2023 — e do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, cujo mandato encerrou em 2022.

Para a análise, foram selecionados os seguintes termos: *povo*, *segurança* e *economia*. Essa escolha se deu em função da carga ideológica desses signos e, também, por esses termos estarem presentes e serem pautas nos discursos de ambos políticos.

4.2 APROXIMAÇÃO DE CONCEITOS: CÍRCULO DE BAKHTIN E ERNESTO LACLAU

A criação ideológica acontece em diferentes campos da sociedade, e cada um deles possui uma forma própria de orientação em relação à realidade que o cerca. Volóchinov (2021), ao afirmar isso, esclarece que, apesar de uma sociedade utilizar um mesmo sistema de signos, cada grupo que a compõe atribui ao signo um significado que está diretamente ligado à forma como essa organização social está inserida e percebe-se no contexto ao seu redor. Tendo isso em vista, para o estudioso existem dois aspectos fundamentais para que um discurso seja compreendido: o entendimento do contexto de produção do enunciado, pois é ele que determina o sentido, e a inserção do indivíduo em uma sociedade.

Podemos relacionar esse pensamento de Volóchinov (2021) ao que Laclau (2008) afirma sobre o *significante vazio*. Para o teórico político, o *significante vazio* desempenha o papel de ser um signo que pode ser utilizado para representar as demandas de um determinado grupo social. Como essas demandas, mesmo em um grupo socialmente organizado, são bastante plurais, é necessário que o signo apresente certa neutralidade, para que ele possa ser adaptado às demandas de diversos indivíduos. Além do *significante vazio*, Laclau (2008) também apresenta outro significante: o *flutuante*. Este consiste nos signos que podem transitar no contexto comunicativo, sendo utilizado por sujeitos de quaisquer vieses ideológicos. Tanto o *significante vazio* quanto o *flutuante*, a nosso ver, podem ser aproximados ao *signo ideológico* bakhtiniano — Volóchinov (2021) afirma que todo signo é ideológico, pois a linguagem é ideológica; tudo o que é dito e pensado é marcado pela percepção e compreensão da realidade de um sujeito que está inserido em uma situação social e é influenciado por ela —, pois, em ambos os casos, o signo apresenta a possibilidade de alteração de sentido a partir do contexto.

Como vimos no capítulo “Populismo: conceito e definições”, os discursos populistas apresentam significado flutuante porque buscam ressoar com o maior número de pessoas possível, ou seja, o *significante flutuante* é uma ferramenta retórica que, segundo Laclau (2008), é essencial para o populismo. Sendo assim, o sentido de um discurso é compreendido por cada um a partir da aproximação do que está sendo dito à realidade de cada sujeito, que avalia se o que está sendo dito de fato representa uma demanda sua ou de seu grupo. Por conta disso, discursos — populistas ou não — são, segundo Volóchinov (2021), sempre orientados para o

interlocutor: o que é dito sempre é articulado de forma a conseguir uma avaliação positiva em sua recepção.

Conforme o autor, a situação social “mais próxima e os participantes sociais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais do enunciado. As camadas mais profundas da sua estrutura são determinadas por situações sociais mais duradoras e essenciais, das quais o falante participa” (Volóchinov, 2021, p. 207). Assim, é possível inferir que, no momento de produção do enunciado, não só existe influência da situação, como também do interlocutor a quem o enunciado é direcionado. Existe, segundo Volóchinov ([s.d.], p. 11), a busca por um “apoio coral”, ou seja, o autor do discurso sempre busca um endossamento por parte do interlocutor. Para isso, a escolha da forma linguística é determinada de maneira que esteja de acordo com as regras da organização social. Essas regras, conforme vimos no capítulo anterior, podem ser advindas de diversas ordens e instituições e têm um impacto tanto na psicologia social quanto na subjetividade do interlocutor em potencial.

Neste ponto, existe outra concepção de Laclau (2008) que pode ser aproximada à teoria do Círculo de Bakhtin: a construção do povo e a identidade popular. Consoante ao que abordamos anteriormente, o *povo* como agente social só é construído a partir da consolidação das demandas do grupo social em um significante vazio que permita a unificação discursiva daquele coletivo. A partir disso, é estabelecida uma identidade social e, conseqüentemente, discursiva, a partir da qual as demandas adquirem um “valor de peito” (Laclau, 2008, p. 153, *tradução nossa*), gerando identificação e unidade.

Assim, a identidade popular se torna um fator crucial na avaliação de um discurso, pois o grupo e seus integrantes se situam na sociedade a partir da sua identificação com demandas populares e, segundo Laclau (2008), quando um grupo não sente que sua demanda é representada no discurso político, ele busca outra figura que defenda seus interesses. A linguagem populista apresenta um apelo, pois “desafia a legitimidade da política estabelecida em instituições e sublinha que a vontade do povo deve prevalecer” (Norris, 2019, p. 14, *tradução nossa*)³³, defendendo que o que deve prevalecer é a vontade do povo.

Soma-se a isso o que Volóchinov (2021) afirma sobre o sentido do discurso: para ele, só faz sentido aquilo que está ligado ao horizonte social do indivíduo, ou seja, às condições socioeconômicas e culturais às quais ele tem acesso e, por conseguinte, à ideologia do cotidiano que permeia suas situações comunicativas. Dessa forma, as ferramentas retóricas utilizadas em discursos populistas são aliadas que permitem a circulação desses discursos em diferentes

³³ **Do original:** “Populist language typically challenges the legitimacy of established political institutions and emphasizes that the will of the people should prevail” (Norris, 2019, p. 14).

esferas e camadas da sociedade e, devido a sua variabilidade de sentido, sua ressonância e aceitação pelos mais diversos sujeitos.

Existe aqui um ponto importante a ser destacado em relação à identidade popular e subjetividade. Segundo Volóchinov (2021), a situação social influencia a forma como os indivíduos se percebem como sujeitos e percebem seu entorno, e seu mundo interior é repleto de vozes sociais. Essas vozes incorporadas ao mundo interior não são somente aquelas presentes no grupo social do qual o indivíduo faz parte, mas na sociedade em sentido amplo. A partir da avaliação das vozes às quais o sujeito é exposto — porque o sujeito realiza uma espécie de diálogo com os enunciados que recebe, verificando se a ideologia por trás do signo está alinhada às crenças e ideais já adquiridos —, elas passam ou não a constituir sua consciência que, na visão bakhtiniana, é social. Nesse sentido, no contexto social, somos constantemente expostos às mais heterogêneas vozes que, de uma forma ou de outra, podem influenciar nossa forma de pensar e, conseqüentemente, nossa forma de expressão.

Levando em conta as noções de Laclau (2008) e Volóchinov (2021), a seguir iremos apresentar uma breve biografia dos presidentes do Brasil Luís Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro para, posteriormente, realizar a análise de seus discursos, a fim de identificar as semelhanças entre as formas linguísticas utilizadas por ambos, mas com diferenças de sentido — considerando o contexto social de cada um dos políticos e os objetivos em relação ao público-alvo a que cada um se dirige — que o mesmo signo pode apresentar, dependendo de quem o está proferindo.

4.3 LULA X BOLSONARO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Para que se possa ter clareza acerca do contexto dos discursos analisados, apresentamos breves biografias³⁴ de Lula e de Bolsonaro, resumindo suas trajetórias políticas, identificando as pautas que cada um defende e objetivos de suas trajetórias políticas, a fim de contextualizar socialmente seus posicionamentos, colaborando para a análise que visamos empreender.

4.3.1 Luís Inácio Lula da Silva

³⁴ As informações das biografias presidenciais foram retiradas do portal oficial do governo brasileiro e as páginas estão listadas nas referências.

Luís Inácio Lula da Silva nasceu em uma cidade interiorana de Pernambuco, Garanhuns, em 1945. Antes de exercer o cargo de presidente da República, Lula trabalhou como metalúrgico, atuando como sindicalista no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Como líder sindical, fundou em 1980, juntamente com representantes de movimentos sociais, o Partido dos Trabalhadores (PT), um partido de esquerda³⁵ que defende os direitos de trabalhadores, tanto da cidade quanto do campo.

Em 1989, nas primeiras eleições diretas no Brasil, após o Golpe Militar de 1964, Lula foi candidato à presidência pelo PT pela primeira vez. Ele se candidatou novamente em 1994 e em 1998, até que, nas eleições de 2002, foi eleito presidente. Lula reelegeu-se em 2006, finalizando seu mandato em 2011. O político pretendia candidatar-se à presidência novamente em 2018; no entanto, em abril desse mesmo ano, foi condenado e preso por corrupção e lavagem de dinheiro no caso do sítio de Atibaia (SP)³⁶, após investigação realizada pela Operação Lava-Jato. Após 580 dias preso, Lula foi solto e, em 2021, sua sentença foi anulada, o que permitiu que recuperasse seus direitos políticos e reelegesse-se pela terceira vez como presidente do Brasil, com mais de 60 milhões de votos.

4.3.2 Jair Messias Bolsonaro

Jair Messias Bolsonaro nasceu em Campinas, no ano de 1955. Militar formado em Paraquedismo pela Academia Militar das Agulhas Negras em 1977, atuou como Capitão do Exército de 1979 a 1981. Após o término de sua carreira militar, Bolsonaro foi eleito Vereador no Rio de Janeiro e, posteriormente, Deputado Federal, posição que ocupou de 1991 a 2018.

Candidato pela coligação Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos — aliança entre o Partido Social Liberal (PSL) e o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) —, foi eleito à presidência nas eleições de outubro de 2018 com mais de 57 milhões de votos. Dentre

³⁵ Na obra *Direita e esquerda: razões e significados para uma distinção política*, Bobbio (2001) define que o que difere a esquerda da direita é o grau de aceitação da desigualdade: para a esquerda o que sobressai são os pontos em comum entre os indivíduos, enquanto na direita o que é relevante é o que os diferencia. Assim, para uma pessoa de esquerda, para a qual a igualdade é a regra, “qualquer forma de desigualdade precisa ser de algum modo justificada, ao passo que, para a pessoa de direita, vale exatamente o contrário, ou seja, que a desigualdade é a regra e que, se alguma relação de igualdade deve ser acolhida, ela precisa ser devidamente justificada” (Bobbio, 2001, p. 23). Conforme Krause, Machado e Miguel (2017), o Partido dos Trabalhadores é de esquerda. À época do estudo, o partido de Bolsonaro, Partido Social Liberal (PSL), não existia. No entanto, o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (parte da coligação de Bolsonaro nas eleições de 2018) foi classificado como de direita.

³⁶ Informação retirada de reportagem “Ex-presidente Lula é solto após 580 dias preso na Polícia Federal em Curitiba”, da Folha de São Paulo (Baran, 2019).

seus pleitos eleitorais, Bolsonaro defendia o direito à posse de armas, os valores tradicionais da família e o retorno do voto impresso.

Após o fim de seu mandato, em 2023, Bolsonaro foi declarado inelegível por oito anos pelo Tribunal Superior Eleitoral por abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação durante um encontro realizado no Palácio da Alvorada³⁷.

4.4 DISCURSOS POPULISTAS NO BRASIL: LULA X BOLSONARO

Nesta subseção, apresentamos excertos dos discursos³⁸ de posse de Bolsonaro, em 2019, e de Lula, em 2023, além de trechos de pronunciamentos realizados em eventos oficiais como Assembleias Gerais da Organização das Nações Unidas. Serão apresentados também, quando conveniente para a contextualização, dados de pesquisas que estão relacionados ao político e ao tema em questão, a fim de embasar a análise realizada.

O estudo aborda alguns temas comuns nos discursos de Lula e de Bolsonaro, relacionando-os com a teoria de Laclau (2008) e de Volóchinov (2021), além de ser estabelecida uma relação entre os discursos, situações e vozes sociais que podem exercer influência nos enunciados das figuras políticas em questão.

4.4.1 Formas linguísticas em comum

Tendo em vista o que Volóchinov (2021) e Laclau (2008) afirmam sobre a variação de sentido do signo, que por ser ideológico depende do contexto social de quem o atualiza e do público-alvo a quem o enunciado se destina, e a fim de analisar a variação de sentido que os mesmos termos utilizados nos discursos de Lula e Bolsonaro apresentam, foram selecionados termos e temas em comum, abordados por ambos em seus pronunciamentos, para que seja identificado qual o possível sentido de cada termo quando utilizado por cada um deles, considerando-se que se tratam de personalidades que, em sua carreira política, apresentam vieses ideológicos opostos (esquerda e direita).

4.4.1.1 Povo

³⁷ Informação retirada do artigo “Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos”, publicado na plataforma oficial do TSE em 2023.

³⁸ Os discursos, na íntegra, serão disponibilizados nos anexos ao final deste estudo.

Conforme afirma Laclau (2008), os discursos populistas são marcados pelo antagonismo entre *povo* e *elite*. No entanto, esses termos não se limitam à esfera socioeconômica, pois, dependendo da situação enunciativa e do locutor, esses termos podem significar coisas diferentes. Dessa forma, o sentido do termo ‘povo’ é variável a depender do orador.

Segundo o *Dicionário de ciência política e das instituições políticas* (2014, p. 244), o sentido do termo ‘povo’ consiste em uma “noção bastante imprecisa que designa uma coletividade social dotada de características comuns suficientemente significativas para atingir um nível mínimo de unidade e de autonomia”. Já na versão *online* do dicionário *Michaelis* (2015), ‘povo’ significa “1. Conjunto de pessoas que constituem uma raça, nação etc. 2. Conjunto de habitantes de um país [...]. 3. Sociedade composta de diversos grupos locais, ocupando território delimitado e cônica da semelhança existente entre seus membros pela homogeneidade cultural”. No entanto, levando em conta os conceitos de *significação* e *tema* em Volóchinov (2021), a definição dicionarizada de uma palavra corresponde à significação, ou seja, ao potencial de significar que o signo pode ter. O tema do signo ‘povo’ pode variar de acordo com o contexto, em vista disso, o que será analisado é o *tema*, isto é, o sentido da palavra na situação enunciativa na qual os discursos de Bolsonaro e Lula foram proferidos. Considerando o exposto, nesta subseção iremos analisar a qual ‘povo’ Lula e Bolsonaro se referem em seus discursos.

No quadro a seguir, são listados quatro trechos em que o termo aparece no discurso de posse realizado por Bolsonaro em 2019. Posteriormente, analisar-se-á os excertos da fala de Lula. A íntegra dos discursos consta do Anexo A e C.

Quadro 1 – Ocorrência do signo ‘povo’ em excertos do discurso de posse da presidência da República de Jair Bolsonaro (2019).

(continua)

| |
|--|
| <p>Trecho 1: “Juntos temos como fazer o Brasil ocupar o lugar de destaque que ele merece no mundo e trazer paz e prosperidade para o nosso povo”.</p> <p>Trecho 2: “E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto”.</p> <p>Trecho 3:</p> |
|--|

(conclusão)

“Respeitando os princípios do Estado Democrático, guiados pela nossa Constituição e com Deus no coração, a partir de hoje vamos colocar em prática o projeto que a maioria do **povo** brasileiro democraticamente escolheu”.

Trecho 4:

“Temos recursos minerais abundantes, terras férteis abençoadas por Deus e por um **povo** maravilhoso”.

Fonte: Bolsonaro, 2019 (grifo nosso).

Para que possamos identificar o *tema* do signo ‘povo’ no discurso de Bolsonaro, é preciso compreender qual é o perfil de seus eleitores. Segundo pesquisa do Datafolha (Barbon, 2022), realizada no ano das eleições presidenciais, o perfil do apoiador de Bolsonaro é mais masculino e mais velho, sendo ele branco, com ensino superior completo e evangélico, tendo “a intenção de voto de 44% dos que ganham mais de dez salários mínimos por mês” (Barbon, 2022).

Nesse caso, percebe-se que o tema do signo ‘povo’ não representa, necessariamente, a classe popular, afinal, em seu discurso Bolsonaro (2019) faz referência ao povo que “começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto”, o que nos permite inferir que o povo referido em seu discurso é aquele que o elegeu democraticamente, ou seja, pessoas que não pertencem à classe social mais baixa da população. Uma pesquisa divulgada pelo portal Globo (2022) aponta que, enquanto as classes A e B são compostas majoritariamente por pessoas brancas, as pessoas das classes D e E (que corresponde às famílias com renda mensal de até R\$ 2,8 mil) são predominantemente pretas e pardas.

Assim como Bolsonaro, Lula também utiliza o signo ‘povo’ diversas vezes em seu discurso de posse. O Quadro 2, a seguir, apresenta alguns trechos em que esse signo aparece:

Quadro 2 – Ocorrência do signo ‘povo’ em excertos do discurso de posse da presidência da República de Luís Inácio Lula da Silva (2023).

(continua)

Trecho 1:

“Quero começar fazendo uma saudação especial a cada um e a cada uma de vocês, uma forma de lembrar e retribuir o carinho e a força que recebi todos os dias do **povo** brasileiro representado pela vigília Lula Livre, num dos momentos mais difíceis da minha vida”.

Trecho 2:

(conclusão)

“Que tiveram a coragem de vestir a nossa camisa, e, ao mesmo tempo, agitar a bandeira do Brasil quando uma minoria violenta e antidemocrática tentava censurar nossas cores e se apropriar do verde e amarelo que pertence a todo **povo** brasileiro”.

Trecho 3:

“Nosso **povo** quer paz para trabalhar, estudar, cuidar da família e ser feliz”.

Trecho 4:

“Não existem dois Brasis. Somos um único país, um único **povo**, uma grande nação”.

Trecho 5:

“Minhas amigas e meus amigos, quando digo governar, eu quero dizer cuidar. Mais do que governar, vou cuidar com muito carinho deste país e do **povo** brasileiro”.

Trecho 6:

“Uma eleição que demonstrou o compromisso do **povo** brasileiro com a democracia e suas instituições”.

Fonte: Silva, 2023 (grifo nosso).

No discurso de Lula, existem diferentes povos sendo referenciados. No trecho 1, o presidente cita a Vigília Lula Livre e o povo que o apoiou durante seu período na prisão. O mesmo acontece nos trechos 3 e 6, nos quais existe uma referência às pessoas que o elegeram. Nesses casos, o ‘povo’ corresponde ao perfil do apoiador de Lula que, segundo a pesquisa do Datafolha (Barbon, 2022), é “em geral mais pobre, mais negro, mais indígena, mais jovem, mais nordestino, menos escolarizado e mais católico” do que os eleitores de Bolsonaro. No entanto, no trecho 4, o Presidente adota um tom conciliatório, afirmando que “somos um único país, um único povo”; nesse excerto, Lula faz referência a toda população brasileira, e também faz referência aos que não votaram nele: “[...] quero me dirigir também aos que optaram por outros candidatos. Vou governar para 215 milhões de brasileiros e brasileiras, e não apenas para quem votou em mim” (Silva, 2023), como numa tentativa de unificar a população, dividida devido ao cenário eleitoral.

Como vimos anteriormente, Laclau (2008) considera que o *povo* é um agente social, ou seja, consiste em um grupo que possui as mesmas demandas e utiliza os mesmos signos para representá-las. A construção do povo passa, obrigatoriamente, pela criação de uma unidade discursiva e, segundo o autor, é fundamental que o discurso da figura do líder de tal grupo social esteja de acordo com os desejos dos sujeitos que o compõem. Tanto no caso de Lula quanto no de Bolsonaro, os eleitores, de uma forma ou de outra, identificam-se e reconhecem suas demandas nos discursos dos então candidatos.

Isso passa por outros aspectos relacionados a singularidades no discurso de cada um. No caso de Bolsonaro (2019), são representadas diversas pautas que podem ser ligadas às demandas do grupo social que o apoia: “o povo que começou a se libertar do socialismo”, “Deus no coração”, a luta contra “ideologias que destroem nossos valores e tradições”, “desconstrução da família”, “segurança das pessoas de bem”, “reestabelecer padrões éticos e morais que transformarão nosso Brasil”, entre outras. Com a sua eleição, podemos inferir que Bolsonaro conseguiu unificar a demanda de uma parcela da população por meio de seu discurso, utilizando-se de signos que foram capazes de representar o que o grupo social que o elegeu desejava para o país. Já no caso de Lula, seu discurso é marcado por singularidades que refletem a quem o presidente quer tocar com sua fala. Lula (2023), ao se referir aos interlocutores, sempre utiliza a marca de gênero masculina e feminina: “a cada um e a cada uma de vocês”, “todos e todas”, “brasileiros e brasileiras”, “minhas amigas e meus amigos”. Essa utilização pode ser relacionada a uma pauta que é abordada por Lula em seus discursos — o que veremos com mais profundidade no próximo tópico —: a visibilização das demandas das mulheres, como o combate à violência doméstica e políticas de igualdade salarial. Além disso, Lula (2023) assume um compromisso de combate à desigualdade:

Desigualdade de renda, desigualdade de gênero e de raça, desigualdade no mercado de trabalho, na representação política, nas carreiras do Estado, desigualdade no acesso a saúde, a educação e demais serviços públicos. Desigualdade entre a criança que frequenta a melhor escola particular e a criança que engraxa sapato na rodoviária sem escola e sem futuro, entre a criança feliz com brinquedo que acabou de ganhar de presente e a criança que chora de fome na noite de Natal. Desigualdade entre quem joga comida fora e quem só se alimenta das sobras (Silva, 2023).

Nesse trecho, podemos perceber a representação das demandas do perfil dos eleitores de Lula, como aponta a supracitada pesquisa do Datafolha (Barbon, 2022). Para demonstrar seu compromisso com as demandas das minorias, Lula (2023) anuncia a criação do Ministério da Igualdade Racial, do Ministério dos Povos Indígenas e do Ministério das Mulheres.

A partir dessa comparação entre as pautas trazidas por Bolsonaro (2019) e Lula (2023), é possível perceber que as demandas dos grupos sociais que votaram em cada um são diferentes. No entanto, ambos utilizam o termo ‘povo’ na maioria das ocorrências para dirigir-se àqueles que os elegeram. Assim, é possível perceber o que Laclau (2008) afirma sobre o *significante flutuante* e sua possibilidade de aplicação e sentido variável a depender do locutor: tanto Lula quanto Bolsonaro utilizam o signo ‘povo’ em suas falas, mas com sentido variável — inclusive, no discurso de Lula, percebemos mais de um sentido para o termo.

No próximo tópico, traremos outro signo que aparece no discurso de ambas as figuras políticas: “segurança”, analisando se o que esse termo representa é similar para Lula e Bolsonaro, bem como para seus respectivos apoiadores.

4.4.1.2 Segurança

A segurança da população é pauta tanto nas falas de Lula quanto de Bolsonaro. Numa tentativa de identificar as diferentes concepções de segurança de cada político e de seus eleitores, trazemos excertos de discursos de ambos em que o assunto é segurança, incluindo também termos relacionados ao assunto, como ‘violência’ e ‘armas’.

O *Dicionário de ciência política e das instituições políticas* (2014) relaciona segurança a uma percepção, um sentimento subjetivo que surge a partir da vontade de evitar uma ameaça. A partir disso, a segurança é dividida em diferentes tipos:

No plano internacional, distinguir-se-á a *segurança nacional*, criada por cada Estado para se proteger das ameaças que impendem sobre os que se encontram sob a sua alçada, os seus bens coletivos e as suas escolhas políticas, a *segurança internacional*, equilíbrio que resulta de um acordo entre Estados, e a *segurança coletiva*, que transcende os Estados para lhes impor um sistema de segurança válido para toda a comunidade internacional (Hermet *et al.*, 2014, p. 276).

Esse dicionário apresenta, ainda, um significado que contrasta com o de *segurança nacional*, o de *segurança humana*, este “depende também das condições garantidas às pessoas e às famílias na sua zona de residência ou de trabalho, no seu meio ambiente e no exercício de sua vida cotidiana” (Hermet *et al.*, 2014, p. 276).

No dicionário *Michaelis* (2015), o significado do termo ‘segurança’ está relacionado ao ato de estar seguro: “Estado do que se acha seguro ou firme; estabilidade, solidez. [...] 4. Condição marcada por uma sensação de paz e tranquilidade. 5. Condição ou estado do que está livre de danos ou riscos”. Ambos dicionários apresentam definições de possíveis significados para a palavra em questão, no entanto, como vimos, a percepção que cada indivíduo tem sobre o que é estar seguro pode variar a depender do horizonte social e do grupo do qual ele faz parte.

O quadro a seguir traz trechos do discurso de posse de Bolsonaro (2019), nos quais ele fala sobre segurança pública.

Quadro 3 – Ocorrência do assunto ‘segurança’ em excertos do discurso de posse da presidência da República de Jair Bolsonaro (2019).

Trecho 1:

“Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a viver o aumento dos índices de **violência** e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a **insegurança** a todos os lugares”.

Trecho 2:

“Nossa preocupação será com a **segurança das pessoas de bem** e a garantia do direito de propriedade e da legítima defesa, e o nosso compromisso é valorizar e dar respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança”.

Fonte: Bolsonaro, 2019, (grifo nosso).

Desde o início de sua campanha presidencial, Bolsonaro teve como um de seus ideais a “segurança das pessoas de bem” e a defesa do acesso facilitado a armas de fogo, justamente para esse fim — tanto que um dos símbolos do candidato é a mão posicionada de forma que imite uma arma. Isso foi uma das agendas de seu governo, que alterou regras relacionadas à posse de armamentos, além de conceder acesso mais amplo à compra de armas. Conforme reportagem da Folha de São Paulo (2021), Bolsonaro também aumentou a variedade de armamentos e de munições disponíveis para compra. Ainda, pesquisa realizada pelo Datafolha no período que antecedeu as eleições presidenciais de 2022 constatou que o eleitor “concorda com a frase ‘a sociedade brasileira seria mais segura se as pessoas andassem armadas para se proteger da violência’ — 45% de seus apoiadores o fazem” (Barbon, 2022).

Tendo isso em vista, podemos supor que a segurança, para Bolsonaro e seus eleitores, não está baseada na ausência de violência, mas sim na possibilidade de autodefesa. Segundo afirmam Barros e Lago (2022), o discurso bolsonarista incita o conflito:

A uma semana do turno, ele declarou que “a faxina agora será muito mais ampla”, e que “esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”. O conflito que Bolsonaro prega, portanto, não é o que alimenta a democracia liberal, nem o que aponta para os seus pontos cegos para ampliar direitos. Pelo contrário, o conflito defendido por Bolsonaro busca precisamente acabar de vez com a “bagunça” do regime democrático. É movido pela fantasia de um momento final de purificação, em que os “vermes” e os “corruptos” serão extintos, e uma pátria de lei e ordem será refundada. Para proteger esse “povo” que busca segurança, tudo que é estranho, diferente, que não se encaixa na tribo dos “cidadãos de bem” deve ser eliminado (Barros; Lago, 2022, p. 107).

Do ponto de vista dos autores, Bolsonaro faz uso extremo do antagonismo — elemento fundamental da lógica populista, conforme Laclau (2008) —, tornando o embate político entre ideologias diferentes algo que precisa ser combatido com uso da violência. Isso é perceptível no final de seu discurso de posse, que é encerrado com os dizeres “Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e

amarela” (Bolsonaro, 2019). A partir disso, podemos inferir que, para Bolsonaro e seus apoiadores, os seus ideais e suas propriedades precisam ser defendidos, mesmo que para isso seja necessário o uso de armas de fogo.

Por outro lado, temos as falas de Lula. No quadro a seguir, temos trechos tanto do discurso de posse de Lula (2023) quanto de um pronunciamento realizado na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2023, nos quais o presidente também aborda a questão da segurança.

Quadro 4 – Ocorrência do assunto ‘segurança’ em excertos de pronunciamentos do discurso de posse de Lula (2023) e de sua fala na Assembleia Geral da ONU (2023).

| Discurso de posse (2023) | Pronunciamento na Assembleia Geral da ONU (2023) |
|---|---|
| <p>Trecho 1 “Não podemos continuar a conviver com a odiosa opressão imposta às mulheres, submetidas diariamente à violência nas ruas e dentro de suas próprias casas”.</p> <p>Trecho 2: “O que o povo brasileiro sofreu nesses últimos anos foi a lenta e progressiva construção de um verdadeiro genocídio. Quero citar a título de exemplo um pequeno trecho das cem páginas desse verdadeiro relatório do caos produzido pelo gabinete da transição. Diz o relatório: "O Brasil bateu recordes de feminicídio. As políticas de igualdade raciais sofreram severo retrocesso. Produziu-se desmonte da política da juventude e os direitos indígenas nunca foram tão ultrajados na história recente do país”.</p> <p>Trecho 3: Discurso de posse “Na luta pelo bem do Brasil usaremos as armas que os nossos adversários mais temem, a verdade que se sobrepôs a mentira, a esperança que venceu o medo e o amor que derrotou o ódio”.</p> | <p>Trecho 4: “Combateremos o feminicídio e todas as formas de violência contra as mulheres”.</p> |

Fonte: Silva, 2023; Silva, 2023 (grifo nosso).

Em seus discursos, quando Lula menciona o termo ‘violência’ nos trechos 1, 2 e 4, ele fala da violência contra a mulher³⁹. Por mais que não trate de segurança pública de forma abrangente, Lula, ao abordar a violência contra a mulher no seu discurso de posse e no pronunciamento na Assembleia da ONU, traz luz a um problema latente da população brasileira: segundo Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher, realizada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado, em 2023, estima-se que 25,4 milhões de brasileiras já sofreram violência doméstica e, segundo pesquisa do Fórum Nacional de Segurança Pública (Bueno, 2024), no ano de 2023, pelo menos 10.655 mulheres foram vítimas de feminicídio.

Nas falas de Lula, portanto, o combate à violência contra a mulher é de suma importância, mas esse combate à violência não se dá da mesma forma que para Bolsonaro. Enquanto Bolsonaro e seus eleitores defendem que o acesso à arma de fogo é imprescindível para garantir a segurança das “pessoas de bem”, “oito em cada dez eleitores de Lula discordam das frases: ‘a sociedade brasileira seria mais segura se as pessoas andassem armadas para se proteger da violência’, ‘é preciso facilitar o acesso de pessoas às armas’ e ‘o povo armado jamais será escravizado’” (Barbon, 2022). Lula faz referência a essa questão em seu discurso de posse, no trecho 3, ao afirmar que utilizará as armas que seus adversários mais temem: a verdade, a esperança e o amor — ou seja, para sanar os problemas do país, a resposta não está em instrumentos bélicos tão valorizadas pelo governo anterior.

Outros tipos de violência são mencionados por Lula (2023) no trecho 2: o enfraquecimento de políticas de igualdade racial e o desrespeito aos direitos indígenas. Ambos os temas, assim como o da violência contra a mulher, são importantes para os eleitores de Lula, grupo composto por negros e indígenas, conforme dados da pesquisa do Datafolha (Barbon, 2022) trazidos anteriormente.

Para compreender a diferença entre a percepção de segurança entre os apoiadores de Lula e Bolsonaro, retomaremos um conceito de Volóchinov (2021) já mencionado neste trabalho: o de *horizonte social*. Um discurso só faz sentido quanto está vinculado ao horizonte social do interlocutor, ou seja, ao seu contexto socioeconômico e cultural.

³⁹ Bolsonaro, em seu pronunciamento na 77ª Assembleia Geral da ONU, em 2022, também fala da violência contra a mulher. Ele afirma que o seu governo combate “a violência contra as mulheres com todo o rigor” (Bolsonaro, 2022), e que ocorreu uma queda no número de feminicídios no país. No entanto, segundo artigo publicado no portal da Câmara dos Deputados (2023), o “número de feminicídios bateu o recorde no primeiro semestre de 2022” e, em 2021, o governo Bolsonaro reduziu o investimento em ações de combate a violência contra a mulher em 90%.

Assim, o discurso de Bolsonaro só foi acolhido por seus eleitores porque eles se percebem como “pessoas de bem” que experienciam a falta de segurança como um problema passível de ser resolvido com o uso de armas para autodefesa.

O mesmo acontece com Lula: seus eleitores, mais jovens, mais pretos e mais pobres, identificam-se mais com o discurso que não prega o acesso facilitado a armas, além disso, as mulheres da classe popular apoiadoras de Lula podem ter sentido suas demandas representadas pois, como mostra pesquisa do Instituto DataSenado (2024), quanto mais baixa a renda familiar, maiores são as chances da mulher sofrer violência doméstica; problema que possivelmente não seria resolvido caso houvesse o aumento do número de armas disponíveis para o cidadão comum.

Já para os negros que de acordo com relatório da Rede de Observatórios de Segurança (Ramos *et al.*, 2023) são os que mais morrem em ações policiais (87,35% das vítimas são negras), estar seguro pode não ser uma percepção relacionada a armas e ao “respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança” (Bolsonaro, 2019).

Ou seja: a compreensão do sentido do signo ‘segurança’ no discurso depende do contexto em que o interlocutor está inserido: quando se trata de uma pessoa que somente se sentiria segura com uma arma para se defender, o discurso que defende o armamento da população faria mais sentido e, portanto, seria aceito como verdadeiro. Mas, se o interlocutor for uma pessoa preta que lida com a violência policial, uma mulher vítima de violência doméstica ou um indígena que vê seus direitos desconsiderados, um discurso que visibiliza suas demandas e as apresenta como algo importante para o governo seria melhor recebido.

O horizonte social, portanto, é determinante na avaliação de um enunciado, pois:

A formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social e, por sua vez, essa formação, compreendida como um conjunto de tudo que possui significação ou importância para o grupo, é determinada inteiramente pela ampliação da base econômica (Volóchinov, 2021, p. 237-8).

Dessa forma, o horizonte social, ao determinar a que um indivíduo tem ou não acesso, pode limitar ou expandir a percepção da realidade, o que, conseqüentemente, tem influência na linguagem, no que tange à avaliação e recepção de discursos. Como afirma Volóchinov (2021), a base econômica tem ligação direta ao horizonte social. Tendo isso em vista, no próximo tópico analisaremos o que Lula e Bolsonaro falam sobre economia, a fim de identificar qual a percepção de cada um sobre prosperidade econômica.

4.4.1.3 Economia

Em sua definição para a palavra ‘economia’, o dicionário *Michaelis* (2015) traz o conceito ligado ao estudo dos “fenômenos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, com o intuito de promover o bem-estar da comunidade”.

Hermet *et al.* (2014) afirmam que o

Paradigma da ciência política assente no postulado que o *homo politicus* é assimilável ao *homo economicus*. Este tipo de análise defende o oposto de uma sociologia do valor que parte do postulado que o comportamento político dos indivíduos é função dos modos de identificação aprendidos ao longo do processo de socialização. A análise econômica privilegia, portanto, a relação custo-benefício, para conceber o comportamento político em termos racionais, como a procura ativa e consciente pelo ator da maior utilidade (Hermet *et al.*, 2014, p. 95).

No que diz respeito a questões econômicas, que englobam mais do que o termo ‘economia’, para analisar o posicionamento de Bolsonaro e Lula serão analisados diferentes termos e assuntos relacionados, como relações internacionais e a utilização do termo ‘prosperidade’, com o intuito de identificar quais reivindicações populares em relação à economia os políticos buscaram atender em seu governo.

Abaixo, o quadro traz excertos do discurso de posse de Bolsonaro (2019) e de seu discurso na 77ª Assembleia Geral da ONU, de 2022.

Quadro 5 — Ocorrência do assunto ‘economia’ em excertos de pronunciamentos do discurso de posse de Bolsonaro (2019) e de sua fala na Assembleia Geral da ONU (2022).

(continua)

| Discurso de posse, 2019 | Assembleia da ONU, 2022 |
|--|--|
| <p>Trecho 1: “Juntos temos como fazer o Brasil ocupar o lugar de destaque que ele merece no mundo e trazer paz e prosperidade para o nosso povo”.</p> <p>Trecho 2: “Vamos propor e implementar as reformas necessárias. Vamos ampliar infraestruturas, desburocratizar, simplificar, tirar a desconfiança e o peso do Governo sobre quem trabalha e quem produz”.</p> <p>Trecho 3:</p> | <p>Trecho 1: “Da mesma forma, no terreno da economia, o Brasil traz a autoridade de um país que, em nome de um crescimento sustentável e inclusivo, vem implementando reformas para a atração de investimentos e melhoria das condições de vida de sua população”.</p> <p>Trecho 2: “Levamos adiante uma abrangente pauta de privatizações e concessões, com ênfase na infraestrutura.</p> <p>Trecho 3:</p> |

(conclusão)

| | |
|--|--|
| <p>“Temos que nos espelhar em nações que são exemplos para o mundo que por meio da educação encontraram o caminho da prosperidade. Vamos retirar o viés ideológico de nossas relações internacionais”.</p> <p>Trecho 5: “Por isso, vamos, dia e noite, perseguir o objetivo de tornar o nosso País um lugar próspero e seguro para os nossos cidadãos e uma das maiores nações do planeta”.</p> | <p>“Apesar da crise mundial, o Brasil chega ao final de 2022 com uma economia em plena recuperação. Temos emprego em alta e inflação em baixa. A economia voltou a crescer”.</p> <p>Trecho 4: “Temos a tranquilidade de quem está no bom caminho. O caminho de uma prosperidade compartilhada. Compartilhada entre os brasileiros e, mais além, compartilhada com nossos vizinhos e outros parceiros mundo afora”.</p> |
|--|--|

Fonte: Bolsonaro, 2019; Bolsonaro, 2022, (grifo nosso).

A agenda do governo de Bolsonaro, como podemos perceber no trecho 3 do discurso de posse, é “ampliar infraestruturas, desburocratizar, simplificar, tirar a desconfiança e o peso do Governo sobre quem trabalha e quem produz” (Bolsonaro, 2019), além de privatizações e concessões, como vemos no trecho 3 de seu pronunciamento na Assembleia da ONU (2022). As pautas abordadas por Bolsonaro são relacionadas às demandas de seus eleitores — segundo pesquisa do Datafolha (Barbon, 2022), Bolsonaro foi o candidato escolhido pela maioria dos empresários do país.

Tendo isso em vista, quando Bolsonaro (2019) fala em tornar o Brasil um país seguro e próspero, ele leva em consideração as demandas do grupo social junto ao qual deseja conquistar maior espaço, identificação e aceitação, ou seja, ele se dirige àqueles que sentem que, caso disponham de um instrumento para autodefesa, estarão mais seguros.

No que diz respeito às políticas internacionais, Bolsonaro afirma que irá retirar delas o “viés ideológico”. Segundo Correa e Silva (2023, p. 15), a política externa do governo Bolsonaro foi marcada pelo “alinhamento ao governo Trump e aproximação ao círculo de países com regimes de extrema direita”. Considerando o que afirma Volóchinov (2021) sobre ideologia — tanto a visão da realidade quanto a linguagem utilizada pelos sujeitos são ideológicos — e a partir das escolhas feitas pelo governo Bolsonaro em relação à diplomacia, podemos afirmar que, na verdade, o viés ideológico não foi retirado das relações internacionais; ele somente foi modificado. É importante destacar que o objetivo de remover a ideologia aparece em outros campos, como a educação⁴⁰ e, quando Bolsonaro fala em combater

⁴⁰ Um ocorrido relacionado à questão Bolsonaro e sua luta contra ideologias está uma alteração ocorrida no ENEM de 2021: foi solicitada a substituição do termo “golpe” por “revolução” ao se aos militares tomando o poder em

“ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros” (Bolsonaro, 2019), ele se refere ao socialismo, um dos males que ele considera ser necessário enfrentar em seu governo, conforme podemos ver em seu discurso de posse. Portanto, podemos inferir que, sempre que Bolsonaro sugere retirar o viés ideológico, seja da educação, seja das relações internacionais, ele na verdade está fazendo referência ao socialismo. Isso está em consonância com a tentativa de Bolsonaro de mobilizar determinados grupos sociais a o apoiarem: grupos esses compostos, em sua maioria, por empresários brancos e conservadores (Datafolha, 2022).

A título de comparação, apresentamos a seguir quadro que contém trechos dos discursos feitos por Lula, a fim de apontar as diferenças de viés ideológico que cada político apresenta quando se refere à economia.

Quadro 6 – Ocorrência do assunto ‘economia’ em excertos de pronunciamentos do discurso de posse de Lula (2023) e sua fala na Assembleia Geral da ONU (2023).

(continua)

| Discurso de posse, 2023 | Assembleia da ONU, 2023 |
|--|---|
| <p>Trecho 1: “Minhas queridas companheiras e meus queridos companheiros, reassumo o compromisso de cuidar de todos os brasileiros e brasileiras, sobretudo daqueles que mais necessitam, de acabar outra vez com a fome neste país, de tirar o pobre da fila do osso para colocá-lo novamente no orçamento da União”.</p> <p>Trecho 2: “Agora é hora de voltar a cuidar do Brasil e do povo brasileiro, gerar empregos, reajustar o salário mínimo acima da inflação, baratear o preço dos alimentos, criar ainda mais vagas nas universidades, investir fortemente na saúde, na educação, na ciência e na cultura. [...] É hora de trazer investimentos e reindustrializar o Brasil, combater outras vezes as mudanças climáticas e acabar de uma vez por todas com a devastação dos nossos biomas, sobretudo a nossa querida Amazônia. Romper com o</p> | <p>Trecho 1: “O Brasil está se reencontrando consigo mesmo, com nossa região, com o mundo e com o multilateralismo”.</p> <p>Trecho 2: “Resgatamos o universalismo da nossa política externa, marcada por diálogo respeitoso com todos”.</p> <p>Trecho 3: “Reduzir as desigualdades dentro dos países requer incluir os pobres nos orçamentos nacionais e fazer os ricos pagarem impostos proporcionais ao seu patrimônio”.</p> <p>Trecho 4: “Lançamos o plano Brasil sem Fome, que vai reunir uma série de iniciativas para reduzir a pobreza e a insegurança alimentar. Entre elas, está o Bolsa Família, que se tornou referência mundial em programas de transferência de renda para famílias que mantêm suas crianças vacinadas e na escola”.</p> |

1964 (Sousa, 2021). Essa, por mais que Bolsonaro seja contra a “ideologização de crianças” (Bolsonaro, 2019), é uma escolha ideológica, pois, conforme Volóchinov (2021), todo signo é ideológico, ou seja, não existe uma palavra em uso num enunciado que não esteja marcada pela ideologia.

(conclusão)

| | |
|--|--|
| isolamento internacional e voltar a se relacionar com todos os países do mundo”. | <p>Trecho 5: “Os governos precisam romper com a dissonância cada vez maior entre a “voz dos mercados” e a “voz das ruas”.</p> <p>O neoliberalismo agravou a desigualdade econômica e política que hoje assola as democracias”.</p> |
|--|--|

Fonte: Silva, 2023; Silva, 2023, (grifo nosso).

Diferentemente de Bolsonaro, a agenda de Lula referente às questões econômicas está fortemente relacionada à redução da desigualdade social. O membro do Partido dos Trabalhadores, que apresenta um viés de esquerda e de luta pelas causas das camadas mais baixas da população, destaca em seu discurso de posse que a desigualdade na distribuição de renda é um problema do país que precisa ser resolvido:

Nesses últimos anos o Brasil voltou a ser um dos países mais desiguais do mundo. Há muito tempo não víamos tamanho abandono e desalento nas ruas. Mães garimpando o lixo em busca de alimento para seus filhos. Famílias inteiras dormindo ao relento, enfrentando o frio, a chuva e o medo. Crianças vendendo bala ou pedindo esmola quando deveriam estar na escola vivendo plenamente a infância que tem direito. Trabalhadores e trabalhadoras desempregados, exibindo nos semáforos cartazes de papelão com a frase que nos envergonha a todos: "Por favor, me ajuda". Fila na porta dos açougues em busca de ossos para aliviar a fome, e, ao mesmo tempo, filas de espera para compra de automóveis importados e jatinhos particulares. Tamanho abismo social é um obstáculo a construção de uma sociedade verdadeiramente justa, democrática e de uma economia próspera e moderna. [...] É inadmissível que os 5% mais ricos deste país detenham a mesma fatia de renda que os demais 95% de pessoas. Que seis bilionários brasileiros tenham uma riqueza equivalente ao patrimônio dos cem milhões mais pobres do país (Silva, 2023).

Ainda, Lula também cita a desigualdade em seu pronunciamento na Assembleia Geral da ONU (2023), enfatizando que a pobreza precisa ser combatida. Diferentemente de Bolsonaro, a visão de prosperidade econômica de Lula aparenta não levar em conta somente o incentivo ao empreendedorismo, mas sim uma distribuição mais igualitária de renda para que a camada mais vulnerável da população, ou seja, seus apoiadores em maioria, tenham a possibilidade de ter uma vida mais digna e confortável. Isso fica evidente no trecho 5 do seu pronunciamento na ONU, no qual ele critica o neoliberalismo econômico que prioriza o mercado ao invés da população.

Em relação à política externa, Lula fala sobre o multilateralismo — que ele define como o princípio da “igualdade soberana entre as nações” (Silva, 2023) — e universalismo, priorizando o diálogo. Essa postura é similar à de seu primeiro governo, no qual buscou o

fortalecimento das relações internacionais a fim de explorar as possibilidades de “intercâmbio econômico, financeiro, tecnológico e cultural” (Correa; Silva, 2023, p. 4).

Novamente, temos a influência do horizonte social do público-alvo nas demandas e agendas apresentadas. Para os eleitores de Lula, prosperidade econômica não necessariamente está relacionada a empreendedorismo e desburocratização da economia, mas sim à possibilidade de ascensão social por meio de oportunidades de educação e de emprego, o que pode divergir da percepção de prosperidade econômica daqueles que apoiam Bolsonaro. Ambos se referem às condições de vida da população; no entanto, enquanto Lula (2023) apresenta como solução para os problemas enfrentados a geração de empregos e o reajuste do salário mínimo, aumentando o acesso à alimentação, saúde, cultura e ensino superior, seu adversário político defende que a economia deve servir a população, que pode “sonhar com uma vida melhor, com melhores condições para usufruir do fruto do seu trabalho pela meritocracia” (Bolsonaro, 2019), a partir da desburocratização do empreendedorismo e atração de investimentos para o país.

Embora os discursos de Lula e Bolsonaro apresentem sentidos diferentes, considerando-se o contexto de cada um e o público a quem as falas se destinam, ambos usam termos similares para expressar aquilo em que acreditam. Além disso, consonante ao Círculo de Bakhtin (2021), ambos sofrem influência do meio social, ou seja, diferentes vozes sociais permeiam os enunciados. Na próxima subseção, iremos discorrer sobre como as vozes sociais podem ter efeitos na produção linguística dos indivíduos e que possíveis influências podemos perceber nas falas de Lula e Bolsonaro.

4.4.2 Influência de vozes sociais no discurso

De acordo com o Círculo de Bakhtin (2021), é por meio do contato com a realidade social que o indivíduo toma consciência de si mesmo e do mundo, reconhece-se como sujeito e identifica-se com determinados grupos sociais. Tendo isso em vista, o contexto social tem um papel vital na formação da consciência, processo que é marcado pela incorporação de diferentes vozes:

Há aquelas que são incorporadas como voz de autoridade. São aquelas a que se adere de modo incondicional, que são assimiladas como uma massa compacta e, por isso, são centrípetas, impermeáveis, resistentes a impregnar-se de outras vozes, a relativizar-se. A voz de autoridade pode ser a voz da Igreja, do Partido, do grupo que se participa etc.

Outras vozes são assimiladas como posições de sentido internamente persuasivas. São vistas como uma parte entre outras. Por isso, são centrífugas, permeáveis à

impregnação por outras vozes, à hibridização, e abrem-se incessantemente à mudança (Fiorin, 2016, p. 61).

Considerando-se que as vozes do meio social são recebidas e avaliadas de diferentes formas, tendo seus sentidos incorporados à consciência, o enunciado que o indivíduo produz também é impactado por essas vozes. É a partir delas que o sujeito organizará seu discurso, utilizando-se do que for mais apropriado para a audiência e o contexto enunciativo.

Como qualquer pessoa inserida em uma sociedade é exposta a diferentes vozes, tanto os discursos de Lula quanto os de Bolsonaro são resultado de uma junção desses elementos. No entanto, as vozes sociais e a forma como elas influenciam cada um pode ser diferente, mesmo que no discurso de ambos seja possível identificar termos em comum. Fiorin (2016) destaca que uma palavra fora do discurso existe para que qualquer indivíduo a utilize e, quando ela se torna parte de um enunciado, isto é, passa a compor um discurso, a palavra passa a representar um posicionamento, um juízo de valor.

Tomemos como exemplo uma fala de Jair Bolsonaro em um debate dos presidenciais, ocorrido em agosto de 2022. Bolsonaro, na ocasião, encerrou sua fala com os dizeres “Deus, pátria e família”⁴¹. Este é um lema originário da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento fascista brasileiro surgido nos anos 1930. Segundo Almeida (2020), o termo ‘Deus’ representa a influência cristã; ‘pátria’ é utilizado para criar a noção do Brasil como uma unidade; e ‘família’ está relacionado à preservação de valores e tradições. Termos linguísticos semelhantes nominaram a coligação pela qual Bolsonaro foi eleito em 2018: “Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos”. Aqui, podemos perceber que vozes sociais advindas de figuras políticas que o precederam influenciaram tanto o discurso de Bolsonaro quanto as demandas que ele defende:

Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerces da nossa sociedade. E convido a todos para iniciarmos um movimento nesse sentido. Podemos, eu, você e as nossas famílias, todos juntos, reestabelecer padrões éticos e morais que transformarão nosso Brasil (Bolsonaro, 2019).

No excerto, é possível perceber semelhanças entre os ideais integralistas e a fala de Bolsonaro: existe uma preocupação com a unidade do país, com a manutenção das tradições e com a defesa da família. Assim, podemos inferir que as demandas trazidas por Bolsonaro (2019) em seu discurso de posse foram influenciadas por vozes sociais com as quais ele concorda e o antecederam.

⁴¹ Informação retirada da reportagem “Sem considerar origem histórica, bolsonaristas negam que slogan do fascismo seja fascista”, da Folha de São Paulo (DeLuca, 2022).

No entanto, as vozes sociais que divergem de seus ideais também impactam seu discurso: nas falas de Bolsonaro existem referências ao socialismo, como “ideologias nefastas”, a “bandeira, que jamais será vermelha”, entre outras. As vozes incorporadas e utilizadas como base do enunciado são aquelas que, de alguma forma, impactam o indivíduo e, como afirma Laclau (2008), a lógica do populismo implica a existência de uma *elite* contra a qual o líder em questão se opõe: é necessário que exista um antagonismo, e a identidade deste *outro* causa um impacto discursivo, assim como os valores que são defendidos. No caso de Bolsonaro, a *elite* contra a qual ele se opõe é a esquerda.

As falas de Bolsonaro também impactam o discurso de seu oponente político. Lula, em seu discurso de posse, utiliza-se de um símbolo repetidamente apresentado por Bolsonaro — as armas: “Na luta pelo bem do Brasil, usaremos as armas que os nossos adversários mais temem, a verdade que se sobrepõe a mentira, a esperança que venceu o medo e o amor que derrotou o ódio” (Silva, 2023). A fala, além de demonstrar que o discurso de um indivíduo tem influência no discurso de outro e o antagonismo populista, demonstra o alinhamento entre Lula e seus apoiadores (que, conforme apresentamos anteriormente, são contra o acesso facilitado à arma de fogo).

As vozes sociais impactam tanto a forma de comunicação escolhida como as demandas abordadas no enunciado. No caso de Lula, nós temos a frequente utilização da marca de gênero feminino e masculino na referência ao público, como “brasileiros e brasileiras” (Silva, 2023). A forma como o político se refere ao gênero feminino é um indicativo do comprometimento com demandas das mulheres:

Não podemos continuar a conviver com a odiosa opressão imposta às mulheres, submetidas diariamente à violência nas ruas e dentro de suas próprias casas. É inadmissível que continuem a receber salários inferiores a dos homens, quando no exercício de uma mesma função elas precisam conquistar cada vez mais espaço nas instâncias dissuasórias deste país, na política, na economia, em todas áreas estratégicas. As mulheres devem ser o que elas quiserem ser, devem estar onde quiserem estar. Por isso estamos trazendo de volta o Ministério das Mulheres (Silva, 2023).

A partir da forma como Lula se expressa, é possível perceber uma tentativa de conexão com a audiência a quem o discurso se destina; por meio da utilização de uma linguagem mais inclusiva, que visibiliza o público feminino, possibilitando uma identificação com a figura política. Como afirma Laclau (2008), é a partir da unidade e alinhamento entre a identidade discursiva do líder com a demanda do grupo social que o populismo ganha força. Tendo isso em vista, Lula também aborda, em seu pronunciamento na Assembleia da ONU, a “defesa dos direitos de grupos LGBTQI+” (Silva, 2023) — outro grupo social que, de acordo com pesquisa

do Datafolha (Gomes, 2022), opta por Lula na eleição de 2022: 76% das pessoas LGBTQIAP+ entrevistadas declararam intenção de voto para o candidato do PT.

Portanto, a todo momento, as vozes do contexto social influenciam os enunciados produzidos pelos sujeitos, sejam essas influências explícitas — como o caso de Bolsonaro e o lema da Ação Integralista Brasileira — ou implícitas. De todo modo, como afirma Volóchinov (2023, p. 109), “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana. [...] essas formas são inteiramente determinadas pelas relações de trabalho e pelo regime sociopolítico”. Ou seja, as formas linguísticas utilizadas na comunicação são determinadas pela situação social em que o indivíduo se encontra, e o seu repertório estará sempre impregnado da ideologia que permeia essa situação: os indivíduos não são imunes aos fenômenos ideológicos que acontecem no campo social. Assim, as vozes sociais — sejam elas, conforme Fiorin (2016), as vozes de autoridade ou as vozes de outros sujeitos da esfera social — inevitavelmente vão influenciar a forma como um indivíduo percebe a realidade a seu redor, organiza seu mundo interior e comunica-se com o mundo exterior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa era demonstrar as diferenças de sentido de alguns termos similares utilizados em discursos que apresentam elementos da retórica populista, tanto de Luiz Inácio Lula da Silva quanto de Jair Messias Bolsonaro, resultantes de vieses ideológicos divergentes, por meio da noção de signo ideológico, do Círculo de Bakhtin. Já os objetivos específicos definidos no início do trabalho foram: (i) revisitar nos estudos do Círculo de Bakhtin os conceitos de signo ideológico e de língua e a influência do meio social sobre esses conceitos; (ii) contextualizar politicamente o conceito de populismo; (iii) identificar as principais características da linguagem de discursos populistas; (iv) pesquisar discursos oficiais do atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro; e (v) analisar esses discursos a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, em especial, dos conceitos de signo ideológico e de língua, bem como da perspectiva de Ernesto Laclau acerca da lógica populista.

Tendo em vista o que foi definido, considera-se que os objetivos tenham sido atingidos, considerando que para conceituar *populismo*, foi utilizada como base a obra de Laclau (2008), que leva em consideração diversos aspectos para que a lógica populista seja estabelecida. Inicialmente, o autor introduz os conceitos de *significante vazio* e *significante flutuante*: enquanto o primeiro consiste em um termo que é estabelecido como aquele que unifica a representação de uma demanda de um grupo social, o segundo é o termo que, além de representar uma demanda, pode ser adaptado a discursos de diferentes posicionamentos ideológicos.

Segundo Laclau (2008), é por meio do significante vazio que a identidade social e discursiva de um grupo é definida, constituindo-o como *povo*, um agente social que adquire uma unidade nas suas reivindicações — unificação esta que está ligada à ideologia do grupo e só é possível a partir de uma organização social. Com base nisso, o teórico político destaca que o populismo emerge quando determinados grupos não encontram ressonância de suas demandas no discurso do governo, buscando então a figura de um líder que apresenta, em seu discurso, aspectos relacionados a essas vontades.

O líder populista, por sua vez, utiliza em seu discurso os significantes vazios, na tentativa de utilizar signos que englobem o maior número de demandas possível, abarcando as reivindicações de diversos grupos sociais, o que torna o significado do discurso populista sempre flutuante. Sendo assim, populismo, de acordo com a definição de Laclau (2008),

consiste em um conjunto de ferramentas retóricas que podem ser aplicadas em discursos de quaisquer vieses ideológicos.

Já no que diz respeito aos estudos do Círculo de Bakhtin (2021), foram apresentados alguns conceitos importantes para a posterior análise dos discursos populistas. Inicialmente, foi discutido o conceito de *ideologia*, dividido entre *ideologia oficial*, que consiste na ideologia dominante, que tem como objetivo realizar a manutenção de sua hegemonia, e a *ideologia do cotidiano*, aquela que está presente nas interações sociais que ocorrem no dia a dia da população.

Em seguida, foi introduzida a noção de *signo ideológico*, na qual o signo está vinculado a uma ideologia que permite que seu significado possa distorcer ou ser fiel à realidade a partir do posicionamento ideológico do sujeito que o está atualizando. Conforme Volóchinov (2021), é a palavra que assume a função de signo ideológico no enunciado, pois ela possui propriedades como a neutralidade, que permite que a mesma palavra seja utilizada para representar diferentes sentidos, servindo aos objetivos discursivos do locutor. No que tange à produção do discurso, o autor afirma que existem diversos fatores que influenciam essa produção: o horizonte social dos interlocutores, a adequação à audiência, o entendimento e a avaliação da situação enunciativa, sendo que esse enunciado, para constituição de seu sentido, precisa estar ligado à situação social, caso contrário, perde seu significado. Devido à indissociável ligação entre o enunciado e a situação social, a compreensão do sentido dos signos requer que os indivíduos estejam organizados socialmente.

Neste ponto, podemos relacionar a teoria de Laclau (2008) e do Círculo de Bakhtin (2021), pois ambos tratam da linguagem relacionada ao contexto social e à ideologia. É a partir da relação entre seus estudos que foi possível realizar a análise dos discursos de Lula e Bolsonaro. Na análise, identificamos que os significantes vazio e flutuante de Laclau (2008), aspectos linguísticos fundamentais para o populismo, podem ser encontrados nos discursos tanto de Lula quanto de Bolsonaro: ambos utilizam diversos termos em comum e, como pudemos evidenciar, esses termos representam sentidos diferentes, tanto para os políticos quanto para seus apoiadores.

Além desse aspecto da lógica populista, também pudemos reconhecer a presença do antagonismo existente entre os dois políticos e do povo como um agente social, e não como uma representação ligada necessariamente à classe social: o ‘povo’ a quem Bolsonaro se dirige e o ‘povo’ a quem Lula se refere são consideravelmente diferentes, mesmo que sejam representados pelo mesmo termo linguístico. ‘Povo’, nesse caso, consiste no grupo que tem suas demandas unificadas e uma identidade discursiva que o conecta mais com uma figura

política do que com outra. Além disso, a partir da investigação da utilização de mesmos termos por figuras políticas de vieses ideológicos divergentes, foi possível observar que, consoante à teoria do Círculo de Bakhtin (2021), o horizonte social impacta a forma como o enunciado é compreendido e avaliado, e a neutralidade da palavra permite que ela transite em diferentes contextos. Por conta disso, mesmo que Bolsonaro e Lula utilizem os mesmos signos em seus discursos, eles são adversários políticos, e as vozes sociais que permeiam suas consciências e enunciados fazem com que o sentido impresso nas falas de cada um seja distinto.

Mesmo que consideremos que os objetivos desta pesquisa tenham sido atingidos, ainda existe espaço para a expansão e aprofundamento desta. É o caso da análise da utilização do termo “democracia” e suas variações por Lula e Bolsonaro, por exemplo, na qual seria possível analisar tanto as possíveis definições de democracia quanto o que cada um dos políticos compreende a respeito de tal termo, tendo em vista suas falas em diferentes situações e medidas tomadas em seus governos. Além disso, poder-se-ia realizar uma análise histórica do populismo no Brasil ou na América Latina, verificando suas raízes e como cada figura política apresenta, em seu discurso, formas linguísticas semelhantes a outros políticos que o precederam. Por fim, outra possibilidade de pesquisa seria analisar como, em casos de governos autoritários, a hegemonia foi estabelecida por meio da totalização das demandas e neutralização da oposição através do discurso populista. Essas e outras possibilidades de pesquisa deverão ser consideradas na continuação de meus estudos em um futuro doutorado.

Como vimos, Laclau (2008) considera que a lógica populista seja, na verdade, um conjunto de estratégias retóricas que podem ser utilizadas por pessoas que seguem diferentes vieses ideológicos. Dessa forma, o populismo seria um recurso para que uma figura política conseguisse gerar identificação com o maior número de pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais, o que, no caso de um país de vastas dimensões territoriais como o Brasil, para que as demandas defendidas possam ser relacionadas ao maior número de pessoas possíveis, recorrer às ferramentas do populismo pode ser inevitável.

No entanto, o que deve ser questionado e evitado é a ascensão de figuras políticas que, ao se utilizarem da retórica populista, não só desrespeitam mulheres e minorias, mas propagam o ódio e minam seus direitos, além de incitarem dúvidas em relação ao sistema eleitoral, o que coloca em risco a democracia de um país que por 21 anos lutou para se libertar das amarras daqueles que agora são idolatrados em sessão plenária.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Paulo Martins. “Deus, pátria e família”: os sentidos do fascismo brasileiro, do integralismo ao populismo do século XXI. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, v. 7, n. 2, p. 163-178, 2020. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3855/482483904>. Acesso em: 19 mai. 2024.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista - Campus Marília, 1998.
- BARAN, Katna. Ex-presidente Lula é solto após 580 dias preso na Polícia Federal em Curitiba. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/ex-presidente-lula-e-solto-apos-580-dias-presona-policia-federal-em-curitiba.shtml>. Acesso em: 19 mai. 2024.
- BARBON, Júlia. Datafolha: eleitor de Bolsonaro desconfia das urnas, defende armas e vê otimismo na economia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 mai. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/datafolha-eleitor-de-bolsonaro-se-vacinou-menos-contracovid-e-desconfia-das-urnas.shtml#:~:text=Os%20eleitores%20de%20Bolsonaro%20em,do%20tema%20em%20seu%20voto>. Acesso em: 19 mai. 2024.
- BARBON, Júlia. Datafolha: Lula vai melhor entre quem recebe Auxílio Brasil e tem medo da Covid. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 mai. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/datafolha-lula-vai-melhor-entre-quem-recebe-auxilio-brasil-e-tem-medo-da-covid.shtml>. Acesso em: 19 mai. 2024.
- BARROS, Thomás Zicman de; LAGO, Miguel. *Do que falamos quando falamos de populismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BENITES, Luis Eduardo Sandim. *O Populismo nas eleições de 1989: a constituição do povo nos discursos de Collor e Lula*. 2012. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1546>. Acesso em 17 ago. 2022.
- BIOGRAFIA: Jair Bolsonaro. Brasília/DF: gov.br. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/biografia/biografia>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- BIOGRAFIA: Luiz Inácio Lula da Silva. Brasília/DF: gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/biografia-do-presidente>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados para uma distinção política*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

BOLSONARO edita mais 4 decretos para facilitar acesso a armas e munições. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/02/bolsonaro-edita-mais-4-decretos-para-facilitar-acesso-a-armas-e-municoes.shtml>. Acesso em: 24 mai. 2024.

BOLSONARO, Jair. *Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de Recebimento da Faixa Presidencial*. Brasília, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-recebimento-da-faixa-presidencial-brasilia-1-de-janeiro-de-2019>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BOLSONARO, Jair. Veja a íntegra do discurso de Jair Bolsonaro na Assembleia-Geral da ONU. *CNN*, São Paulo, 20 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/veja-a-integra-do-discurso-de-jair-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BORGONOV, Frederico Poles. *Democracia, populismo e constitucionalismo*. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23053>. Acesso em: 17 ago. 2022.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012.

BUENO, Samira et al. *Feminicídios em 2023*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/77f6dcce-06b7-49c1-b227-fd625d979c85>. Acesso em 25 mai. 2024.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012.

CORREA, P. G. P.; SILVA, I. H. M. A América do Sul no governo Bolsonaro (2019-2022). *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, São Carlos, v. 32, n. esp. 3, e023027, 2023. Disponível em: <https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/1042/626>. Acesso em: 02 jun. 2024.

DELUCA, Naná. Sem considerar origem histórica, bolsonaristas negam que slogan do fascismo seja fascista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 out. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2022/10/sem-considerar-origem-historica-bolsonaristas-negam-que-slogan-do-fascismo-seja-fascista.shtml#:~:text=Sem%20considerar%20a%20origem%20hist%C3%B3rica,o%20mote%20de%2090%20anos>. Acesso em: 19 mai. 2024.

IANNI, Octavio. *O Colapso do Populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. *Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher*. Brasília/DF, nov. 2023. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/pesquisa-nacional-de-violencia-contr-a-mulher-datasenado-2023>. Acesso em: 25 mai. 2024.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.

GERBELLI, Luiz Guilherme. Brasil empobrece em 10 anos e tem mais da metade dos domicílios nas classes D e E. *GI*, [s.l.], 21 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/01/23/brasil-empobrece-em-10-anos-e-tem-mais-da-metade-dos-domicilios-nas-classes-d-e-e.ghtml>. Acesso em: 19 maio 2024.

GOMES, Bianca. Datafolha: 80% dos homossexuais e bissexuais rejeitam Bolsonaro, e 11% não votam em Lula. *O Globo*, São Paulo, 03 ago. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2022/08/datafolha-80percent-dos-homossexuais-e-bissexuais-rejeitam-bolsonaro-e-11percent-nao-votam-em-lula.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2024.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel, notas sobre o estado e a política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

HERMET, Guy *et al.* *Dicionário de Ciência Política e das Instituições Políticas*. Lisboa: Escolar Editora, 2014.

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

LACLAU, Ernesto. *Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo, fascismo e populismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

MIOTELLO, Vladimir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012.

NORRIS, Pippa. *The Global Party Survey*. Cambridge: Harvard's Kennedy School of Government, 2019. Disponível em: www.GlobalPartySurvey.org. Acesso em: 12 jun. 2024.

PANORAMA das classes ABCDE. *Grupo Globo*, Rio de Janeiro, 03 ago. 2022. Disponível em: <https://gente.globo.com/infografico-pesquisa-panorama-das-classes-abcde/>. Acesso em: 24 mai. 2024.

RAMOS, Silvia *et al.* *Pele alvo: a bala não erra o negro*. Rio de Janeiro: CESeC, 2023. Disponível em: <https://observatorioseguranca.com.br/rede-de-observatorios-revela-que-a-cada-quatro-horas-uma-pessoa-negra-foi-morta-pela-policia-em-2022/>. Acesso em: 25 mai. 2024.

SILVA, Alexandre Marques. Discurso e identidade: breve caracterização linguístico-discursiva do populismo. *Linha D'água*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 109-130, jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37370>. Acesso em: 24 ago. 2022.

SILVA, Luís Inácio Lula. *Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU*. Brasília/DF, 19 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-na-abertura-da-78a-assembleia-da-onu>. Acesso em: 13 mar. 2024.

SILVA, Luís Inácio Lula. Leia íntegra do discurso de Lula após receber a faixa no Planalto. *UOL*, São Paulo, 01 jan. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/01/posse-lula-integra-discurso-rampa-faixa.htm>. Acesso em: 13 mar. 2024.

SOUSA, Malu. Bolsonaro pediu substituição de Golpe de 1964 por revolução no Enem. *Correio Braziliense*, Brasília/DF, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/euestudante/enem/2021/11/4964506-bolsonaro-pediu-substituicao-de-golpe-de-1964-por-revolucao-no-enem.html>. Acesso em: 02 jun. 2024.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLOSHINOV, Valentin. Discurso na vida e discurso na arte. Trad. para uso didático por C. Tezza e C. A. Faraco. [s.d.]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6363517/mod_resource/content/1/VOLOSHINOV%2C%20V.%20BAKHTIN%2C%20M.%20Discurso%20na%20vida%20e%20discurso%20na%20arte.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

WEFFORT, Francisco Correia. *O Populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ZANDWAIS, Ana. Bakhtin/Voloshinov: condições para produção de Marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

ANEXO A – DISCURSO DE POSSE DE JAIR BOLSONARO, 2019

Meu prezado general, Paula, Minha esposa,

Esse momento não tem preço. Servir à Pátria como chefe do Executivo. E isso só está sendo possível porque Deus preservou a minha vida. E vocês acreditaram em mim. Juntos temos como fazer o Brasil ocupar o lugar de destaque que ele merece no mundo e trazer paz e prosperidade para o nosso povo.

É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como Presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto.

As eleições deram voz a quem não era ouvido. E a voz das ruas e das urnas foi muito clara. E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível.

Respeitando os princípios do Estado Democrático, guiados pela nossa Constituição e com Deus no coração, a partir de hoje vamos colocar em prática o projeto que a maioria do povo brasileiro democraticamente escolheu. Vamos promover as transformações que o País precisa.

Temos recursos minerais abundantes, terras férteis abençoadas por Deus e por um povo maravilhoso. Temos uma grande nação para reconstruir e isso faremos juntos. Os primeiros passos já foram dados.

Graças a vocês eu fui eleito com a campanha mais barata da história. Graças a vocês conseguimos montar um governo sem conchavos ou acertos políticos, formamos um time de ministros técnicos e capazes para transformar o nosso Brasil. Mas ainda há muitos desafios pela frente.

Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerces da nossa sociedade. E convido a todos para iniciarmos um movimento nesse sentido. Podemos, eu, você e as nossas famílias, todos juntos, reestabelecer padrões éticos e morais que transformarão nosso Brasil.

A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. Os favores politizados, partidários devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam de verdade a toda a Nação.

Tudo o que propusemos e tudo o que faremos a partir de agora tem um propósito comum e inegociável: os interesses dos brasileiros em primeiro lugar.

O brasileiro pode e deve sonhar. Sonhar com uma vida melhor, com melhores condições para usufruir do fruto do seu trabalho pela meritocracia. E ao governo cabe ser honesto e eficiente.

Apoiando e pavimentando o caminho que nos levará a um futuro melhor, ao invés de criar pedágios e barreiras.

Com este propósito iniciamos nossa caminhada. Com este espírito e determinação que toda equipe de governo assume no dia de hoje.

Temos o grande desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos e da desconstrução da família.

Vamos propor e implementar as reformas necessárias. Vamos ampliar infraestruturas, desburocratizar, simplificar, tirar a desconfiança e o peso do Governo sobre quem trabalha e quem produz.

Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a viver o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares.

Nossa preocupação será com a segurança das pessoas de bem e a garantia do direito de propriedade e da legítima defesa, e o nosso compromisso é valorizar e dar respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança.

Pela primeira vez, o Brasil irá priorizar a educação básica, que é a que realmente transforma o presente e faz o futuro de nossos filhos.

Temos que nos espelhar em nações que são exemplos para o mundo que por meio da educação encontraram o caminho da prosperidade.

Vamos retirar o viés ideológico de nossas relações internacionais.

Vamos em busca de um novo tempo para o Brasil e para os brasileiros!

Por muito tempo, o País foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros. Vamos restabelecer a ordem neste País.

Sabemos do tamanho da nossa responsabilidade e dos desafios que vamos enfrentar. Mas sabemos aonde queremos chegar e do potencial que o nosso Brasil tem. Por isso, vamos, dia e noite, perseguir o objetivo de tornar o nosso País um lugar próspero e seguro para os nossos cidadãos e uma das maiores nações do planeta.

Podem contar com toda a minha dedicação para construir o Brasil dos nossos sonhos. Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis.

Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir a nação.

Que Deus abençoe esta grande nação.

Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.

Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela.

**ANEXO B – PRONUNCIAMENTO DE JAIR BOLSONARO NA 77ª
ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 2022**

Senhor Chába Corózi, Presidente da Septuagésima Sétima Assembleia-Geral, das Nações Unidas, Senhor António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas, Senhoras e Senhores chefes de Estado, de governo e de delegações, Senhoras e Senhores, começo por cumprimentá-lo, Embaixador Chába Corózi, pela eleição para presidir esta Assembleia Geral. Esteja certo de contar com o apoio do Brasil.

O tema escolhido para este Debate Geral gira em torno de um conceito que se aplica perfeitamente ao momento que vivemos: um divisor de águas.

Senhor Presidente, Nossa responsabilidade coletiva, nesta Assembleia Geral, é compreender o alcance dos desafios que compõem esse divisor de águas. E, a partir daí, construir respostas que tirem sua força dos objetivos que são comuns a todos nós.

A tarefa não é simples. Mas, a rigor, não temos alternativa.

Esse esforço tem de começar no interior de cada um dos nossos países. Antes de tudo, é aquilo que realizamos no plano interno que dá a medida da autoridade com que agimos no plano internacional.

Deixe-me falar da perspectiva do meu País.

Quando o Brasil se manifesta sobre a agenda da saúde pública, fazemos isso com a autoridade de um governo que, durante a pandemia da Covid-19, não poupou esforços para salvar vidas e preservar empregos.

Como tantos outros países, concentramos nossa atenção, desde a primeira hora, em garantir um auxílio financeiro emergencial aos mais necessitados.

O nosso objetivo foi proteger a renda das famílias para que elas conseguissem enfrentar as dificuldades econômicas decorrentes da pandemia. Beneficiamos mais de 68 milhões de pessoas, o equivalente a 1/3 da nossa população.

Em paralelo, lançamos um amplo programa de imunização, inclusive com produção doméstica de vacinas. Somos uma nação com 210 milhões de habitantes e já temos mais de 80% da população vacinada contra a Covid-19.

Todos foram vacinados de forma voluntária, respeitando a liberdade individual de cada um.

Da mesma forma, no terreno da economia, o Brasil traz a autoridade de um país que, em nome de um crescimento sustentável e inclusivo, vem implementando reformas para a atração de investimentos e melhoria das condições de vida de sua população.

No meu governo, extirpamos a corrupção sistêmica que existia no país. Somente entre o período de 2003 e 2015, onde a esquerda presidiu o Brasil, o endividamento da Petrobras por má gestão, loteamento político em e desvios chegou a casa dos US\$ 170 bilhões de dólares.

O responsável por isso foi condenado em três instâncias por unanimidade. Delatores devolveram US\$ 1 bilhão de dólares e pagamos para a bolsa americana outro bilhão por perdas de seus acionistas.

Esse é o Brasil do passado.

Aprimoramos os serviços públicos com redução de custos e investimento em ciência e tecnologia. Hoje, por exemplo, o Brasil é o 7º país mais digitalizado do mundo: são 135 milhões de pessoas que acessam 4.900 serviços do meu governo. O Brasil foi pioneiro na implantação do 5G na América Latina.

Levamos adiante uma abrangente pauta de privatizações e concessões, com ênfase na infraestrutura.

Concluimos o projeto de transposição do Rio São Francisco, levando água para o Nordeste brasileiro. Adotamos novos marcos regulatórios, como o do saneamento básico, o das ferrovias e o do gás natural. Além disso, melhoramos o ambiente de negócios, com a lei de liberdade econômica e a lei de start-ups.

Como resultado, criamos oportunidades para o jovem empreendedor e ter empregos de qualidade.

Coroando todo esse esforço de modernização da economia brasileira, estamos avançando, a passos largos, para o ingresso do Brasil como membro pleno da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a OCDE.

Apesar da crise mundial, o Brasil chega ao final de 2022 com uma economia em plena recuperação. Temos emprego em alta e inflação em baixa. A economia voltou a crescer. A pobreza aumentou em todo o mundo sob o impacto da pandemia. No Brasil, ela já começou a cair de forma acentuada.

Os números falam por si só. A estimativa é de que, no final de 2022, 4% das famílias brasileiras estejam vivendo abaixo da linha da pobreza extrema. Em 2019, eram 5,1%. Isso representa uma queda de mais de 20%.

O Auxílio Brasil, programa de renda mínima criado pelo meu governo, durante a pandemia, que atende 20 milhões de famílias, faz pagamentos de quase US\$ 4 por dia as mesmas.

O desemprego caiu 5 pontos percentuais, chegando a 9,1%, taxa que não se via há 7 anos. Reduzimos a inflação, com estimativa de 6% no corrente ano. Tenho a satisfação de anunciar que tivemos deflação inédita no Brasil nos meses de julho e agosto.

Desde junho, o preço da gasolina caiu mais de 30%. Hoje, um litro no Brasil custa cerca de US\$ 0,90. O preço da energia elétrica também teve uma queda de mais de 15%. Quero ressaltar que o custo da energia não caiu por causa de tabelamento de preços ou qualquer outro tipo de intervenção estatal. Foi resultado de uma política de racionalização de impostos formulada e implementada com o apoio do Congresso Nacional.

Em 2021, o Brasil foi o 4º maior destino de investimento estrangeiro direto do mundo. Nosso comércio exterior alcançou a marca histórica de 39% do PIB, mesmo diminuindo ou zerando impostos de milhares de produtos.

No plano interno, também estamos batendo recordes em três áreas: arrecadação fiscal, lucros das empresas estatais e relação entre dívida pública e PIB. Aliás, em 2021 tivemos superávit no resultado consolidado de contas públicas. O PIB brasileiro aumentou 1,2% no segundo trimestre. A projeção de crescimento para 2022 chega a 3%.

Temos a tranquilidade de quem está no bom caminho. O caminho de uma prosperidade compartilhada. Compartilhada entre os brasileiros e, mais além, compartilhada com nossos vizinhos e outros parceiros mundo afora.

É isso que vemos, por exemplo, na produção de alimentos. Há quatro décadas, o Brasil importava alimentos. Hoje, somos um dos maiores exportadores mundiais.

Isso só foi possível graças a pesados investimentos em ciência e inovação, com vistas à produtividade e à sustentabilidade. Faço aqui um tributo à pessoa de Alysson Paulinelli, candidato brasileiro ao Prêmio Nobel da Paz, por seu papel na expansão da fronteira agrícola brasileira com o uso de novas tecnologias.

Este ano, o País já começou a colheita da maior safra de grãos da nossa história. Estima-se pelo menos 270 milhões de toneladas. O Brasil também, em poucos anos, passará de importador a exportador de trigo.

Para o período 2022/2023, a previsão é que a produção total ultrapasse os 300 milhões de toneladas. Como afirmou a Diretora-Geral da Organização Mundial do Comércio, em recente visita que nos fez, se não fosse o agronegócio brasileiro, o planeta passaria fome, pois alimentamos mais de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo.

O nosso agronegócio é orgulho nacional.

Senhor Presidente, quero lembrar que, também na área do desenvolvimento sustentável, o patrimônio de realizações do Brasil é fonte de credibilidade para a ação internacional do nosso

País. Em matéria de meio ambiente e desenvolvimento sustentável, o Brasil é parte da solução e referência para o mundo.

Dois terços de todo o território brasileiro permanecem com vegetação nativa, que se encontra exatamente como estava quando o Brasil foi descoberto, em 1500. Na Amazônia brasileira, área equivalente à Europa Ocidental, mais de 80% da floresta continua intocada, ao contrário do que é divulgado pela grande mídia nacional e internacional.

É fundamental que, ao cuidarmos do meio ambiente, não esqueçamos das pessoas: a região amazônica abriga mais de 20 milhões de habitantes, entre eles indígenas e ribeirinhos, cuja subsistência depende de algum aproveitamento econômico da floresta. Levamos internet a mais de 11 mil escolas rurais e a mais de 500 comunidades indígenas.

O Brasil começou sua transição energética há quase meio século, em reação às crises do petróleo daquela época. Hoje, temos uma indústria de biocombustíveis moderna e sustentável. Indústria que contribui para a matriz energética mais limpa entre os países do G20.

Cerca de 84% da nossa matriz elétrica atualmente é renovável, e esse é o objetivo que muitos países desenvolvidos esperam alcançar somente depois de 2040 ou 2050.

No ano passado, o Brasil foi escolhido pelas Nações Unidas como país “campeão da transição energética”. Temos capacidade para ser um grande exportador mundial de energia limpa. Contamos com um excedente, já em construção, que pode chegar a mais de 100 Gigawatts entre biomassa, eólica terrestre e solar, além da oportunidade, ainda não explorada, de eólicas marítimas de 700 Gigawatts, com um dos menores custos de produção do mundo. Essas fontes produzirão hidrogênio verde para exportação.

Parte desta energia 100% limpa abre a possibilidade de sermos fornecedores de produtos industriais altamente competitivos, especialmente no Nordeste brasileiro, com uma das menores pegadas de carbono do mundo.

A agenda do desenvolvimento sustentável é afetada, de várias maneiras, pelas ameaças à paz e à segurança internacional. Erguemos as Nações Unidas em meio aos escombros da Segunda Guerra Mundial. O que nos motivava, naquele momento, era a determinação de evitar que se repetisse o ciclo de destruição que marcou a primeira metade do século XX. Até certo ponto, podemos dizer que fomos bem-sucedidos.

Mas, hoje, o conflito na Ucrânia serve de alerta. Uma reforma da ONU é essencial para encontrarmos a paz mundial. No caso específico do Conselho de Segurança, após 25 anos de debates, está claro que precisamos buscar soluções inovadoras. O Brasil fala desse assunto com base em uma experiência que remonta aos primórdios da ONU.

É pela décima-primeira vez que ocupamos assento não permanente no Conselho. Temos buscado dar o melhor de nós para a solução pacífica e negociada dos conflitos internacionais, sempre guiados pela Carta da ONU e pelo Direito Internacional.

O Brasil também tem um longo histórico de participação em missões de paz da ONU. De Suez a Angola, do Haiti ao Líbano, sempre estivemos ao lado da manutenção da paz.

Também contribuimos para a paz ao abriremos nossas fronteiras para aqueles que buscam uma chance de reconstruir suas vidas em nosso país. Desde 2018, mais de seis milhões de irmãos venezuelanos foram obrigados a deixar seu país. Muitos deles vieram para o Brasil.

Nossa resposta a esse desafio foi a “Operação Acolhida”, que se tornou referência internacional. Já são mais de 350 mil venezuelanos que encontraram, em território brasileiro, assistência emergencial, proteção, documentação e a possibilidade de um recomeço. Todos têm acesso ao mercado de trabalho, a serviços públicos e a benefícios sociais.

Nos últimos meses, chegam por dia ao Brasil, a pé, cerca de 600 venezuelanos, a grande maioria dos quais mulheres e crianças pesando em média 15 quilos a menos do que antes, fugindo da violência e da fome.

A política brasileira de acolhimento humanitário vai além da Venezuela. Temos também recebido haitianos, sírios, afegãos e ucranianos.

Senhor Presidente, o conflito na Ucrânia já se estende por sete meses e gera apreensão não apenas na Europa, mas em todo o mundo.

Quero, em primeiro lugar, renovar o agradecimento do Brasil aos países que ajudaram na evacuação de brasileiros que se encontravam na Ucrânia quando começou o conflito. Refiro-me especialmente à Eslováquia, Hungria, Polônia, Romênia e República Tcheca. A operação foi exitosa. Não deixamos ninguém para trás, nem mesmo seus animais de estimação.

Diante do conflito em si, o Brasil tem-se pautado pelos princípios do Direito Internacional e da Carta da ONU. Princípios que estão consagrados também em nossa Constituição. Defendemos um cessar-fogo imediato, a proteção de civis e não-combatentes, a preservação de infraestrutura crítica para assistência à população e a manutenção de todos os canais de diálogo entre as partes em conflito. Esses são os primeiros passos para alcançarmos uma solução que seja duradoura e sustentável.

Temos trabalhado nessa direção. Nas Nações Unidas e em outros foros, temos tentado evitar o bloqueio dos canais de diálogo, causado pela polarização em torno do conflito. É nesse sentido que somos contra o isolamento diplomático e econômico.

As consequências do conflito já se fazem sentir nos preços mundiais de alimentos, de combustíveis e de outros insumos. Estes impactos nos colocam a todos na contramão dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Países que se apresentavam como líderes da economia de baixo carbono agora passaram a usar fontes sujas de energia. Isso configura um grave retrocesso para o meio ambiente.

Apoiamos todos os esforços para reduzir os impactos econômicos desta crise. Mas não acreditamos que o melhor caminho seja a adoção de sanções unilaterais e seletivas, contrárias ao Direito Internacional. Essas medidas têm prejudicado a retomada da economia e afetado direitos humanos de populações vulneráveis, inclusive em países da própria Europa.

A solução para o conflito na Ucrânia será alcançada somente pela negociação e pelo diálogo.

Faço aqui um apelo às partes, bem como a toda a comunidade internacional: não deixem escapar nenhuma oportunidade de pôr fim ao conflito e de garantir a paz. A estabilidade, a segurança e a prosperidade da humanidade correm sério risco se o conflito continuar.

Senhor Presidente, tenho sido um defensor incondicional da liberdade de expressão. Além disso, no meu governo, o Brasil tem trabalhado para trazer o direito à liberdade de religião para o centro da agenda internacional de direitos humanos. É essencial garantir que todos tenham o direito de professar e praticar livremente sua orientação religiosa, sem discriminação.

Quero aqui anunciar que o Brasil abre suas portas para acolher os padres e freiras católicos que tem sofrido cruel perseguição do regime ditatorial da Nicarágua. O Brasil repudia a perseguição religiosa em qualquer lugar do mundo.

Outros valores fundamentais para a sociedade brasileira, com reflexo na pauta dos direitos humanos, são a defesa da família, do direito à vida desde a concepção, à legítima defesa e o repúdio à ideologia de gênero.

Quero também destacar aqui a prioridade que temos atribuído à proteção das mulheres. Nosso esforço em sancionar mais de 70 normas legais sobre o tema desde o início de meu governo, em 2019, é prova cabal desse compromisso.

Combatemos a violência contra as mulheres com todo o rigor. Isso é parte da nossa prioridade mais ampla de garantir segurança pública a todos os brasileiros.

Os resultados aparecem em nosso governo: queda de 7,7% no número de feminicídios e diminuição do número geral de mortes por homicídio. Em 2017 eram 30 mortes por 100 mil habitantes. Agora são 19.

A violência no campo também caiu ao mesmo tempo em que aumentamos a regularização da propriedade da terra para os assentados. No meu governo, entregamos 400 mil títulos rurais, 80% deles para mulheres.

Trabalhamos no Brasil para que tenhamos mulheres fortes e independentes, para que possam chegar aonde elas quiserem. A Primeira Dama, Michelle Bolsonaro, trouxe novo significado ao trabalho de voluntariado desde 2019, com especial atenção aos portadores de deficiências e doenças raras.

Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, Senhoras e Senhores chefes de Estado e de governo, Senhoras e Senhores, neste 7 de setembro, o Brasil completou 200 anos de história como nação independente. Milhões de brasileiros foram às ruas, convocados pelo seu presidente, trajando as cores da nossa bandeira.

Foi a maior demonstração cívica da história do nosso país, um povo que acredita em Deus, Pátria, família e liberdade.

Muito obrigado.

ANEXO C – DISCURSO DE POSSE DE LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA, 2023

Quero começar fazendo uma saudação especial a cada um e a cada uma de vocês, uma forma de lembrar e retribuir o carinho e a força que recebi todos os dias do povo brasileiro representado pela vigília Lula Livre, num dos momentos mais difíceis da minha vida. Hoje, neste que é um dos dias mais felizes da minha vida, a saudação que eu faço a vocês não poderia ser outra, tão singela e ao mesmo tempo tão cheia de significado: Boa tarde, povo brasileiro!

Minha gratidão a vocês que enfrentaram a violência política antes, durante e depois da campanha eleitoral, que ocuparam as redes sociais e que tomaram as ruas debaixo de sol e chuva, nem que fosse para conquistar um único e precioso voto. Que tiveram a coragem de vestir a nossa camisa, e, ao mesmo tempo, agitar a bandeira do Brasil quando uma minoria violenta e antidemocrática tentava censurar nossas cores e se apropriar do verde e amarelo que pertence a todo povo brasileiro. A vocês que vieram de todos os cantos deste país, de perto ou de muito longe, de avião, de ônibus, de carro ou na boleia de um caminhão, de moto, bicicleta e até mesmo a pé, numa verdadeira caravana da esperança para esta festa da democracia.

Mas quero me dirigir também aos que optaram por outros candidatos. Vou governar para 215 milhões de brasileiros e brasileiras, e não apenas para quem votou em mim. Vou governar para todos e todas, olhando para o nosso luminoso futuro em comum e não pelo retrovisor de um passado de divisão e intolerância. A ninguém interessa um país em permanente pé de guerra, ou uma família vivendo em desarmonia. É hora de rearmos os laços com amigos e familiares, rompidos pelo discurso de ódio e pela disseminação de tantas mentiras. Chega de ódio, fake news, armas e bombas. Nosso povo quer paz para trabalhar, estudar, cuidar da família e ser feliz. A disputa eleitoral acabou.

Repito o que disse no meu pronunciamento após a vitória de 30 de outubro, sobre a necessidade de unir o país. Não existem dois Brasis. Somos um único país, um único povo, uma grande nação. Somos todos brasileiros e brasileiras, e compartilhamos uma mesma virtude. Nós não desistimos nunca. Ainda que nos arranquem todas as flores, uma por uma, pétala por pétala, nós sabemos que é sempre tempo de replantio e que a primavera há de chegar e a primavera já chegou. Hoje a alegria toma posse do Brasil de braços dados com a esperança.

Minhas queridas amigas e meus amigos, recentemente reli o discurso da minha primeira posse na Presidência em 2003, e o que li tornou ainda mais evidente o quanto o Brasil andou pra trás. Naquele primeiro de janeiro de 2003, aqui nesta mesma praça, eu e o meu querido vice José Alencar assumimos o compromisso de recuperar a dignidade e autoestima do povo brasileiro. E recuperamos. De investir para melhorar as condições de vida de quem mais

necessita e investimos. De cuidar com carinho da saúde e da educação, e cuidamos. Mas, o principal compromisso que assumimos em 2003 foi o de lutar contra a desigualdade e a extrema pobreza, e garantir a cada pessoa deste país o direito de tomar café da manhã, almoçar e jantar todo santo dia e nós cumprimos esse compromisso, acabamos com a fome e a miséria e reduzimos fortemente a desigualdade.

Minhas amigas e meus amigos, quando digo governar, eu quero dizer cuidar. Mais do que governar, vou cuidar com muito carinho deste país e do povo brasileiro. Nesses últimos anos o Brasil voltou a ser um dos países mais desiguais do mundo. Há muito tempo não víamos tamanho abandono e desalento nas ruas. Mães garimpando o lixo em busca de alimento para seus filhos. Famílias inteiras dormindo ao relento, enfrentando o frio, a chuva e o medo. Crianças vendendo bala ou pedindo esmola quando deveriam estar na escola vivendo plenamente a infância que tem direito. Trabalhadores e trabalhadoras desempregados, exibindo nos semáforos cartazes de papelão com a frase que nos envergonha a todos: "Por favor, me ajuda". Fila na porta dos açougues em busca de ossos para aliviar a fome, e, ao mesmo tempo, filas de espera para compra de automóveis importados e jatinhos particulares. Tamanho abismo social é um obstáculo a construção de uma sociedade verdadeiramente justa, democrática e de uma economia próspera e moderna.

Por isso eu e o meu companheiro vice Geraldo Alckmin assumimos hoje, diante de vocês e de todo povo brasileiro o compromisso de combater dia e noite todas as formas de desigualdade no nosso país. Desigualdade de renda, desigualdade de gênero e de raça, desigualdade no mercado de trabalho, na representação política, nas carreiras do Estado, desigualdade no acesso a saúde, a educação e demais serviços públicos. Desigualdade entre a criança que frequenta a melhor escola particular e a criança que engraxa sapato na rodoviária sem escola e sem futuro, entre a criança feliz com brinquedo que acabou de ganhar de presente e a criança que chora de fome na noite de Natal. Desigualdade entre quem joga comida fora e quem só se alimenta das sobras. É inadmissível que os 5% mais ricos deste país detenham a mesma fatia de renda que os demais 95% de pessoas. Que seis bilionários brasileiros tenham uma riqueza equivalente ao patrimônio dos cem milhões mais pobres do país. Que um trabalhador ou uma trabalhadora que ganha um salário mínimo mensal leve 19 anos para receber o equivalente a que um super rico recebe em um único mês. E não adianta subir o vidro do automóvel de luxo para não ver nossos irmãos que se amontoam debaixo dos viadutos, carentes de tudo. A realidade salta aos olhos em cada esquina.

Minhas amigas e meus amigos, é inaceitável que continuemos a conviver com o preconceito, a discriminação e o racismo. Somos um povo de muitas cores e todas devem ter

os mesmos direitos e oportunidades. Ninguém será cidadão ou cidadã de segunda classe, ninguém terá mais ou menos amparo do Estado, ninguém será obrigado a enfrentar mais ou menos obstáculos apenas pela cor da sua pele. Por isso estamos recriando o Ministério da Igualdade Racial, para enterrar a trágica herança do nosso passado escravista. Os povos indígenas precisam ter terras demarcadas e livres de ameaças de atividades econômicas ilegais e predatórias, precisam ter sua cultura preservada, sua dignidade respeitada, e sustentabilidade garantida. Eles não são obstáculo ao desenvolvimento. São guardiões de nossos rios e florestas e parte fundamental da nossa grandeza enquanto nação. Por isso estamos criando, estamos criando o Ministério dos Povos Indígenas para combater 500 anos de desigualdade. Não podemos continuar a conviver com a odiosa opressão imposta às mulheres, submetidas diariamente à violência nas ruas e dentro de suas próprias casas. É inadmissível que continuem a receber salários inferiores a dos homens, quando no exercício de uma mesma função elas precisam conquistar cada vez mais espaço nas instâncias dissuasórias deste país, na política, na economia, em todas áreas estratégicas. As mulheres devem ser o que elas quiserem ser, devem estar onde quiserem estar. Por isso estamos trazendo de volta o Ministério das Mulheres. Foi para combater a desigualdade e suas sequelas que nós vencemos a eleição. E esta será a grande marca do nosso governo, dessa luta fundamental surgirá um país transformado, um país grande e próspero, forte e justo, um país de todos por todos e para todos, um país generoso e solidário que não deixará ninguém para trás.

Minhas queridas companheiras e meus queridos companheiros, reassumo o compromisso de cuidar de todos os brasileiros e brasileiras, sobretudo daqueles que mais necessitam, de acabar outra vez com a fome neste país, de tirar o pobre da fila do osso para colocá-lo novamente no orçamento da União. Temos um imenso legado ainda vívido na memória de cada brasileiro e cada brasileira, beneficiário ou não das políticas públicas que fizeram uma revolução neste país. Mas não nos interessa viver do passado. Por isso, longe de qualquer saudosismo, nosso legado será sempre o espelho do futuro que vamos construir para este país. Em nossos governos o Brasil conciliou o crescimento econômico recorde com a maior inclusão social da história e se tornou a sexta maior economia do mundo, ao mesmo tempo em que 36 milhões de brasileiros e brasileiras saíram da extrema pobreza, geramos mais de 20 milhões de empregos com carteira assinada e todos os direitos assegurados. Reajustamos o salário mínimo sempre acima da inflação. Batemos recorde de investimento em educação, da creche à universidade, para fazer do Brasil exportador também de inteligência e conhecimento e não apenas o exportador de commodities e matéria-prima. Nós mais que dobramos o número de estudantes no ensino superior e abrimos a porta das universidades para a juventude pobre

deste país. Jovens brancos, negros e indígenas para que o diploma universitário era um sonho inalcançável tornarem-se doutores. Combatemos um dos grandes focos de desigualdade, o acesso a saúde, porque o direito a vida não pode ser refém da quantidade de dinheiro que se tem no banco. Fizemos o Farmácia Popular que forneceu medicamentos a quem mais precisava e o mais do que isso que levou atendimento a cerca de 60 milhões de brasileiros e brasileiras das periferias das grandes cidades e nos pontos mais remotos do Brasil. Criamos o Brasil sorridente para cuidar da saúde bucal de todos os brasileiros e brasileiras. Fortalecemos o nosso Sistema Único de Saúde. E quero aproveitar para fazer um agradecimento especial aos profissionais do SUS pela grandiosidade do trabalho durante a pandemia, enfrentado bravamente um vírus, um vírus letal e um governo irresponsável e desumano.

Infelizmente muito do que construímos em 13 anos foi destruído em menos da metade desse tempo. Primeiro pelo golpe contra a presidenta Dilma em 2016, e, na sequência, pelos quatro anos de um governo de destruição nacional cujo legado a história jamais perdoará: 700 mil brasileiros e brasileiras mortos pelo covid-19, 125 milhões sofrendo algum grau de insegurança alimentar de moderada a muito grave e 33 milhões passando fome. Estes são apenas alguns números que na verdade não são apenas números, estatísticas e indicadores. São pessoas, homens, mulheres e crianças vítimas de um desgoverno afinal derrotado pelo povo no histórico 30 de outubro de 2022. Os grupos técnicos do gabinete de transição coordenado pelo meu vice Alckmin que por dois meses mergulharam nas entranhas do governo anterior trouxeram a público a real dimensão da tragédia.

O que o povo brasileiro sofreu nesses últimos anos foi a lenta e progressiva construção de um verdadeiro genocídio. Quero citar a título de exemplo um pequeno trecho das cem páginas desse verdadeiro relatório do caos produzido pelo gabinete da transição. Diz o relatório: "O Brasil bateu recordes de feminicídio. As políticas de igualdade raciais sofreram severo retrocesso. Produziu-se desmonte da política da juventude e os direitos indígenas nunca foram tão ultrajados na história recente do país. Os livros didáticos que deverão ser usados no ano letivo de 2023 ainda não começaram a ser editados. Faltam remédios na farmácia popular, não há estoque de vacinas para o enfrentamento das novas variantes da covid-19. Faltam recursos para a compra de merenda escolar. As universidades corriam risco de não concluir o ano letivo. Não existe recurso para a Defesa Civil e a prevenção de acidentes e desastres. E quem está pagando a conta deste apagão é, outra vez, o povo brasileiro.

Meus amigos e minhas amigas, nesses últimos anos vivemos, sem dúvida, um dos piores períodos da nossa história, uma era de sombras, de incertezas e de muito sofrimento. Mas esse pesadelo chegou ao fim pelo voto soberano na eleição mais importante desde a

redemocratização do país. Uma eleição que demonstrou o compromisso do povo brasileiro com a democracia e suas instituições. Esta extraordinária vitória da democracia nos obriga a olhar para frente e esquecer nossas diferenças que são muito menores que aquilo que nos une para sempre: o amor pelo Brasil e a fé inquebrantável em nosso povo.

Agora é hora de reacendermos a chama da esperança, da solidariedade e do amor ao próximo. Agora é hora de voltar a cuidar do Brasil e do povo brasileiro, gerar empregos, reajustar o salário mínimo acima da inflação, baratear o preço dos alimentos, criar ainda mais vagas nas universidades, investir fortemente na saúde, na educação, na ciência e na cultura. Retomar as obras de infraestrutura do Minha Casa, Minha Vida, abandonadas pelo descaso do governo que se foi. É hora de trazer investimentos e reindustrializar o Brasil, combater outras vezes as mudanças climáticas e acabar de uma vez por todas com a devastação dos nossos biomas, sobretudo a nossa querida Amazônia. Romper com o isolamento internacional e voltar a se relacionar com todos os países do mundo. Não é hora para ressentimentos estéreis. Agora é hora de o Brasil olhar para frente e voltar a sorrir. Vamos virar esta página e escrever em conjunto um novo e decisivo capítulo da nossa história.

Nosso desafio comum é o da criação de um país justo, inclusivo, sustentável e criativo, democrático e soberano para todos os brasileiros e brasileiras. Fiz questão de dizer ao longo de toda campanha: o Brasil tem jeito. E volto a dizer com toda convicção, mesmo diante do quadro de destruição revelado pelo gabinete da transição: o Brasil tem jeito. Depende de nós, de todos nós. E vamos reconstruir este país.

Em meus quatro anos de mandato vamos trabalhar todos os dias para o Brasil vencer o atraso de mais de 350 anos de escravidão para recuperar o tempo e as oportunidades perdidas nesses últimos anos, para reconquistar seu lugar de destaque no mundo e para que cada brasileiro e cada brasileira tenha o direito de voltar a sonhar e as oportunidades para realizar aquilo que sonha. Precisamos todos juntos reconstruir e transformar o nosso querido país. Mas só reconstruiremos e transformaremos de fato esse país se lutarmos com todas as forças contra tudo aquilo que o torna tão desigual. Essa tarefa não pode ser de apenas um Presidente ou mesmo de um Governo, é urgente e necessária a formação de uma frente ampla contra a desigualdade que envolva a sociedade como um todo, trabalhadores, empresários, artistas, intelectuais, governadores, prefeitos, deputados, senadores, sindicatos, movimentos sociais, associações de classes, servidores públicos, profissionais liberais, líderes religiosos, cidadãos e cidadãs comum. Afinal, é tempo de união e reconstrução do nosso país. Por isso faço, esse chamamento a todos os brasileiros e brasileiras que desejam um Brasil mais justo, solidário e democrático. Juntem-se a nós num grande mutirão contra a desigualdade. Quero terminar

pedindo a cada um e a cada uma de vocês que a alegria de hoje seja a matéria-prima da luta de amanhã e de todos os dias que virão, que a esperança de hoje fermente o pão que há de repartido entre todos e que estejamos sempre pontos a reagir em paz e em ordem a quaisquer ataques de extremistas que queiram sabotar e destruir nossa democracia. Na luta pelo bem do Brasil usaremos as armas que os nossos adversários mais temem, a verdade que se sobrepôs a mentira, a esperança que venceu o medo e o amor que derrotou o ódio. Viva o Brasil e viva o povo brasileiro!

ANEXO D – PRONUNCIAMENTO DE LULA NA 78ª ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 2023

Meus cumprimentos ao Presidente da Assembleia Geral, Embaixador Dennis Francis, de Trinidad e Tobago.

É uma satisfação ser antecedido pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres.

Saúdo cada um dos Chefes de Estado e de Governo e delegadas e delegados presentes.

Presto minha homenagem ao nosso compatriota Sérgio Vieira de Mello e 21 outros funcionários desta Organização, vítimas do brutal atentado em Bagdá, há 20 anos.

Desejo igualmente expressar minhas condolências às vítimas do terremoto no Marrocos e das tempestades que atingiram a Líbia.

A exemplo do que ocorreu recentemente no estado do Rio Grande do Sul no meu país, essas tragédias ceifam vidas e causam perdas irreparáveis.

Nossos pensamentos e orações estão com todas as vítimas e seus familiares.

Senhoras e Senhores

Há vinte anos, ocupei esta tribuna pela primeira vez.

E disse, naquele 23 de setembro de 2003:

"Que minhas primeiras palavras diante deste Parlamento Mundial sejam de confiança na capacidade humana de vencer desafios e evoluir para formas superiores de convivência"

Volto hoje para dizer que mantenho minha inabalável confiança na humanidade.

Naquela época, o mundo ainda não havia se dado conta da gravidade da crise climática.

Hoje, ela bate às nossas portas, destrói nossas casas, nossas cidades, nossos países, mata e impõe perdas e sofrimentos a nossos irmãos, sobretudo os mais pobres.

A fome, tema central da minha fala neste Parlamento Mundial 20 anos atrás, atinge hoje 735 milhões de seres humanos, que vão dormir esta noite sem saber se terão o que comer amanhã.

O mundo está cada vez mais desigual.

Os 10 maiores bilionários possuem mais riqueza que os 40% mais pobres da humanidade.

O destino de cada criança que nasce neste planeta parece traçado ainda no ventre de sua mãe.

A parte do mundo em que vivem seus pais e a classe social à qual pertence sua família irão determinar se essa criança terá ou não oportunidades ao longo da vida.

Se irá fazer todas as refeições ou se terá negado o direito de tomar café da manhã, almoçar e jantar diariamente.

Se terá acesso à saúde, ou se irá sucumbir a doenças que já poderiam ter sido erradicadas.

Se completará os estudos e conseguirá um emprego de qualidade, ou se fará parte da legião de desempregados, subempregados e desalentados que não para de crescer.

É preciso antes de tudo vencer a resignação, que nos faz aceitar tamanha injustiça como fenômeno natural.

Para vencer a desigualdade, falta vontade política daqueles que governam o mundo.

Senhores e senhoras

Se hoje retorno na honrosa condição de presidente do Brasil, é graças à vitória da democracia em meu país.

A democracia garantiu que superássemos o ódio, a desinformação e a opressão.

A esperança, mais uma vez, venceu o medo.

Nossa missão é unir o Brasil e reconstruir um país soberano, justo, sustentável, solidário, generoso e alegre.

O Brasil está se reencontrando consigo mesmo, com nossa região, com o mundo e com o multilateralismo.

Como não me canso de repetir, o Brasil está de volta.

Nosso país está de volta para dar sua devida contribuição ao enfrentamento dos principais desafios globais.

Resgatamos o universalismo da nossa política externa, marcada por diálogo respeitoso com todos.

A comunidade internacional está mergulhada em um turbilhão de crises múltiplas e simultâneas: a pandemia da Covid-19; a crise climática; e a insegurança alimentar e energética ampliadas por crescentes tensões geopolíticas.

O racismo, a intolerância e a xenofobia se alastraram, incentivadas por novas tecnologias criadas supostamente para nos aproximar.

Se tivéssemos que resumir em uma única palavra esses desafios, ela seria desigualdade.

A desigualdade está na raiz desses fenômenos ou atua para agravá-los.

A mais ampla e mais ambiciosa ação coletiva da ONU voltada para o desenvolvimento – a Agenda 2030 – pode se transformar no seu maior fracasso.

Estamos na metade do período de implementação e ainda distantes das metas definidas.

A maior parte dos objetivos de desenvolvimento sustentável caminha em ritmo lento.

O imperativo moral e político de erradicar a pobreza e acabar com a fome parece estar anestesiado.

Nesses sete anos que nos restam, a redução das desigualdades dentro dos países e entre eles deveria se tornar o objetivo-síntese da Agenda 2030.

Reduzir as desigualdades dentro dos países requer incluir os pobres nos orçamentos nacionais e fazer os ricos pagarem impostos proporcionais ao seu patrimônio.

No Brasil, estamos comprometidos a implementar todos os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, de maneira integrada e indivisível.

Queremos alcançar a igualdade racial na sociedade brasileira por meio de um décimo oitavo objetivo que adotaremos voluntariamente.

Lançamos o plano Brasil sem Fome, que vai reunir uma série de iniciativas para reduzir a pobreza e a insegurança alimentar.

Entre elas, está o Bolsa Família, que se tornou referência mundial em programas de transferência de renda para famílias que mantêm suas crianças vacinadas e na escola.

Inspirados na brasileira Bertha Lutz, pioneira na defesa da igualdade de gênero na Carta da ONU, aprovamos a lei que torna obrigatória a igualdade salarial entre mulheres e homens no exercício da mesma função.

Combateremos o feminicídio e todas as formas de violência contra as mulheres.

Seremos rigorosos na defesa dos direitos de grupos LGBTQI+ e pessoas com deficiência.

Resgatamos a participação social como ferramenta estratégica para a execução de políticas públicas.

Senhor presidente

Agir contra a mudança do clima implica pensar no amanhã e enfrentar desigualdades históricas.

Os países ricos cresceram baseados em um modelo com altas taxas de emissões de gases danosos ao clima.

A emergência climática torna urgente uma correção de rumos e a implementação do que já foi acordado.

Não é por outra razão que falamos em responsabilidades comuns, mas diferenciadas.

São as populações vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelas perdas e danos causados pela mudança do clima.

Os 10% mais ricos da população mundial são responsáveis por quase a metade de todo o carbono lançado na atmosfera.

Nós, países em desenvolvimento, não queremos repetir esse modelo.

No Brasil, já provamos uma vez e vamos provar de novo que um modelo socialmente justo e ambientalmente sustentável é possível.

Estamos na vanguarda da transição energética, e nossa matriz já é uma das mais limpas do mundo.

87% da nossa energia elétrica provem de fontes limpas e renováveis.

A geração de energia solar, eólica, biomassa, etanol e biodiesel cresce a cada ano.

É enorme o potencial de produção de hidrogênio verde.

Com o Plano de Transformação Ecológica, apostaremos na industrialização e infraestrutura sustentáveis.

Retomamos uma robusta e renovada agenda amazônica, com ações de fiscalização e combate a crimes ambientais.

Ao longo dos últimos oito meses, o desmatamento na Amazônia brasileira já foi reduzido em 48%.

O mundo inteiro sempre falou da Amazônia. Agora, a Amazônia está falando por si.

Sediamos, há um mês, a Cúpula de Belém, no coração da Amazônia, e lançamos nova agenda de colaboração entre os países que fazem parte daquele bioma.

Somos 50 milhões de sul-americanos amazônidas, cujo futuro depende da ação decisiva e coordenada dos países que detêm soberania sobre os territórios da região.

Também aprofundamos o diálogo com outros países detentores de florestas tropicais da África e da Ásia.

Queremos chegar à COP 28 em Dubai com uma visão conjunta que reflita, sem qualquer tutela, as prioridades de preservação das bacias Amazônica, do Congo e do Bornéu-Mekong a partir das nossas necessidades.

Sem a mobilização de recursos financeiros e tecnológicos não há como implementar o que decidimos no Acordo de Paris e no Marco Global da Biodiversidade.

A promessa de destinar 100 bilhões de dólares – anualmente – para os países em desenvolvimento permanece apenas isso, uma promessa.

Hoje esse valor seria insuficiente para uma demanda que já chega à casa dos trilhões de dólares.

Senhor presidente

O princípio sobre o qual se assenta o multilateralismo – o da igualdade soberana entre as nações – vem sendo corroído.

Nas principais instâncias da governança global, negociações em que todos os países têm voz e voto perderam fôlego.

Quando as instituições reproduzem as desigualdades, elas fazem parte do problema, e não da solução.

No ano passado, o FMI disponibilizou 160 bilhões de dólares em direitos especiais de saque para países europeus, e apenas 34 bilhões para países africanos.

A representação desigual e distorcida na direção do FMI e do Banco Mundial é inaceitável.

Não corrigimos os excessos da desregulação dos mercados e da apologia do Estado mínimo.

As bases de uma nova governança econômica não foram lançadas.

O BRICS surgiu na esteira desse imobilismo, e constitui uma plataforma estratégica para promover a cooperação entre países emergentes.

A ampliação recente do grupo na Cúpula de Joanesburgo fortalece a luta por uma ordem que acomode a pluralidade econômica, geográfica e política do século 21.

Somos uma força que trabalha em prol de um comércio global mais justo num contexto de grave crise do multilateralismo.

O protecionismo dos países ricos ganhou força e a Organização Mundial do Comércio permanece paralisada, em especial o seu sistema de solução de controvérsias.

Ninguém mais se recorda da Rodada do Desenvolvimento de Doha.

Nesse ínterim, o desemprego e a precarização do trabalho minaram a confiança das pessoas em tempos melhores, em especial os jovens.

Os governos precisam romper com a dissonância cada vez maior entre a “voz dos mercados” e a “voz das ruas”.

O neoliberalismo agravou a desigualdade econômica e política que hoje assola as democracias.

Seu legado é uma massa de deserdados e excluídos.

Em meio aos seus escombros surgem aventureiros de extrema direita que negam a política e vendem soluções tão fáceis quanto equivocadas.

Muitos sucumbiram à tentação de substituir um neoliberalismo falido por um nacionalismo primitivo, conservador e autoritário.

Repudiamos uma agenda que utiliza os imigrantes como bodes expiatórios, que corrói o Estado de bem-estar e que investe contra os direitos dos trabalhadores.

Precisamos resgatar as melhores tradições humanistas que inspiraram a criação da ONU. Políticas ativas de inclusão nos planos cultural, educacional e digital são essenciais para a promoção dos valores democráticos e da defesa do Estado de Direito.

É fundamental preservar a liberdade de imprensa.

Um jornalista, como Julian Assange, não pode ser punido por informar a sociedade de maneira transparente e legítima.

Nossa luta é contra a desinformação e os crimes cibernéticos.

Aplicativos e plataformas não devem abolir as leis trabalhistas pelas quais tanto lutamos.

Ao assumir a presidência do G20 em dezembro próximo, não mediremos esforços para colocar no centro da agenda internacional o combate às desigualdades em todas as suas dimensões.

Sob o lema "Construindo um Mundo Justo e um Planeta Sustentável", a presidência brasileira vai articular inclusão social e combate à fome; desenvolvimento sustentável e reforma das instituições de governança global.

Senhor presidente,

Não haverá sustentabilidade nem prosperidade sem paz.

Os conflitos armados são uma afronta à racionalidade humana.

Conhecemos os horrores e os sofrimentos produzidos por todas as guerras.

A promoção de uma cultura de paz é um dever de todos nós. Construí-la requer persistência e vigilância.

É perturbador ver que persistem antigas disputas não resolvidas e que surgem ou ganham vigor novas ameaças.

Bem o demonstra a dificuldade de garantir a criação de um Estado para o povo palestino.

A este caso se somam a persistência da crise humanitária no Haiti, o conflito no Iêmen, as ameaças à unidade nacional da Líbia e as rupturas institucionais em Burkina Faso, Gabão, Guiné-Conacri, Mali, Níger e Sudão.

Na Guatemala, há o risco de um golpe, que impediria a posse do vencedor de eleições democráticas.

A guerra da Ucrânia escancara nossa incapacidade coletiva de fazer prevalecer os propósitos e princípios da Carta da ONU.

Não subestimamos as dificuldades para alcançar a paz.

Mas nenhuma solução será duradoura se não for baseada no diálogo.

Tenho reiterado que é preciso trabalhar para criar espaço para negociações.

Investe-se muito em armamentos e pouco em desenvolvimento.

No ano passado os gastos militares somaram mais de 2 trilhões de dólares.

As despesas com armas nucleares chegaram a 83 bilhões de dólares, valor vinte vezes superior ao orçamento regular da ONU.

Estabilidade e segurança não serão alcançadas onde há exclusão social e desigualdade.

A ONU nasceu para ser a casa do entendimento e do diálogo.

A comunidade internacional precisa escolher:

De um lado, está a ampliação dos conflitos, o aprofundamento das desigualdades e a erosão do Estado de Direito.

De outro, a renovação das instituições multilaterais dedicadas à promoção da paz.

As sanções unilaterais causam grande prejuízo à população dos países afetados.

Além de não alcançarem seus alegados objetivos, dificultam os processos de mediação, prevenção e resolução pacífica de conflitos.

O Brasil seguirá denunciando medidas tomadas sem amparo na Carta da ONU, como o embargo econômico e financeiro imposto a Cuba e a tentativa de classificar esse país como Estado patrocinador de terrorismo.

Continuaremos críticos a toda tentativa de dividir o mundo em zonas de influência e de reeditar a Guerra Fria.

O Conselho de Segurança da ONU vem perdendo progressivamente sua credibilidade.

Essa fragilidade decorre em particular da ação de seus membros permanentes, que travam guerras não autorizadas em busca de expansão territorial ou de mudança de regime.

Sua paralisia é a prova mais eloquente da necessidade e urgência de reformá-lo, conferindo-lhe maior representatividade e eficácia.

Senhoras e senhores

A desigualdade precisa inspirar indignação.

Indignação com a fome, a pobreza, a guerra, o desrespeito ao ser humano.

Somente movidos pela força da indignação poderemos agir com vontade e determinação para vencer a desigualdade e transformar efetivamente o mundo a nosso redor.

A ONU precisa cumprir seu papel de construtora de um mundo mais justo, solidário e fraterno.

Mas só o fará se seus membros tiverem a coragem de proclamar sua indignação com a desigualdade e trabalhar incansavelmente para superá-la.

Muito obrigado.